

Lucas Francis e Silva Ong

O SENTIDO DO USO DO ÁLCOOL PARA JOVENS
UNIVERSITÁRIOS DE 1º E 4º ANO

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2010

Lucas Francis e Silva Ong

O SENTIDO DO USO DO ÁLCOOL PARA JOVENS
UNIVERSITÁRIOS DE 1º E 4º ANO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
exigência parcial para a graduação no curso de
psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Sodelli

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2010

*Quem não sabe povoar a própria
solidão tampouco há de saber estar
sozinho em meio a uma multidão
atarefada.*

(Charles Baudelaire)

*Retira-te para dentro de ti mesmo,
sobretudo quando precisares de
companhia.*

(Epicuro)

Agradecimentos

À Marose, pela educação que tenho e pelo suporte constante.

Ao Daniel, pelo companheirismo que apenas um irmão pode proporcionar.

Ao Marcelo Sodelli, menos como orientador e mais como amigo, por possibilitar e apoiar meu crescimento como pesquisador e estudante.

Ao Guilherme, pelas ricas discussões fenomenológicas.

Ao Victor, pela amizade de absolutamente todas as horas.

Ao Filipe, por tornar a graduação mais prazerosa.

À Sophia, pela companhia meiga e constante.

À Isadora, pelo carinho e acolhimento.

A todos os alunos que participaram das entrevistas, pela disponibilidade e seriedade.

RESUMO

ONG, Lucas Francis e Silva. O Sentido do uso do álcool para jovens universitários de 1º e 4º ano, 149fls. Trabalho de conclusão de curso. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Sodelli. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2010.

A presente pesquisa é um estudo sobre o sentido do uso do álcool para jovens universitários de primeiro e quarto ano. Por meio do referencial teórico-metodológico da fenomenologia-existencial, utilizando o método desconstrutivo-construtivo, este trabalho pretende compreender o(s) sentido(s) deste uso, cada vez mais preocupante não só na realidade brasileira, mas global. Realiza-se uma aproximação de sentidos acerca do uso do álcool entre universitários nas diferentes etapas da graduação (início e fim), na qual a ausência de reflexão no que converge ao uso do álcool mostra-se como tema central, possibilitando uma análise crítica a partir de um viés fenomenológico existencial, fazendo uso do pensamento de Martin Heidegger. São analisados outros fatores significativos a esta pesquisa, como a influência da campanha proibicionista na postura da sociedade em relação às drogas lícitas, assim como a cristalização da cultura do álcool. Após uma revisão bibliográfica e realização de uma pesquisa de campo, fazendo uso da entrevista reflexiva coletiva, é objetivo final possibilitar o apontamento de diretrizes para a elaboração de um projeto preventivo que reduza a vulnerabilidade destes jovens para com o uso abusivo e/ou nocivo do álcool.

Palavras-chave – álcool, drogas, universitários, fenomenologia, Martin Heidegger.

Sumário

1. Introdução	8
1.1. Trajetória	8
1.2. Breve histórico do uso do álcool	9
1.3. O uso do álcool hoje	12
1.4. Problema de pesquisa.....	14
1.5 Método	15
1.6 A Entrevista	16
1.7 Análise das entrevistas.....	17
2. Álcool e universitários.....	19
2.1 Álcool e juventude	19
2.2 O contexto universitário.....	20
3. A política proibicionista e o consumo do álcool.....	27
4. Compreensão fenomenológica acerca do uso do álcool	35
4.1 Sobre fenomenologia	35
4.2 Sobre o pensamento de Martin Heidegger.....	38
4.3 Que é sentido?.....	39
4.4 O uso do álcool sob uma perspectiva fenomenológico-existencial	40
5. Apresentação dos focos de análise da entrevista com o 1º ano.....	44
6. O modo de ser do 1º na entrevista	60
7. Apresentação dos focos de análise da entrevista com o 4º ano.....	67
8. O modo de ser do 4º na entrevista.....	85
9. Discussão: aproximando sentidos	90

10. Considerações finais	100
Referências	104
Anexos.....	110

1 Introdução

1.1 Trajetória

O interesse pela temática investigada nesta pesquisa, um trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação em psicologia, é anterior à sua elaboração. O tema álcool e drogas já foi estudado em oportunidades anteriores ao da presente pesquisa. Possuo, portanto, uma breve experiência em pesquisas e trabalhos relacionados a substâncias psicoativas, assim como uma certa familiaridade com o método compreensivo fenomenológico.

Realizei no período de Agosto de 2008 a Julho de 2009 uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) com o tema “*A compreensão do aluno sobre a prevenção ao uso de risco e dependência de drogas na escola*”¹, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Sodelli, onde pude iniciar um estudo mais profundo do tema “drogas e prevenção”, podendo assim transcender a concepção básica acerca do assunto, compreendendo a complexidade envolvida, abandonando a simplicidade midiática amplamente divulgada.

Nesta pesquisa, não só pude ganhar experiência nesta área (drogas e prevenção), mas também no método de pesquisa fenomenológico, através da entrevista reflexiva coletiva. Não só a aplicação desta foi realizada diversas vezes, mas uma análise minuciosa das transcrições, compreendendo desvelamentos e ocultações muitas vezes sutis, utilizando o pensamento fenomenológico existencial, através de uma analítica do sentido.

De Agosto a Dezembro de 2009, elaborei e coloquei em prática um projeto de redução de vulnerabilidades ao uso nocivo do álcool. O projeto tem como público alvo portadores de HIV/AIDS e Hepatite no ambulatório de doenças infecciosas e parasitárias (DIPA-UNIFESP), sob a supervisão da Profa. Dra. Edna Maria Severino Peters Cahale. Seu objetivo primeiro foi alertar os usuários deste serviço à nocividade do álcool, que muitas é vezes ignorada, enquanto a

¹ ALENCAR, C.; ONG, L. F. S.; TEBET, R.; VILELA, L. **Entre mitos e verdades: a compreensão do aluno sobre a prevenção ao uso de risco e dependência de drogas na escola**. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2009.

maior preocupação seja voltada às drogas ilícitas. Foi proposta também uma reflexão quanto ao próprio consumo do álcool, visando um uso mais controlado, não abusivo ou nocivo, que muitas vezes interfere no tratamento medicamentoso (ocasionando o insucesso) e/ou é diretamente responsável pela transmissão de doenças sexualmente transmissíveis.

Ao término destes dois trabalhos, além de entrar em contato com uma nova abordagem preventiva, a abordagem de redução de danos, cresceu o meu interesse no tema “drogas” e “práticas preventivas”, principalmente relacionado à influência da abordagem proibicionista e suas implicações práticas na sociedade, que em parte é refletido no atual uso do álcool.

Chego ao tema da atual pesquisa através deste contínuo interesse, impulsionado pelo recente fenômeno da popularização do uso do álcool, que muitas vezes é visto como uma substância associada à diversão e festividades, principalmente entre os adolescentes e jovens adultos, e não é visto como uma droga detentora de nocividade como as demais. As consequências de seu uso em nossa sociedade são devastadoras, e apesar de diversas pesquisas quantitativas, pesquisas qualitativas que compreendam o usuário e o sentido do uso são escassas.

1.2 Breve histórico do uso do álcool

*Dai bebida forte aos que perecem e vinho, aos
amargurados de espírito; para que bebam, e se
esqueçam da sua pobreza, e de suas fadigas
não se lembrem mais.
(Provérbios 31:6-7)*

A história da civilização humana revela que o uso de substâncias psicoativas mostra-se quase tão antigo quanto ela própria. O álcool encontra-se entre as drogas que são usadas desde os tempos mais remotos em diferentes sociedades e presentes nas mais distintas culturas. O consumo do álcool sempre foi essencialmente global, evidenciando uma relativa facilidade em sua produção. Nota-se que não apenas o uso de álcool, mas também a embriaguez acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos (ANTHONY, 2009).

A bebida alcoólica começou a ser produzida de modo intencional no período Paleolítico, já que é possível identificar vasos rudimentares desta época com evidências do aproveitamento e

uso de bebidas alcoólicas, produzidas a partir de um processo de fermentação natural². Devido a isso, tinham um baixo teor alcoólico, uma vez que era obtido através da fermentação de frutas e vegetais cultivados localmente (apenas com o desenvolvimento do processo de destilação começaram, a surgir as primeiras bebidas com um maior teor alcoólico). Com o passar dos anos, a civilização humana passou a consumir e a atribuir diferentes significados ao uso do álcool. Diversas civilizações antigas como a celta, grega, romana, egípcia e babilônica deixaram para a posteridade fortes vestígios de produção e consumo de bebidas alcoólicas.

Um exemplo do uso do álcool registrado em períodos remotos está presente no Velho Testamento (Gênesis 9:21), onde Noé, após o dilúvio, plantou vinha, e após seu cultivo e colheita, produziu vinho. Após bebê-lo, Noé gritou, tirou a roupa e ficou inconsciente ("Bebendo do vinho, embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda"). Momentos depois, seu filho Cam o encontrou caído, e com uma capa cobriu a nudez do pai. Foi um dos primeiros relatos que se tem conhecimento de um caso de embriaguez.

Em outro exemplo, já no Novo Testamento, Jesus transforma cerca 560 de litros de água em vinho (João 2:1-11). Este episódio deu-se numa festa de casamento na Galiléia, episódio no qual o vinho acabou antes do término da comemoração. Jesus ordena que fossem enchidos seis recipientes com água até a borda, e os transforma em vinho da melhor qualidade.

Mais do que provas concretas do uso do álcool, há evidências de embriaguez: a festa é considerada bem sucedida pelo noivo, onde o álcool servido no final foi ainda melhor do que o servido no início: "Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora"³.

Em um período posterior, na Grécia Antiga, o dramaturgo grego Eurípedes (484 a.C.-406 a.C.) ressalta a importância de duas divindades para os humanos: Deméter, a deusa da agricultura, fonte dos alimentos sólidos para nutrir os humanos, e Dionísio, o Deus do vinho e da festa (Baco para os Romanos), fonte do álcool e da diversão (VAILLANT, 1983). Mas apesar do vinho participar ativamente das celebrações sociais e religiosas greco-romanas, o abuso de álcool e a embriaguez alcoólica já eram censurados pelos dois povos. Possivelmente, uma das primeiras

² Idem.

³ Era prática comum neste tipo de ocasião servir o melhor vinho no início, onde as pessoas encontram-se com um nível maior de exigência, deixando o vinho de pior qualidade para o final, devido à menor exigência dos convidados já embriagados.

civilizações a se preocupar com os perigos do uso abusivo do álcool foi, a greco-romana, onde a moderação e cuidado com o álcool era uma questão ética, e não médica (SODELLI, 2006).

A bebida alcoólica permanece como uma droga que é obtida de modo artesanal até a Revolução Industrial, onde deixa de ser produzida apenas de modo caseiro e passa a ser produzida em larga escala, o que aumentou consideravelmente o número de consumidores e, por consequência, os problemas sociais causados pelo abuso no consumo do álcool. A comercialização de diversos tipos de bebidas alcoólicas cresce durante este período, assim como sua regulamentação. A preocupação com os excessos do álcool passa a tomar outras proporções. A intoxicação alcoólica e o uso abusivo deixam de ser apenas condenados pela igreja e passam a ser considerados um pecado por esta instituição. Durante o século XX, países como a França passam a estabelecer a maioridade de 18 anos para o consumo de álcool, e em janeiro de 1920, o estado Americano decreta a Lei Seca, que teve duração de 13 anos (VAILLANT, 1983).

SODELLI (2006) explica que nesta época, um movimento social anti-drogas, ganhava força nos EUA. Direcionada principalmente ao combate do alcoolismo, este movimento desempenhou um papel importante na caracterização do alcoolismo como doença e na formação estigmatizada da imagem do bebedor. O auge da força política deste movimento foi a aprovação da “Lei Seca” pelo Congresso dos Estados Unidos, que proibia a manufatura, transporte, importação e exportação, comercialização e o consumo de bebidas alcoólicas, em todo o país.

Durante os treze anos em que vigorou a lei Seca, o que se presenciou foi o aumento das atividades criminosas; a exploração da produção e venda clandestina do álcool; a violência e a corrupção policial. Houve o fortalecimento e a expansão do crime organizado. Constatado o insucesso em eliminar (ou diminuir) o consumo do álcool nos EUA, a “Lei Seca” foi revogada, e por muitos é, considerada um desastre para a saúde pública e economia americana⁴.

Posteriormente, nas últimas décadas, a concepção do alcoolismo passa a tomar a forma atual, sendo veiculada a outras psicopatologias. No ano de 1952, com a primeira edição do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), o alcoolismo passou a ser tratado como doença. No ano de 1967, o conceito de doença do alcoolismo foi incorporado pela Organização Mundial de Saúde à Classificação Internacional das Doenças (CID-8), a partir da 8ª Conferência Mundial de Saúde. No CID-8, os problemas relacionados ao uso de álcool foram inseridos dentro de uma categoria mais ampla de transtornos de personalidade e de neuroses. Esses problemas

⁴ Idem.

foram divididos em três categorias: *dependência*, *episódios de beber excessivo* (abuso) e *beber excessivo habitual*. A dependência de álcool foi caracterizada pelo uso compulsivo de bebidas alcoólicas e pela manifestação de sintomas de abstinência após a cessação do uso de álcool (VAILLANT, 1983).

Hoje, o alcoolismo não só é considerado uma doença, como recai sobre o alcoolista um estigma criado e difundido durante as últimas décadas, de um bebedor acomodado, fraco e irresponsável, ao passo que a bebida alcoólica, a mesma consumida pelo alcoolista, é associada à diversão, à sociabilidade. Forma-se então um quadro preocupante, resultante do uso do álcool em larga escala em âmbito global, que passa muitas vezes despercebido.

1.3 O uso do álcool hoje

Apesar de o álcool ser consumido desde os tempos mais remotos pelas mais diversas sociedades humanas, o fenômeno do abuso do álcool nunca foi tão observado. Uma pesquisa feita nas 24 maiores cidades no estado de São Paulo aponta que a prevalência da dependência alcoólica aumentou de 6,6% para 9,4% em um período de dois anos apenas (ANDRADE et al., 2009). Mesmo com as recentes pesquisas desenvolvidas e a produção crescente de um conhecimento científico específico discorrendo sobre diversos temas, o álcool nunca foi tão consumido. Pesquisas relacionadas ao uso do álcool e suas consequências aparentemente têm maior repercussão em âmbito teórico, obtendo aplicação prática limitada.

Segundo ANTHONY (2009), cerca de dois bilhões de pessoas consomem bebidas alcoólicas, aproximadamente 2 em cada 5 da população mundial acima de 15 anos. Há estimativas que até 2,5 milhões de pessoas morrem anualmente devido ao uso do álcool devido às mais diversas causas, como intoxicações agudas, cirrose hepática, violência e acidentes automobilísticos, entre outras causas. ANDRADE E OLIVEIRA (2009) explicam ainda que o consumo de álcool pode agir como um potencial agente de doença e mortalidade, podendo ser responsabilizado em âmbito mundial por 3,2% de todas as mortes, e por 4% de todos os anos de vida perdidos.

BALTIERI E CORTEZ (2009) apontam outra consequência devastadora do uso do álcool. Este, de maneira geral, está relacionado a 50% de todos os homicídios e 30% de todos os

suicídios ou tentativas. O consumo nocivo do álcool, especialmente quando se faz presente o uso abusivo, representa um risco latente para a emissão de comportamentos violentos, como por exemplo, crimes sexuais e violência familiar. Tal comportamento pode ser relacionado com o uso do álcool, já que este acarreta desinibição e/ou prejuízo cognitivo, e ambos podem compartilhar de um terceiro fator agravante, como uma personalidade já agressiva, ou desvantagens sociais, podendo ser a causa direta de um crime.

O consumo do álcool também está relacionado com a maioria dos acidentes automobilísticos, sendo mais prevalente que as drogas ilícitas. LEYTON, PONCE e ANDREUCCETTI (2009) indicam que o uso do álcool, mesmo em pequenas doses, pode ocasionar alterações cognitivas comportamentais, tornando os usuários do álcool mais vulneráveis a acidentes no trânsito, já que os sintomas da intoxicação alcoólica são incompatíveis com o ato de dirigir. Em casos de alcoolemia⁵ positiva, as chances de a vítima ter se acidentado no trânsito é 4,9 vezes maior que em acidentes diversos.

Segundo ANDRADE et al. (2009) a realidade brasileira é ainda mais alarmante, se comparada com a média dos demais países. O consumo de álcool *per capita*, conforme aponta uma pesquisa realizada em 2004, estima em 8,32 litros de álcool puro por adulto, mais de 2.5 litros acima da média mundial. Este uso exacerbado tem suas consequências na realidade brasileira, como 50% das hospitalizações psiquiátricas serem relacionadas ao consumo/dependência de álcool. MALBERGIER E CARDOSO (2009) apontam ainda outra consequência: muitos portadores do vírus do HIV têm sua contaminação relacionada ao uso do álcool, já que este aumenta a vulnerabilidade do usuário a emitir comportamentos sexuais de risco. Pessoas que consomem bebidas alcoólicas possuem duas vezes mais chances de contrair o vírus da imunodeficiência humana, entre muitas outras doenças sexualmente transmissíveis. Quantias exorbitantes são gastas anualmente com saúde pública em decorrência das consequências devastadoras do uso do álcool.

HECKMANN E SILVEIRA (2009) apontam que o consumo de álcool na sociedade contemporânea é visto predominantemente de forma positiva, dificultando o reconhecimento de um determinado padrão de consumo como doença e uma possível mobilização para diminuir os índices preocupantes decorrentes das consequências do uso. Há ainda outro fator que dificulta o tratamento e a iniciativa de medidas preventivas: a dualidade moral presente no consumo do

⁵ Denomina-se alcoolemia a concentração de etanol no sangue.

álcool. Há uma perspectiva que promove, com a ajuda da publicidade, o uso moderado do álcool: “*beba com moderação*” ou “*se beber, não dirija*”. Há também outra visão que discrimina o consumo excessivo, o uso abusivo/nocivo, utilizando o estigma do “alcoólico”, já cristalizado em nossa cultura. Esta dupla abordagem acerca do uso do álcool confunde o consumidor, que muitas vezes não enxerga a própria dependência como problemática, e esquiva-se de um necessário tratamento. Muitos consumidores sequer caracterizam a bebida alcoólica como uma droga.

Mais do que uma realidade alarmante, as conseqüências do álcool à sociedade atual são pouco visíveis para a grande maioria. Embora apenas o uso abusivo seja entendido como uma preocupação, este, muitas vezes tem se associado diretamente à diversão, principalmente entre os jovens. ANDRADE et al. (2006) identificou que álcool está entre as substâncias mais consumidas no meio universitário, com uma alta prevalência do uso nos últimos 12 meses 82,3%. Este uso massivo expõe a necessidade de trabalhos que não apenas apreendam mensurações e dados estatísticos sobre o uso e conseqüências do álcool, mas também o sentido deste uso.

É de extrema relevância para o presente estudo artigos e livros já existentes que abordam de modo amplo a questão do uso de álcool nas universidades. Será discutida também a questão do proibicionismo, já enraizado e cristalizado na cultura de diversos países, sendo o Brasil um deles.

1.4 Problema de pesquisa

O foco da presente pesquisa é o sentido do uso do álcool para estudantes universitários de psicologia do primeiro e quarto ano de uma universidade particular de São Paulo.

FRANCA E COLARES (2008) afirmam que há diferenças entre estudantes universitários no início e no final do curso no que diz respeito a condutas de saúde, relacionadas diretamente ao consumo de álcool/outras drogas e comportamentos conseqüentes a isto, como comportamento sexual de risco. É objetivo desta pesquisa não só apontar as diferenças observadas, como compreender o sentido desta diversificação. Após tal desvelamento, torna-se possível a elaboração de diretrizes para um projeto preventivo e redutor de vulnerabilidades a um uso abusivo/nocivo do álcool, frente à especificidade do contexto universitário.

1.5 Método

Foram selecionados dois grupos compostos por seis a oito estudantes do curso de Psicologia de uma universidade particular (classe A/B) de São Paulo, sendo o primeiro grupo formado por estudantes do 1º ano (2º semestre), e o segundo grupo formado por estudantes do 4º ano (8º semestre), todos estudantes de psicologia. Os participantes foram selecionados de modo aleatório para a formação de um grupo para entrevista reflexiva coletiva, estudantes estes na faixa etária de 18 a 25 anos.

Como recurso metodológico, foi utilizada a entrevista reflexiva coletiva. Tal procedimento apresentará significativa importância na produção desta pesquisa.

Como explica SZYMANSKY (2004, p.14):

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto à busca de horizontalidade.

SODELLI (2006) afirma que a escolha deste procedimento de entrevista está balizada em diversos aspectos. Inicialmente porque é um procedimento totalmente compatível com o pensamento fenomenológico existencial, referencial adotado neste trabalho; e está adequado aos objetivos desta pesquisa.

Sobre a escolha de realizar entrevistas coletivas e não individuais, lembra MINAYO (1993) que esta modalidade é bastante significativa, pelo aprofundamento qualitativo de questões socializáveis e pela possibilidade de se trabalhar com grupos semelhantes e distintos. A entrevista deverá privilegiar sujeitos que possuam os atributos que o pesquisador pretende compreender. Logo, o pesquisador deve escolher um grupo que deve apresentar um conjunto de experiências e expressões que se pretende conhecer na pesquisa.

A configuração grupal permite que cada integrante reflita não só sobre sua própria perspectiva de um tema específico, mas que entre em contato com outras perspectivas, possibilitando um pensamento meditante e reflexivo acerca das questões trazidas à discussão.

A escolha deste método está baseada, principalmente, no entendimento de que a entrevista coletiva é um método que facilita a discussão, oferecendo a oportunidade de articulação e

construção do conhecimento. Toda entrevista é fundamentalmente uma situação de interação humana, constituindo-se numa situação de organização de idéias e de construção de um discurso para um interlocutor (SZYMANSKI , 1998). A discussão em grupo possui ainda grande importância pelo aprofundamento qualitativo de questões socializáveis e pela possibilidade de comparação com grupos semelhantes e distintos (SODELLI, 1999).

SODELLI (2006) ressalta que com a entrevista reflexiva coletiva, torna-se possível oferecer para o grupo investigado um momento de “reflexividade” sobre o tema em questão, no qual cada participante, além de expressar sua compreensão, poderá também ouvir outras idéias do grupo, possibilitando-lhe um novo movimento de articulação de sentido. Nesta direção, este tipo de entrevista desencadeia um processo de intervenção realizado pelo próprio entrevistador, por meio da explicitação de sua compreensão do discurso do entrevistado, ou mesmo, pela explicitação da compreensão dos próprios membros do grupo.

O pesquisador tem o papel de possibilitar o aparecimento de questões pertinentes ao grupo, possibilitando que este se manifeste de modo livre, buscando o desvelamento de sentidos pertinentes ao objetivo da pesquisa. Portanto, assume para si o papel de coordenador, facilitador, esclarecendo e aprofundando a discussão quando necessário, garantindo a possibilidade de todos se expressarem livremente, desde que os demais integrantes sejam respeitados, assumindo uma postura ativa⁶.

1.6 A Entrevista

Foi realizado um encontro com cada grupo, e a entrevista teve duração aproximada de uma hora e meia.

Uma semana antes da entrevista os alunos foram convidados a participar da pesquisa. Neste momento, será explicado resumidamente os objetivos da pesquisa, o horário e o tempo de duração. Caso mais do que oito alunos queiram participar, será realizado um sorteio simples. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes, e solicitado que fosse assinado o termo de consentimento explicitando sua devida participação na pesquisa.

⁶ O pesquisador possui experiência nesta modalidade de entrevista, realizada em diversas ocasiões na pesquisa “Entre mitos e verdades: a compreensão do aluno sobre a prevenção ao uso de risco e dependência de drogas na escola (ALENCAR, ONG, TEBET E VILELA, 2009)”.

A entrevista em si tem início com uma pergunta desencadeadora (*como é o uso do álcool na vida de vocês hoje?*), e a partir desta, o pesquisador direcionou o foco a tópicos ou assuntos que foram abordados pelos integrantes, não sendo seguida uma estruturação prévia.

1.7 Análise das Entrevistas

A análise das informações reunidas nesta pesquisa foi encaminhada tendo como fundamento o método desconstrutivo-constutivo, inspirando-se no que CRITELLI (1996) nomeia como Analítica do Sentido. Nesta direção, aproxima-se do conceito de hermenêutica heideggeriano, ou seja, interpretação como desvelamento do sentido de ser.

A palavra hermenêutica têm sua origem no verbo grego *Hermeneuein*, que pode ser traduzido como interpretar, e no substantivo *Hermeneia* que significa interpretação (SODELLI, 1999). Assim, o trabalho analítico pretende tornar visível a trama de significados que cada grupo construiu no processo derivado da entrevista reflexiva coletiva.

Como explicita SODELLI (2006), com cada grupo entrevistado, a análise das entrevistas será encaminhada do seguinte modo:

- Inicialmente, as entrevistas serão transcritas na íntegra, mantendo a fidelidade à linguagem dos entrevistados;
- Com cuidado, sem substituir termos utilizados pelos elementos do grupo, será feita uma nova versão das entrevistas transcritas, abolindo vícios de linguagem e corrigindo, também, a ortografia e a sintaxe;
- Por meio de uma leitura flutuante/reflexiva, prolongando uma relação interrogativa com todo o texto (tanto a primeira entrevista como a segunda), o material transcrito será lido de modo cuidadoso diversas vezes;
- Em seguida, será realizado o agrupamento das falas do grupo que tratavam de um mesmo tema, criando assim, diversos focos de análise;
- A partir destes diversos focos, serão selecionados aqueles que tiverem maior relevância/relação com os objetivos desta pesquisa, descartando os outros;

- Sem perder de vista a totalidade e a trama de significados das entrevistas (o modo como se falou sobre aquele assunto), sob cada foco de análise selecionado, o pesquisador descreverá sua primeira compreensão;
- A partir desta primeira compreensão e das impressões, percepções e sentimentos que o pesquisador pôde absorver sobre o grupo nas entrevistas reflexivas coletivas, será elaborado um primeiro texto descritivo/interpretativo que busca compreender o modo de ser do cada grupo;
- Numa perspectiva de desvelamento-revelação de sentidos, segundo a qual cada parte da entrevista, por um lado, deve ser entendida à luz da totalidade das entrevistas e, por outro lado, sua estrutura deve ser reconstruída, levando em conta, ainda, cada parte que lhe pertence, todo o material será interpretado novamente, pois, numa hermenêutica heideggeriana, o desvelamento resultará em novos ocultamentos (CRITELLI, 1996);

Após este processo de desvelamento-revelação e novos ocultamentos, cujo fim foi determinado pelo horizonte do tempo de compreensão do pesquisador, será elaborado um texto analítico que procura entender qual é o sentido, para cada grupo, do uso do álcool.

Por fim, chega-se à última etapa desta pesquisa: as considerações finais. Nesta parte é ressaltada a contribuição desta pesquisa, apontando os novos desafios que se abriram a partir desta nova possibilidade compreensiva.

2 Álcool e Universitários

Quem está se afogando não repara naquilo a

que se agarra.

(Juan José de San Martín)

2.1 Álcool e juventude

No mundo contemporâneo, o consumo de álcool caracterizado por exageros e embriaguez é uma característica tipicamente prevalente em adolescentes adultos jovens. A maioria dos problemas relacionados ao álcool e que afetam os jovens é oriunda de períodos de consumo pesado e embriaguez do que consumo crônico de álcool, pois poucos deles consomem grandes quantidades de álcool regularmente (AHLSTRÖM, 2009).

Adultos de idade mais avançada queixam-se mais dos efeitos adversos e colaterais, como cirrose, resultantes de um prolongado consumo de álcool, enquanto adultos jovens queixam-se de problemas relacionados a um uso abusivo circunstancial. Tem-se como exemplos desempenho fraco nos estudos, danos a objetos pessoais, perda de dinheiro ou pertences de valor, acidentes ou ferimentos, rixas ou desentendimentos com amigos, pais ou professores, arrependimento de ter feito sexo ou ter feito sem preservativo, problemas com polícia e envolvimento em uma briga ou ser vítima de roubo⁷. Em outro estudo, WAGNER e ANDRADE (2008) relatam que o consumo abusivo de álcool entre estudantes universitários está relacionado com a diminuição da expectativa de vida dessa população. Isto ocorre porque os comportamentos de risco associados ao consumo de álcool e drogas podem afetar o senso global de "bem-estar".

AHLSTRÖM (2009) ressalta ainda que o modo de consumo do álcool entre jovens é muito diferente do modo com que os adultos o fazem. A realidade à qual os jovens estão expostos no mundo contemporâneo se difere àquela que um adulto está exposto. A vulnerabilidade de um adulto jovem frente a um uso abusivo do álcool é totalmente distinta da vulnerabilidade de um adulto mais velho. WAGNER e ANDRADE (2008) afirmam que ainda que o ingresso na universidade traga sentimentos positivos e de alcance de uma meta programada por estudantes do

⁷ Idem.

ensino médio, por vezes pode se tornar um período crítico, de maior vulnerabilidade para o início e a manutenção do uso de álcool e outras drogas.

PECHANSKY, SZOBOT e SCIVOLETTO (2004) apontam o álcool como uma das substâncias psicoativas mais precocemente consumidas pelos jovens. Estudos e pesquisas nacionais e estrangeiras sistematicamente confirmam a impressão genérica de que, se o álcool é facilmente obtível e fartamente propagandeado, isto se reflete no consumo precoce e disseminado.

A mídia, considerando a publicidade do álcool como a principal, afeta muito mais os padrões de consumo dos adolescentes do que dos adultos (AHLSTRÖM, 2009). O consumo de álcool e drogas entre estudantes também está relacionado a uma vida social mais intensa, talvez porque, fora de casa ou em grupos, o acesso às drogas seja mais fácil, ou então porque esses indivíduos são, devido à educação que receberam ou ao meio onde estão inseridos, mais "abertos", e com menos "tabus" em relação a esse consumo (WAGNER e ANDRADE, 2008).

PECHANSKY, SZOBOT e SCIVOLETTO (2004) explicitam os resultados de uma pesquisa realizada com jovens entre 10 e 18 anos, que indica ser freqüente (71%) a experimentação das bebidas alcoólicas mais comuns na faixa etária estudada, chegando a quase 100% na idade de 18 anos.

2.2 O contexto universitário

Quando se avaliaram padrões de consumo de álcool entre brasileiros, os jovens relataram início de uso de bebidas alcoólicas entre 14,8 anos e 17,3 anos de idade, período relativamente anterior ao ingresso no curso superior, que se caracteriza, geralmente, a partir dos 18 anos (WAGNER e ANDRADE, 2008). É comum a muitas culturas o beber visando à embriaguez, principalmente envolvendo adolescentes e adultos jovens. É um comportamento comum entre estudantes, sendo que os homens são mais propensos a esse comportamento do que as mulheres. Em geral, em quase todas as sociedades do mundo, homens tanto jovens quanto adultos bebem mais que as mulheres. No entanto, durante a adolescência, o modo de consumo de álcool não difere muito pelo sexo, de modo que no início da juventude adolescentes do sexo feminino

podem beber com mais frequência que adolescentes do sexo masculino (ANDRADE et al., 2009), fato este possivelmente associado à maturidade feminina ser anterior à masculina.

A realidade resultante destes fatores é que estudantes universitários bebem mais do que qualquer outro grupo da sociedade, mais ainda que jovens da mesma faixa etária que não freqüentam universidades ou faculdades. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos aponta que um estudante universitário médio gasta mais com bebida do que com livro: cerca de 5.5 bilhões de dólares anuais (BAER, DIMEFF, KIVLAHAN e MARLATT, 1999).

PECHANSKY, SZOBOT e SCIVOLETTO (2004) apontam que o uso do álcool entre adolescentes é um tema controverso no meio social e acadêmico brasileiro. Ao mesmo tempo em que a lei brasileira define como proibida a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos (Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996), é prática comum o consumo de álcool pelos jovens não relacionados na parcela da população legalmente habilitada a comprar e consumir – seja no ambiente domiciliar, em determinados eventos festivos, ou mesmo em ambientes públicos. A sociedade como um todo adota atitudes ambivalentes frente ao tema: por um lado, condena o abuso de álcool pelos jovens, mas é tipicamente permissiva ao estímulo do consumo por meio da propaganda. Há restrição e convivência simultaneamente.

A publicidade, através da propaganda e da mídia, efetivamente influencia o consumo. Para uma mente em desenvolvimento, tipicamente sugestionável e plástica como a de um adolescente e de um adulto jovem, o paradoxo de posição da sociedade e a falta de firmeza no cumprimento de leis configuram uma situação ideal para a experimentação tanto de drogas como de álcool, contribuindo para a precocidade da exposição de jovens ao consumo abusivo (PECHANSKY, SZOBOT e SCIVOLETTO, 2004).

MUSSE (2008) relata ainda que a influência da mídia no comportamento humano é real e significativa. A comprovação desse efeito pode ser evidenciada em pesquisas que, ao discorrer sobre a questão da violência em programas de televisão e sua repercussão sobre o comportamento de jovens, demonstraram haver relação direta entre a exposição a esses programas e comportamentos agressivos expressos por espectadores dos mesmos. Ainda é apontado que os efeitos da mídia no comportamento humano acontecem de forma cumulativa e gradual. A duração média de um curso universitário é de quatro anos, se em dois a três meses por ano foram vistos 15 tipos de cartazes, a média ao final de quatro anos será de 360 deles, valorizando e possibilitando o uso e abuso de álcool. A tendência é a aceitação disso como comum e “natural”,

promovendo assim des-sensibilização quanto aos possíveis prejuízos, favorecendo atitudes imprudentes quanto ao consumo de álcool. A cristalização do álcool parece ser implantada de modo mais incisivo na realidade universitária.

O contexto universitário pode ser considerado como a porta de entrada ao mundo adulto, onde o jovem universitário passa a experienciar uma autonomia não vivenciada no contexto escolar. O ingresso na instituição de ensino superior ocasiona o aparecimento de inúmeras ocasiões que parecem demandar muito mais do aluno universitário do que numa situação escolar, onde convivia com uma realidade de maior disciplina e com uma postura de maior passividade. No entanto, este contexto universitário parece estar diretamente ligado ao consumo do álcool, que se faz muito presente em determinados eventos sociais relacionados aos estudantes das instituições de ensino superior, havendo um certo tipo de pressão para que o uso ocorra, através de outros estudantes e da publicidade.

Uma característica da publicidade na forma de propaganda é fazer uso de um manejo de técnicas de persuasão, que abordam aspectos psicológicos moldáveis do público-alvo, facilitando a adesão ao produto veiculado. A mídia impressa, na forma de cartazes e pôsteres, muito comuns no ambiente universitário, tem alcance populacional bem mais restrito que outros meios de comunicação. No entanto, justamente por seu caráter restrito, atinge mais particularmente grupos específicos, no caso os jovens universitários.

Ainda fazendo referência à lógica publicitária, pode-se afirmar que o uso do álcool em uma população específica deve ser compreendido como resultado de uma interação entre três fatores: droga, ambiente e indivíduo (MUSSE, 2008). O conceito ser-no-mundo (HEIDEGGER, 1993) auxilia na compreensão deste fenômeno, explicitando a existência independente do indivíduo (ser) e do ambiente (mundo), não havendo sujeito sem mundo. Segundo NUNES (2002), a relação com o mundo é um engajamento pré-reflexivo, na qual o indivíduo, desatrelado do primado do sujeito, focaliza-se na mediania banal cotidiana.

Torna-se, portanto, uma grande empreitada comercial, a íntima relação entre universitários e o álcool. BAER, DIMEFF, KIVLAHAN e MARLATT (1999) apontam que os produtores de bebidas alcoólicas gastam cerca de 23 milhões de dólares por ano em publicidade destinada a estudantes universitários, onde um dos objetivos é a “fidelização” da clientela. Jovens compradores podem ser fiéis à marca por inúmeros anos após o término da graduação.

Quando passam da fase da adolescência para a fase adulta, o consumo de bebidas alcoólicas diminui gradativamente (AHLSTRÖM, 2009), mas as consequências deste uso durante a juventude são alarmantes. O álcool está associado à quase todos os danos causados dentro do campus universitário. Grande parte de atos violentos, vandalismo, crimes sexuais e acidentes em geral estão relacionados, de alguma forma, à bebida alcoólica. Um exemplo claro é o fato do álcool ser o maior responsável pela ocorrência de acidentes automobilísticos, sendo a maior parte das vítimas os adultos jovens (LEYTON, PONCE e ANDREUCCETTI, 2009). Frente a esta realidade, por mais que haja um decréscimo gradual do uso de álcool após a juventude, a presente pesquisa ganha importância na elaboração de diretrizes que auxiliem a elaboração de projetos preventivos ao uso de risco por jovens universitários. Mas o que faz com que o álcool seja tão consumido por jovens universitários?

SOUZA, ARECO e FILHO (2005) relatam que o consumo de álcool pode ser relacionado diretamente ao estilo de vida, no caso, de um jovem universitário, e aos possíveis elevados níveis de estresse, de ansiedade, de baixa auto-estima, sentimentos depressivos, susceptibilidade à pressão dos pares e problemas relacionados aos estudos. A situação comportamental de consumo de bebidas alcoólicas provavelmente contribui para o surgimento de estresse e de outros problemas nesse grupo de jovens, sugerindo várias possíveis interpretações, como a independência econômica, que facilitaria o acesso à compra da substância; a necessidade de ser aceito pelo grupo que usa álcool; as atividades laborativas que podem ser estressantes aos adolescentes e adultos jovens. Pode haver a tentativa de aliviar a tensão bebendo.

Pode-se ainda compreender a associação direta e usual do álcool ao estilo de vida universitário como um afastamento de si-mesmo (SODELLI, 2006). As preocupações citadas passam a não serem visualizadas em um momento de lazer e diversão. O prazer é vivenciado conforme a angústia existencial do jovem universitário é momentaneamente suspensa. Nesta, libera-se as possibilidades mais próprias e autênticas do sujeito (NUNES, 2002), enquanto no afastamento de si-mesmo, o sujeito tende à cotidianidade mediana, possibilitando o ato de beber banalmente.

PEUKER, FOGAÇA e BIZARRO (2006) afirmam ainda que influências sócio-ambientais podem favorecer o consumo excessivo de álcool entre jovens. Um contexto onde o álcool é amplamente oferecido e colocado à disposição, obviamente, é mais favorecedor do que em um contexto onde a oferta não aconteça desta maneira. A frequência constante a bares, além de

outros fatores, aumenta a probabilidade do uso do álcool. Em geral, nas horas de lazer, poucos universitários engajam-se em atividades culturais e/ou esportivas. Nestas ocasiões, são mais comuns eventos onde o uso do álcool faz-se presente, e que fazem parte do contexto universitário.

Além disso, universitários expostos a ambientes nos quais o álcool é facilmente obtido e possui baixo custo apresentam maior probabilidade de consumirem álcool excessivamente do que aqueles que não estão expostos a situações desta natureza. Bebedores freqüentes, ou seja, que bebem no mínimo semanalmente, consomem pelo menos cinco doses⁸ de álcool em uma ocasião típica, e ficam embriagadas mensalmente, são mais propensos a beber em contextos nos quais há facilitação social, como festas e bares. Bebedores ocasionais são menos propensos a emissão de tal comportamento se expostos ao mesmo contexto⁹.

Segundo MUSSE (2008), o clima social do ambiente universitário é festivo. É possível comprovar tal afirmação frente à constatação do número de cartazes de propaganda de festas universitárias que constam nos murais das instituições de ensino superior. No entanto, além da festa propriamente anunciada, conteúdos referentes ao consumo e ao abuso do álcool estão se mostraram presentes, oportunizando sua aceitação e apologia.

Os cartazes de propaganda de festas universitárias analisados apresentam, em 93,3% deles em 2005 e 80% em 2007, um ou mais conteúdos referentes ao uso e/ou abuso de álcool. Houve de maneira concomitante a elevação em 13,3% daqueles contendo simultaneamente dois e três quesitos, indicando elevado potencial de estímulo ao contato com a bebida alcoólica, passando a ser mais que uma propaganda de festa, mas uma apologia ao consumo de álcool (MUSSE, 2008).

PEUKER, FOGAÇA e BIZARRO (2006) afirmam que o uso de álcool entre universitários também pode ser favorecido de forma indireta: estudantes influenciam-se mutuamente. A seleção de colegas, a escolha do tipo de substância, o padrão de uso e a forma como este consumo de substâncias de seus pares é percebida parecem interagir neste processo. Universitários tendem a superestimar tanto a aceitabilidade quanto o comportamento de beber propriamente dito de seus pares. Esta percepção de normas de comportamento também pode influenciar os estudantes a engajarem-se em padrões de risco relacionados ao consumo de álcool. O jovem estudante universitário pode perceber e interpretar o padrão de beber dos outros como

⁸ Uma dose equivale a 14 gramas de álcool.

⁹ Idem.

algo que reafirma seu próprio comportamento, passando a comportar-se de forma pareada e repetitiva.

ADORNO (2008) ressalta que a sociedade contemporânea traz à tona situações complexas que envolvem *uso* e *consumo* como expressão de uma lógica capitalista hegemônica, que se dá pelo consumo acelerado e por excesso, como no ritmo exigido pelo trabalho dentro deste mesmo sistema. Se a produção industrial e o modelo fabril impunham um ordenamento social dividindo consumo/lazer, produção/consumo, a ponto de tornar o uso do álcool como elemento recreativo e presente no momento de término ou de folga do trabalho, o uso de drogas associados ao lazer ou às ações de ocupação profissional tornou-se variada e complexa na sociedade contemporânea, podendo-se inferir ritmos específicos e usos associados a diferentes estilos, ações e significados.

RODRIGUES (2001) aponta ainda que se o consumo de drogas lícitas, como o álcool, representa um extenso domínio econômico em função de produção e consumo. ADORNO (2008) reafirma que sejam as drogas legais ou ilegais, o hábito do excesso, característica da sociedade de consumo na contemporaneidade, pode desencadear situações des-estruturantes no cotidiano e nas relações sociais, podendo adequar-se a outros comportamentos esperados no desempenho profissional ou nos círculos de relacionamento.

PEUKER, FOGAÇA e BIZARRO (2006) explicitam estudos a respeito do consumo de drogas lícitas e ilícitas no Brasil, e revelam que o consumo de álcool entre jovens alcança prevalências maiores que 60%, podendo alcançar 80% em alguns estudos. Os mesmos autores apontam ainda que jovens universitários demonstram índices ainda maiores de consumo de álcool e outras drogas do que aquelas com adolescentes e jovens em um contexto escolar. Com base nos mesmos estudos, é apontado que 38,7% dos jovens relataram consumir pelo menos cinco doses em uma ocasião típica de consumo de álcool. Este percentual revela que quase 40% dos jovens participantes apresentam o padrão *binge*¹⁰ de uso de álcool, caracterizado pelo consumo consecutivo de cinco ou mais doses de álcool em uma única ocasião. Além disso, constatou-se que os episódios de *binge* aconteciam regularmente para 33,3% dos universitários.

PECHANSKY, SZOBOT e SCIVOLETTO (2004) acrescentam que apesar de trazer claras consequências orgânicas, comportamentais e na estrutura de desenvolvimento da

¹⁰ *Binge Drinking* é um beber episódico, durante o qual uma grande soma de bebidas é consumida em um curto período de tempo. É caracterizado por um consumo de mais do que 60 gramas de álcool etílico por um adulto do gênero masculino em uma mesma ocasião. O termo *binge* aparece pela primeira vez como *binge eating*, referente a "ataques de voracidade alimentar", inicialmente utilizado para descrever padrões abusivos característicos de determinadas doenças do comportamento alimentar.

personalidade do jovem, o uso de álcool nesta faixa etária paradoxalmente ainda é combatido e valorizado, dependendo do ângulo em que o fenômeno seja observado: para a mídia e para os pares, o consumo de álcool é favorecido. Para a lei e para os programas de saúde pública, ele é combatido. Há grandes prejuízos e lucros exorbitantes relacionados ao uso do álcool. Neste embate entre forças freqüentemente desiguais, encontra-se um indivíduo com a personalidade em formação.

A existência humana possui como condição ontológica sempre se colocar em jogo, este é o ser do homem (CASANOVA, 2009). O jovem universitário, portanto, questiona a si próprio, comportando-se em relação ao seu ser como a sua possibilidade mais própria. Ele é sempre a cada vez a sua possibilidade, um poder ser que só conquista a si mesmo a partir de múltiplas possibilidades fáticas que lhe são abertas por seu mundo.

Entretanto, independentemente das forças em questão, um ponto é inquestionável no que compete ao consumo de álcool por adolescentes: quanto mais precoce o início de uso, maior o risco de surgirem conseqüências graves. Os profissionais que lidam com este tema devem estar atentos a esta questão. Para tanto, devem conhecer as particularidades da adolescência e da dependência química nesta faixa etária (PECHANSKY, SZOBOT e SCIVOLETTO, 2004). Muitas vezes o alcoolismo torna-se foco e a maior preocupação daqueles que se dedicam ao estudo do álcool e aos efeitos de seu consumo, enquanto o uso do álcool no contexto universitário é minimizado, sendo esquecido ou colocado em segundo plano. Por mais que seja um uso circunstancial, o uso de álcool feito por jovens universitários muitas vezes configura-se abuso ou até mesmo *binge*, trazendo conseqüências alarmantes. Tal realidade, portanto, não deve ser ignorada, mas estudada, permitindo uma intervenção posterior.

WAGNER e ANDRADE (2008), concluem que os estudos encontrados nos últimos dez anos entre universitários brasileiros não são realmente representativos do universo nos quais se inserem, mas sugerem que o problema do uso de álcool e outras drogas nessa população é preocupante. Novos levantamentos precisam ser realizados para podermos compreender melhor as expectativas desse grupo, bem como auxiliar na prevenção dos fatores de risco que envolvem esta população e suas condutas comportamentais.

3 A política proibicionista e o consumo do álcool

*Enquanto existirem seres humanos, existirão
vícios.
(Tácito)*

O proibicionismo é um tema de fundamental importância para a presente pesquisa. Por mais que o foco deste trabalho seja o álcool, a política proibicionista em relação às drogas ilícitas acaba por interferir diretamente no uso e consumo do álcool. Tal discussão torna-se indispensável.

Embora as substâncias que causam uma alteração de consciência estejam presentes desde as mais remotas civilizações humanas, a política proibitiva é um fenômeno recente. A partir de 1.900, muitas das substâncias psicoativas conhecidas por nós hoje se encontravam disponíveis para venda nas farmácias e drogarias. Os casos de dependência de ópio, morfina, heroína, ainda não chamavam a atenção geral, havendo apenas alguns artigos em periódicos e revistas que alertavam para tal risco (ESCOHOTADO, 1997).

Os objetivos da política proibicionista caminham muito além da justificativa governamental com conteúdo médico-organicista visando o bem estar social. A ilegalidade de uma relação de substâncias psicoativas talvez seja um dos mais recentes acréscimos táticos à roda totalizadora do sistema punitivo contemporâneo, pois aproximadamente um século atrás, não existiam vedações à livre produção, venda e consumo de psicoativos hoje proibidos. Agregando recursos e potencial aos vetores de “governamentalidade” do Estado, tal política registrou um rápido desenvolvimento, sendo hoje o padrão mundial no tratamento legal das drogas psicoativas (RODRIGUES, 2001). Precisamos pensar além da linha de raciocínio midiática largamente difundida para compreendermos de fato o proibicionismo, suas metas e suas implicações na vida cotidiana.

Embora a preocupação com o abuso de substâncias psicoativas mostra-se quase tão antiga quanto a própria droga, a proibição como é utilizada hoje teve seu início no final do século XIX e início do século XX, e segundo RODRIGUES (2001), os Estados Unidos da América tiveram um protagonismo importante no que se transformou na atual política mundial de combate às drogas.

A aprovação da Lei Seca, emenda à Constituição dos Estados Unidos, em 1919, pode ser considerada como um dos principais pontos de inflexão do início do proibicionismo. Por meio desta, foi banido qualquer tipo de produção, circulação e comercialização de bebidas alcoólicas no território norte-americano; o que acarretou no lançamento de um negócio fortemente desenvolvido e de um hábito amplamente difundido com base na ilegalidade. Tal política foi apenas a consequência de um processo que percorreu anos de debates jurídicos que espelhavam pressões político-sociais conduzidas por grupos puritanos organizados em prol da supressão das “mazelas morais”. Desde a segunda metade do século XIX, diversas associações orientadas pelo princípio da retidão moral almejavam a purificação da sociedade norte-americana através da extinção de hábitos nocivos e contrastantes aos bons costumes que, em sua avaliação, assolavam a vida no país (RODRIGUES, 2001). Havia ainda a intenção de impedir a organização de sindicatos trabalhistas, no qual o “saloon” era um possível local para tal (SODELLI, 2006). Ao criminalizar as bebidas, tais reuniões de trabalhadores eram impossibilitadas de acontecer em locais públicos comuns, não havendo, portanto, um espaço físico ou contexto propício para tal.

O movimento social contra as drogas era conhecido como “as sociedades de temperança”, nas quais seus grêmios puritanos tinham como meta que suas exigências alcançassem o status de lei. Seus alicerces teóricos estavam baseados no modelo do tratamento moral e se destacam quatro pontos considerados como essenciais: a relação entre bebidas espirituosas e a intemperança; a definição do alcoolismo como uma doença da vontade; as consequências sociais e individuais do uso do álcool e a prescrição da abstinência total para o tratamento do alcoolismo¹¹. Salienta RODRIGUES (2001) que se inaugura, assim, o período da Grande Proibição, no qual o modelo recém vigente seria responsável por suprimir o vício e restituir a dignidade e a retidão moral aos cidadãos norte-americanos. Entretanto, constata-se algo diferente do esperado.

Além da imposição moralista observada, há ainda interesses econômicos relacionados direta e indiretamente à política proibitiva. Segundo RODRIGUES (2002), o narcotráfico gera lucros incontáveis na economia global. Nos fluxos de capital do livre mercado mundial, circulam bilhões de “narco-dólares”. Não é acaso que os Estados Unidos da América tenham uma significativa participação na elaboração e na perpetuação da campanha proibicionista. A nação citada é a maior fabricante de armamento bélico, e a maior demanda deste produto atualmente

¹¹ Idem.

provém da guerra às drogas (RODRIGUES, 2001). Atualmente, é um dos únicos modos de se obter alto lucro com a venda de armamento bélico, já que não mais se fazem presentes grandes guerras que demandem um grande contingente de armas, se comparado com décadas passadas.

Há ainda outro interesse econômico inteiramente relevante: ao se discriminar algumas determinadas drogas, como maconha e cocaína, proibindo-as: As demais drogas, como álcool e tabaco, permanecem ocultas pelo discurso proibicionista e pelas políticas de prevenção dessa ótica. A realidade resultante proveniente da ilicitude das demais drogas, é que o álcool e o tabaco são muito mais visados e acessados, acontecendo um fenômeno de socialização da droga lícita, na qual esta substância passa a ser considerada inofensiva. Devido às diversas propagandas e à sua licitude, as drogas lícitas são normalizadas, passando a ser largamente utilizadas no âmbito social (PINSKY e GOMIDE, 2004). Enquanto muitos usuários têm preferência às drogas lícitas, a consequência é que estas mesmas drogas acabam sendo mais nocivas do que as drogas ilícitas: número de dependentes, doenças relacionadas ao uso crônico, morte por uso (MOREIRA, SILVEIRA e ANDREOLI, 2006). No caso do álcool, a política de proibição às drogas ilícitas e a publicidade incentivadora do uso intensificam a demanda. Se por um lado isto gera alto lucro decorrente do comércio legal, por outro há o uso descontrolado e abusivo.

Um acontecimento histórico que explicita os interesses não declarados desta política proibitiva é a proibição da maconha, nos EUA, no final dos anos 30. No acontecimento em questão, o governo americano eliminou um forte concorrente para o mercado emergente de fibras sintéticas, como nylon e lycra. O cânhamo/maconha era amplamente utilizado como matéria prima de fibras naturais (tecidos e papel), e foi preciso bani-lo para impulsionar as novas indústrias têxteis (SODELLI, 2006). Observa-se uma preocupação não com a saúde pública ou bem estar social, mas diretamente relacionada a interesses econômicos, o que pode ser observado até os dias atuais. Um outro fator é a proposital criminalização da população imigrante de origem latina (principalmente mexicanos), que ao adentrar no território norte-americano, competiam por empregos com os próprios norte-americanos. A maconha, sendo uma droga tipicamente utilizada por imigrantes de tal procedência, ao ser proibida, transformou-se em justificativa para minimizar esta competição, ao ser utilizada como pretexto para cárcere.

Há ainda a busca do controle. A política proibicionista muitas vezes encontra-se atrelada diretamente a entidades religiosas, evidenciando uma tentativa de imposição de uma crença sobre outra, o que traria consequentemente um controle sobre os indivíduos que compartilhassem de

uma moral religiosa opositora. Com o controle econômico e político, as chances de obtenção de demais interesses aumenta consideravelmente. Segundo RODRIGUES (2001), faz-se tarefa mais fácil perpetuar os interesses econômicos, por exemplo. A droga passa a ser utilizada como justificativa da violência e do encarceramento maciço, enquanto que os reais motivos das mazelas sociais, como corrupção e descaso são ignorados, não sendo expostos ou debatidos. A própria realidade sócio-econômica não é colocada em pauta.

A política proibicionista atual é liderada pelos EUA, e devido a seu poder de influência, muitos outros países acabam por adotar a mesma política. Ela deixa de ser uma política restrita ao governo dos EUA apenas, por meio de acordos internacionais, toma proporções continentais, abrangendo países subdesenvolvidos e com dependência financeira, fazendo uso de justificativas como a manutenção da democracia, o fortalecimento das instituições, a defesa dos direitos humanos e a liberação dos fluxos comerciais financeiros.

Segundo SODELLI (2006), a fundação da ONU¹² é de extrema relevância, pois é através dela que se tornou possível à nação norte-americana influenciar e pressionar o mundo com sua política proibicionista, que se torna uma imposição global de valores. O controle da produção, distribuição e uso de drogas permanecem sob o controle da ONU. Este controle é pautado nos acordos estabelecidos através da Convenção Única sobre Entorpecentes¹³, promovida em 1961 na cidade de Nova York, pelo Protocolo de Emendas à Convenção Única sobre entorpecentes¹⁴,

¹² A Organização das Nações Unidas (ONU), ou simplesmente Nações Unidas (NU), é uma organização internacional cujo objetivo declarado é facilitar a cooperação em matéria de direito internacional, segurança internacional, desenvolvimento econômico, progresso social, direitos humanos e a realização da paz mundial. A ONU foi fundada em 1945 após a Segunda Guerra Mundial para substituir a Liga das Nações, com o objetivo de deter guerras entre países e para fornecer uma plataforma para o diálogo. Ela contém várias organizações subsidiárias para realizar suas missões. Existem atualmente 192 estados-membros, incluindo quase todos os estados soberanos do mundo. De seus escritórios em todo o mundo, a ONU e suas agências especializadas decidem sobre questões dessubstantivas e administrativas em reuniões regulares ao longo do ano.

¹³ Conforme SODELLI (2006), a Convenção Única sobre Entorpecentes é caracterizada por cinquenta e um artigos que relacionam os entorpecentes, classificando-os segundo suas propriedades. Estabelece as medidas de controle e fiscalização, prevendo restrições especiais aos particularmente perigosos; disciplina o procedimento para a inclusão de novas substâncias que devam ser controladas; fixa a competência das Nações Unidas em matéria de fiscalização internacional de entorpecentes; dispõe sobre as medidas que devem ser adotadas no plano nacional para a efetiva ação contra o tráfico ilícito, prestando-se aos Estados assistência recíproca em luta coordenada, providenciando que a cooperação internacional entre os serviços se faça de maneira rápida; traz disposições penais, recomendando que todas as formas dolosas de tráfico, produção, posse etc., de entorpecentes em desacordo com a lei, sejam punidas adequadamente; recomenda aos toxicômanos seu tratamento médico e que sejam criadas facilidades à sua reabilitação.

¹⁴ Altera a composição e as funções do Órgão Internacional de Controle de Entorpecentes, amplia as informações que devem ser fornecidas para controle da produção de entorpecentes naturais e sintéticos e salienta a necessidade de tratamento que deve ser fornecido ao toxicômano.

feito em 1972, em Genebra, e pela Convenção contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas¹⁵, realizada em Viena, Áustria, em 1988.

Estes acordos são apenas uma pequena amostra dos tratados internacionais que acabaram representando a adoção e a consolidação, pela ONU e os seus estados-membros, da política norte-americana para o tema “drogas”, baseada numa ideologia moralista e, com relação à oferta, no uso militarizado, enquanto os reais interesses estratégicos hegemônicos e econômicos dos EUA são defendidos. Há países que, em sua minoria, executam outras práticas políticas alternativas ao proibicionismo, mas são países com independência econômica, sem laços de subordinação para com o Estados Unidos da América (ALENCAR, ONG, SOARES e VILELA, 2009).

O proibicionismo faz uso de um discurso moralista anti-drogas, que visa acabar com a produção, cultivo e tráfico de drogas em âmbito global e acabar com o consumo de drogas ilegais. Na prática preventiva, a “guerra às drogas” mantém um discurso dualista, como se houvesse apenas a escolha do uso e do não-uso. Apresenta a droga de maneira simplista, não expondo sua complexidade, como detentora de uma nocividade e geradora de bem estar. Os variados tipos de uso não são explorados, e qualquer uso é considerado nocivo. A droga é abordada como detentora de uma toxicologia hostil à saúde física e psicológica humana, nociva por si própria, independente do uso que é feito (TAVARES-DE-LIMA, 2003). Esta postura passa a ser repressora e inflexível, e muitas vezes utiliza o terrorismo psicológico para alcançar os seus objetivos finais sob a justificativa de uma sociedade saudável e livre das drogas (FORTE, 2007).

A política proibicionista, dentro do campo da atenção à saúde, exerce uma série de serviços de tratamento e prevenção voltados exclusivamente para a obtenção da abstinência. Esta visão dominante apresenta concepções ao mesmo tempo autoritárias e ingênuas, uma vez que constroem uma imagem distorcida e estigmatizada dos usuários de drogas ilícitas, e partem da premissa da possibilidade de se eliminar todo e qualquer uso de droga.

ALENCAR, ONG, SOARES e VILELA (2009), ainda em relação às práticas proibicionistas, afirmam que a maior concentração de esforços se dá na redução da oferta, ou seja, na redução da disponibilidade dos produtos. No campo da redução de demanda, enfatiza-se a transmissão de informações pautadas pelo amedrontamento e apelo moral, fazendo uso de

¹⁵ Esta Convenção completa as demais, acrescentando, entre outras coisas, o éter etílico e acetona no rol das substâncias controladas.

técnicas que poderiam ser resumidas à persuasão dos indivíduos para a abstinência, podendo-se exemplificar com o slogan "diga não às drogas" ou "drogas matam". Não há uma preocupação com as diferentes formas de uso ou com a abordagem dos fatores facilitadores do abuso de psicotrópicos.

Os mesmos autores explicitam que uma nova forma de proibir pode ser observada, onde o método preventivo primário se caracteriza como um projeto que possibilitaria uma escolha própria e autêntica dos alunos com relação às drogas, fornecendo informações para tal. Esta característica aproxima-se do método preventivo não proibicionista, mas de Redução de Danos.

A Redução de Danos é considerada uma estratégia para reduzir danos decorrentes do uso nocivo de drogas, não visando à abstinência, mas sim a aproximação com os usuários, criando um vínculo de confiança, que servirá como base para a inserção da discussão a respeito das possibilidades de redução de danos à saúde do usuário. Nessa perspectiva, trabalhar a prevenção ao uso de risco e dependência de drogas é compreender que a melhor maneira de lidar com esse fenômeno não é o de decidir e definir pelos outros quais os comportamentos e posturas que devem ser assumidos como corretos, mas sim o de construir, juntamente com o indivíduo, possibilidades de escolhas mais autênticas e livres. O sentido da prevenção seria, portanto, promover ações redutoras de vulnerabilidade ao uso de risco e de dependência de drogas (SODELLI, 2006).

No entanto, neste novo método proibitivo observado, ALENCAR, ONG, SOARES e VILELA (2009) relatam que as informações transmitidas ao público alvo eram unilaterais, tendenciosas, e visavam à abstinência. A comprovada ineficiência e pouca aceitação do proibicionismo clássico nos tempos atuais, como o PROERD¹⁶, passa a dar lugar a um proibicionismo velado, no qual é transmitida a impressão de liberdade de escolha, não fornecendo subsídios ou estimulando o pensamento reflexivo para tal.

Assim como o proibicionismo visa e auxilia o consumo de drogas legais, proibindo e coibindo o uso de drogas alternativas (ilícitas), a publicidade das drogas lícitas acaba por reforçar esta visão de que a droga lícita equivale a uma droga mais leve, branda. Muitas vezes álcool e tabaco são colocados em uma outra categoria, mas não de drogas. O que parece ser uma fragilidade do proibicionismo, na verdade pode ser entendido como um interesse econômico pré-

¹⁶ PROERD, ou programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência, atua na prevenção do uso de drogas por crianças e adolescentes.

estabelecido, já que as drogas lícitas também são importantes fontes de lucro. Assim, no Brasil, a cerveja é associada com futebol e carnaval, enquanto nos EUA, por exemplo, essa relação acontece com beisebol e o futebol americano (PINSKY e JUNDI, 2008).

Portanto, o sucesso da propaganda pode ser explicado não apenas por associar de forma direta o consumo de seu produto com uma série de imagens agradáveis, tornando a mensagem alegre, bonita, erótica ou engraçada, mas porque essa correlação está voltada à criação de um imaginário público de situações positivas ao utilizar o álcool, o que acaba sendo fundamental em qualquer processo de tomada de decisões. Sempre que uma decisão precisar ser tomada, este imaginário positivo influenciará no grau de liberdade dessa decisão. A decisão tenderá a se manter dentro de um repertório de um imaginário positivo, razão pela qual a propaganda de álcool trabalha com ícones de prazer e satisfação popular (beleza, saúde, força, sexo), que atuam diretamente nos núcleos de prazer. Assim, o indivíduo exposto tenderá a associar o consumo do álcool com prazer sempre que se colocar em uma situação ou ambiente que recorde as cenas "vivenciadas" na propaganda (PINSKY e JUNDI, 2008).

Em contrapartida, as drogas lícitas também são abordadas pela publicidade. Enquanto os produtores de drogas lícitas visam que o consumo destas seja intensificado, associando-as a memórias afetivas positivas, a política proibicionista almeja que as drogas ilícitas sejam rejeitadas, associando-as a um repertório de memórias negativas, como doença, morte e crime. Os efeitos, portanto, são reversos, embora a técnica persuasiva usada seja a mesma.

A política proibicionista vigente passa a interferir diretamente no uso do álcool, fazendo uso de campanhas repressoras inflexíveis e permitindo e direcionando o foco na publicidade do álcool (FORTE, 2003). Seja pela grande intensidade e frequência com que bombardeia o potencial ou atual consumidor, seja pela criação de um imaginário positivo, o certo é que a publicidade de bebidas alcoólicas é um dos importantes fatores influenciadores dos hábitos de consumo de álcool da população (PINSKY e JUNDI, 2008), e só tem o espaço e o alcance que possui porque a política proibicionista discrimina o álcool como legal e criminaliza muitas outras.

É possível observar que as consequências desta política é que as drogas lícitas são consideradas leves, e muitas vezes deixam de ser consideradas drogas. Em contrapartida, recai um estigma sobre o usuário de drogas, que passa a ser visto como drogado, viciado, criminoso. A droga ilegal passa a ser vista como detentora de nocividade, e acaba sendo estigmatizada, caracterizando-se por muitos um mal a ser eliminado. Segundo FORTE (2003), o objetivo dos

vendedores de drogas lícitas e dos defensores de uma sociedade sem drogas é convencer a todos que as drogas legais não são drogas. Uma vez que isto é estabelecido, drogas legais podem ser vendidas de modo indiscriminado.

Devido ao caráter moralista, inflexível e repressor do proibicionismo, os diferentes tipos de usos de substâncias psicoativas não são debatidos. O assunto “drogas” passa a ser um tabu, enquanto uma educação aos diferentes tipos de uso permanece praticamente inexistente. Esta configuração ilustra um quadro onde a droga legal é utilizada livremente, onde os usuários estão mais vulneráveis a fazerem um uso abusivo e/ou nocivo, aumentando as chances do usuário emitir um comportamento de risco, como fazer sexo sem proteção ou dirigir embriagado (ANDRADE e OLIVEIRA, 2009).

Devido à existência preponderante da política proibicionista e sua influência significativa, o álcool e outras drogas lícitas acabam sendo as mais consumidas. São legais, socialmente aceitas, enquanto outras drogas (ilícitas) possuem um estigma sobre si e sobre quem a usa, transferindo sua possível demanda às drogas legais. A mídia, através da publicidade e da campanha do “*Diga não às drogas*”, apenas favorece ainda mais com que a sociedade foque as drogas lícitas como um produto comum, que pode ser consumido livremente e sem qualquer preocupação. PECHANSKY, SZOBOT e SCIVOLETTO (2004) afirmam ainda que a falta de informação sobre tipos de uso e a ausência de uma educação com relação aos diferentes usos das drogas coloca a sociedade em uma situação de maior vulnerabilidade para o uso nocivo/abusivo, enquanto que as consequências do uso do álcool são preocupantes em âmbito global.

4 Compreensão Fenomenológica acerca do uso do álcool

O tempo é só o que nos separa da morte.

(Ernest Hemingway)

Este trabalho tem sua base de sustentação teórico-metodológica no pensamento fenomenológico, mais precisamente nas idéias e conceitos expressos na obra e pensamento de Martin Heidegger¹⁷. Para explicitar sua contribuição na presente pesquisa, faz-se necessária uma breve contextualização da ontologia fundamental, *Ser e Tempo*, publicada em 1927. Inicialmente será descrito de modo sucinto e breve o momento do surgimento da fenomenologia, e após isto, a forma de pensar de Heidegger, explicitando a seguir o que quer dizer *sentido*, termo este de vital importância na presente pesquisa. Por fim, será feita uma aproximação acerca do pensamento fenomenológico existencial e do sentido do uso do álcool.

4.1 Sobre Fenomenologia

A fenomenologia, formulada por Edmund Husserl¹⁸, reinventou a partir de suas concepções filosóficas de rigor a produção de conhecimento, podendo ser considerado uma das mais notáveis contribuições filosóficas do século XIX, e revolucionou a produção de conhecimento na civilização ocidental. Desde a sua elaboração até os desdobramentos atuais, o método fenomenológico exerce ainda grande influência em pesquisadores e profissionais das mais diferentes áreas e campos do conhecimento.

No final do século XVIII e início do século XIX, o pensamento científico ocidental, alicerçado no modelo positivista, incindira sobre os domínios da biologia, fisiologia e psicologia, orientando como interpretar o ser das coisas e os modos para delimitar e alcançar este ser e esta verdade, por meio do método tradicional metafísico relativo à obtenção do conhecimento. A

¹⁷ Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, aluno de Edmund Husserl, recoloca em pauta a questão do sentido de ser. Sua principal obra é “Ser e Tempo”, publicada em 1927.

¹⁸ Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), filósofo alemão, conhecido como fundador da Fenomenologia.

recém nascida ciência da psicologia, por exemplo, que almejava o caráter científico, distancia-se da filosofia da consciência e passa a se constituir como uma ciência positivista. Inicia-se, portanto, um psicologismo, sendo este uma das principais críticas de Husserl. Seria criada, portanto, a fenomenologia, uma proposta metodológica que visa retomar o rigor outrora perdido relativo à obtenção de conhecimento, metodologia esta distinta das demais, já que não é alicerçada no modelo positivista tradicional.

Husserl parte, então, de uma crítica à metafísica tradicional e ao positivismo para construir uma abordagem epistemológica não baseada em pressupostos teóricos pré-estabelecidos, mas na apreensão do próprio fenômeno, e na forma como ele se apresenta. Inspirado por Franz Brentano¹⁹, Husserl discute a consciência intencional²⁰, que é sempre dirigida a um objeto, e não mais como uma instância à parte do objeto. O objeto, portanto, só podendo ser concebido na relação com uma consciência, deixa de possuir uma essência em si, quebrando o paradigma *sujeito-objeto*, cristalizado até então pelo pensamento científico positivista. Os objetos deixam de possuir em si uma essência, deixam de existir por eles mesmos, não havendo existência fora do ato da consciência.

Segundo GALEFFI (2000), o *cogito* da fenomenologia husserliana não é o mesmo do *cogito* cartesiano, pois este funcionava como reduto solipsista, isolado e independente do mundo. A consciência fenomenológica é a consciência da experiência vivida do sujeito, cuja atitude perante o fenômeno deve ser distinta da atitude natural, ou seja, daquela que não distingue a percepção do percebido.

O psicologismo, portanto, passa a ser questionado por Husserl, uma vez que teorias que explicavam o funcionamento das funções psíquicas humanas deixam de fazer sentido a partir de uma perspectiva fenomenológica: o homem não possui uma essência em si mesmo, não podendo ser explicada previamente, e sim descrita fiel e rigorosamente como uma manifestação à

¹⁹ Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (1838-1917), filósofo alemão, lecionou em Würzburg e na Universidade de Viena. Entre seus alunos destacam-se Edmund Husserl e Sigmund Freud.

²⁰ Consciência intencional deriva do conceito de intencionalidade de Brentano, que influenciou Husserl de modo radical. O princípio desta idéia fundamentava-se na *Metafísica*, de Aristóteles, e afirmava que o saber é uma relação de algo para conosco e de algo enquanto tal. A crítica de Husserl com relação a essa idéia de algo enquanto tal, ou de coisa em si, residia no fato de que se ela existisse, não poderíamos deduzir nenhum conhecimento dela, pois sua existência estaria encerrada nela mesma. Portanto, a intencionalidade, ou o ato intencional, não parte da coisa em si e nem da coisa representada, sobre a qual também não sabemos nada. É apenas a partir da coisa percebida que constituímos o sentido e a significação do fenômeno.

consciência, abandonando o método dedutivo causalista, no qual baseava-se em teorias pré-estabelecidas para efetuar uma explicação do fenômeno observado.

Ressalta ainda GALEFFI (2000) que a fenomenologia postulada por Husserl é uma postura metodológico-filosófica que visa o rigor do conhecimento, um retorno ao que é efetivamente vivido e experienciado, uma volta às coisas mesmas (*epoché*). A fenomenologia husserliana é, portanto, o estudo dos fenômenos puros, absolutos. Podemos evidenciar em si ainda a impregnação do modelo científico positivista predominante (e dominante) na época, já que apesar da grande inovação deste pensamento, ainda está presente a concepção de uma essência das coisas.

No entanto, apesar de ainda estar impregnada de bases do conhecimento positivista, a fenomenologia husserliana possibilitou à psicologia uma nova postura para inquirir os fenômenos da existência, já que procura abordá-los a partir daquilo que se manifesta por si mesmo, não explicando-os a partir de teorias e conceitos prévios, mas sim abordando-o diretamente, interrogando-o, descrevendo-o, compreendendo-o na maneira que ele mesmo se manifesta. As teorias e conhecimentos prévios não são abandonados e esquecidos, mas apenas colocados entre parênteses, suspensos temporariamente, tornando possível acessar o fenômeno como ele se apresenta, configurando a redução fenomenológica. O modelo científico positivista de conhecimento é questionado como único modo possível, e é oferecido, com a fenomenologia, um modo científico alternativo de obtenção de conhecimento.

Posteriormente, Husserl procura identificar a essência do homem, do ser humano, não obtendo êxito. Tal tarefa mostrou-se complexa e de difícil realização, devido a uma peculiaridade do homem perante os demais objetos. Segundo CRITELLI (2006), o conhecimento metafísico acerca do existir humano é resultado de uma superação da insegurança²¹ do existir. Posteriormente, é exatamente a aceitação desta insegurança que permite que este conhecimento seja pensado e elaborado através da fenomenologia.

²¹ A insegurança do existir humano citada será posteriormente explicitada, ao ser contextualizada com os avanços da obra e do pensamento de Martin Heidegger, que ao elaborar uma ontologia fundamental, questiona o sentido de ser e descreve a condição ontológica do homem.

4.2 Sobre o pensamento de Martin Heidegger

A fenomenologia passa a tomar outros rumos quando Heidegger, aluno e discípulo de Husserl, elabora uma ontologia²² fundamental influenciado pela fenomenologia husserliana, radicalizando-a e levando-a às últimas conseqüências, configurando uma reviravolta no pensamento ocidental. A dicotomia *sujeito-objeto* finalmente é superada completamente, podendo ser abandonada a compreensão de que objetos possuem essências puras em si, e finalmente é realizada a superação de um conhecimento que independa do modelo positivista científico de produção de conhecimento. O homem não é mais sujeito absoluto – “faculdade cognoscente” - em relação aos objetos e tampouco se encontra separado deles *a priori* por uma distância inatingível.

A insegurança para com o existir humano passa a ser considerado por Heidegger, já que numa compreensão fenomenológica, o homem não pode ser compreendido como os demais seres e objetos. O Dasein²³, como denomina HEIDEGGER (1993), não é um ser que pode ser compreendido como qualquer outro ente, mas diferencia-se dos demais objetos e seres por algumas condições fundamentais. O Dasein compreende sua própria existência, precisando conviver com sua própria finitude, predeterminado pelo seu fim, diferenciando o ser do homem do ser dos demais entes. Tais condições ontológicas originam dois sentimentos inerentes ao Dasein: angústia e culpa (NUNES, 2002).

O Dasein é o principal cuidador de sua existência frente à certeza da finitude que o constitui essencialmente em débito consigo mesmo. Por ser fundamento responsável de uma existência na qual não se configurou na natureza da essência, se pode ver a base de outra dimensão ontológica do ser-aí, a angústia, que traz em si a prerrogativa de ruptura de sentido do fluxo da existência. Logo, a possibilidade de morte, e a ameaça constante de não-ser são a origem

²² Ontologia é a parte da filosofia que trata da natureza do ser, da existência dos entes e das questões metafísicas em geral. A ontologia trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres.

²³ Dasein, do alemão, traduz-se ser-aí, ou ser-existindo-aí. Muito mais do que uma concepção heideggeriana de homem, o termo Dasein indica uma transformação radical no modo de pensar o ser do homem. O termo surge da impossibilidade de fixar o homem em uma figura específica, com uma determinação essencial e uma definição sintética que defina o que este ente propriamente é (CASANOVA, 2009). O Dasein é sempre uma possibilidade no qual se encontra como uma abertura para a experiência (INWOOD, 2002). O Dasein sempre se relaciona compreensivamente com o seu ser, não podendo deixar de se realizar a partir de uma das possibilidades de relação com o seu ser (CASANOVA, 2009).

central da angústia primordial do Dasein, onde há o confronto da necessidade de realizar as potencialidades, e o perigo real da impossibilidade de realizá-las (CASANOVA, 2009).

Outra importante singularidade do modo-de-ser do Dasein é a culpa (*schuld*), que é ocasionada pelo fato do Dasein ser abertura, possibilidades em seu próprio inacabamento, e portanto, sua existência permanece sempre em jogo. O Dasein precisa cuidar constantemente de seu próprio existir, portanto, a culpa se vincula à consciência da não-realização integral das potencialidades, da necessidade imperativa de efetuar certas escolhas em detrimento de outras. HEIDEGGER (1993) ressalta que o Dasein é essencialmente culpado, em um sentido distinto do conceito teológico, mas sim de sua condição ontológica. A culpa existencial é, portanto, ser fundamento de um ser determinado por um correlato existencial de uma falta (INWOOD, 1999). A culpa pode ser compreendida, como um débito estrutural pelo dar-se conta de uma falta compositora do existir (HEIDEGGER, 1993).

Outra condição fundamental do Dasein é ser livre. Dasein é abertura²⁴, possibilidade, e não é algo simplesmente-dado, que ainda possui de quebra a habilidade de poder alguma coisa. Primariamente, Dasein é possibilidade de ser. Sua essência é poder-ser. Dasein é o que pode ser e o modo em que é sua possibilidade, sendo essencialmente livre, no sentido de ser capaz de realizar opções e de tomar decisões das quais resultam os significados de sua existência (SODELLI, 2006).

4.3 Que é sentido?

Mesmo compreendido como possibilidade, o Dasein não vive jogado no mundo, sem rumo. Ao contrário, por sua condição ontológica de abertura, de ter-que-ser alguma coisa, sendo este um cuidado com seu próprio existir, um cuidado constante e ininterrupto, o Dasein se entrelaça no mundo, por meio da busca incessante pelo sentido.

Mas, *que é sentido?* Somos convidados a pensar a elucidação da verdade fenomenológica. Mas, é possível esclarecer o que vem a ser uma verdade elucidada fenomenologicamente?

Desde o início, a fenomenologia é meio para um procedimento de rigor para a apresentação da questão. Um tal procedimento diz respeito à própria fenomenologia

²⁴ Idem.

compreendida como método da crítica do conhecimento universal das essências, segundo Edmund Husserl, método que é a própria ciência da essência do conhecimento, ou doutrina universal das essências, o modelo positivista científico como produção de conhecimento. A fenomenologia é um método, o que significa dizer que ela é o “caminho” da crítica do conhecimento universal das essências (GALEFFI, 2000). Assim, para Husserl, a fenomenologia é o “caminho” (método) que tem como meta a constituição da ciência da essência do conhecimento ou doutrina universal das essências. Já para HEIDEGGER (1993), sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa. Chamamos de sentido aquilo que pode articular-se na abertura da compreensão²⁵.

Esta busca de sentido é constante, já que o Dasein sempre está em jogo. O sentido da existência consiste no estar-lançado-no-mundo, como seu destinar-se, seu rumo. Assim, a força motivadora da vida humana é a busca que o homem empreende para dar um sentido à sua própria existência (SODELLI, 2006).

4.4 O uso do álcool sob uma perspectiva fenomenológico existencial

Como foi ilustrado, faz-se tarefa impossível esgotar as possibilidades de sentido de um fenômeno. Logo, não se pretende apontar o sentido do uso do álcool como verdade una, mas sim elaborar uma aproximação entre o pensamento fenomenológico-existencial e uma compreensão acerca do uso de álcool, considerando a condição ontológica fundamental do Dasein.

O Dasein é um ser indefinido, que não pode ter uma determinação apenas. Diferente dos demais seres, o Dasein é abertura, devido às suas condições ontológicas fundamentais. Animais e objetos não possuem a abertura existencial que reside no Dasein, já que a este último lhe é possibilitado e exigido que tome decisões das quais resultam os significados de sua existência. Os demais entes já nascem predestinados a serem eles mesmos, trancados em seu próprio ser, não

²⁵ Compreender, para Heidegger, apresenta um significado distinto do compreender utilizado cotidianamente pelo senso comum. Segundo INWOOD (2002), compreensão não é um tipo particular de saber, distinto de outros tipos tais como explicar e entender. O Dasein compreende o mundo e suas possibilidades, e esta mesma compreensão projeta o seu ser para a sua destinação de maneira tão originária quanto para a significação, entendida como mundanidade do seu mundo particular. Uma vez que existe, o Dasein compreende a si mesmo, sempre se compreendeu e sempre se compreenderá.

havendo possibilidade de ser outra coisa. Eles apenas são. O Dasein diferencia-se, sendo possibilidade, e não determinação (NUNES, 2002).

Segundo CASANOVA (2009), o Dasein, não possuindo qualquer determinação, é lançado ao mundo em uma determinada facticidade, precisando dar conta de seu próprio existir, sendo exigido cuidado dele para com ele mesmo. Esta tarefa de cuidar da própria existência é intransferível e constante. Este cuidado incessante, que é exigido ininterruptamente, muitas vezes torna o mundo inóspito, já que a condição ontológica fundamental do Dasein é vivenciada através da angústia e da culpa. A própria existência pode passar a ser um fardo a ser carregado.

Esta condição ontológica do Dasein o coloca em uma posição de vulnerabilidade existencial. Segundo SIPAHI E VIANNA (2001), para todas as pessoas, em algum determinado momento, cuidar do próprio existir é uma tarefa árdua, significa dar conta de um mundo extremamente complexo. Em sua incompletude, o Dasein sempre conta com o futuro como horizonte de seu próprio existir, futuro este desconhecido. Enquanto estrangeiro e angustiante, o futuro implica que o Dasein seja o que não é hoje, abandonando o que é no presente.

É frente a esta angústia do futuro estrangeiro que se abre a promessa de um viver mais tranquilo, possibilitado pelo uso do álcool e outras drogas. O início do uso de drogas proporciona uma vivência completamente distinta daquela que a vida cotidiana oferece. O uso e a dependência de psicoativos podem provir de uma possibilidade de alívio do cuidado do Dasein para com o seu próprio existir, ocasionando um desligamento da realidade na precariedade de seu viver. O Dasein, então, passa a valorizar tais substâncias como via de acesso a um viver mais agradável e pleno, ou ainda, suportável e distanciado (SIPAHI E VIANNA, 2001).

No entanto, esta compreensão acerca do atual uso do álcool e outras drogas é aparentemente insuficiente. Numa direção contrária, há o que podemos chamar de uso terapêutico de drogas psicoativas, no qual em um contexto religioso ou de psicoterapia, substâncias podem ser utilizadas para expandir o campo de consciência do usuário, para que o mesmo visualize vivências pouco elaboradas, podendo haver uma melhor visualização da experiência, seguido de uma melhor compreensão.

O objetivo seria exatamente o contrário de um alívio do cuidado com o próprio existir, gerando uma conseqüente estagnação existencial, mas sim de um maior cuidado com a própria existência. Podemos citar como drogas utilizadas para tal fim a *Cannabis sativa* (maconha), a dietilamida do ácido lisérgico (LSD) e a bebida *Ayahuasca* (Santo Daime), entre outras. Um

exemplo do uso terapêutico de drogas é o proposto por Timothy Leary²⁶ e por Stanislav Grof²⁷, que faziam uso do LSD para se alcançar um estado alterado de consciência, que propiciava outras compreensões (insights) acerca do próprio existir, compreensões estas supostamente não acessíveis em um estado normal de consciência.

No entanto, o uso do álcool é complexo para ser compreendido apenas estas por duas possibilidades. A maioria dos jovens universitários, ao beber, não parece apenas aliviar o cuidado com o próprio existir, e também se descarta o uso terapêutico, muito distinto do uso recreativo, pelo menos na maioria dos casos. Tal constatação expõe a dificuldade em abordar um tema que demande extensa análise de uma complexa trama de sentidos, assim como a insuficiência do que foi discutido até então. Não é objetivo, e nem considera-se possível, esgotar os sentidos do uso do álcool, mas espera-se uma compreensão minimamente abrangente. Apresenta-se, então, uma terceira e nova possibilidade.

Voltando à condição ontológica fundamental do Dasein, ser livre o faz ser culpado pela sua própria existência, que a todo momento ele deve ser cuidada, através de escolhas, assumindo a responsabilidade de efetuar determinadas escolhas em detrimento de outras, sem qualquer certeza apodítica de estar fazendo a escolha correta. Presente na ontologia fundamental de Heidegger, a impessoalidade²⁸ compreende o uso do álcool como um cuidado alternativo para consigo mesmo, que não é regido pelo próprio Dasein, mas pela sociedade como um todo, que dita o que deve ser feito. O Dasein delega este cuidado com consigo mesmo ao convencionalizado pela sociedade, ao passo que perde sua individualidade e distancia-se de si mesmo, não optando ao que seria uma escolha própria e autêntica.

Em uma realidade na qual há uma grande publicidade de bebidas alcoólicas, e uma grande restrição ao uso das demais drogas, configura-se uma cristalização do uso do álcool. Atualmente

²⁶ Timothy Francis Leary (1920-1996), Professor de Harvard, psicólogo, neurocientista e escritor. Ficou famoso como um proponente dos benefícios terapêuticos do LSD.

²⁷ Stanislav Grof, psiquiatra tcheco, desenvolveu nos EUA pesquisas sobre os estados alterados de consciência através de experiências utilizando o LSD, como meio de atingir tais estados. Segundo ele isso propiciava que os pacientes atingissem outros estados conscienciais tidos como anormais, mas que eram importantes para a recuperação da saúde mental. Mais tarde desenvolveu uma técnica chamada Respiração Holotrófica, através da qual é possível atingir os mesmos estados de consciência através da respiração, abandonando, dessa forma, o uso do LSD.

²⁸ A concepção básica de Heidegger acerca da vida em sociedade é que ela é regida por uma noção obscura de convivência, na qual não há sujeitos, e há o domínio de uma ditadura, o império do impessoal, de uma sociabilidade truncada, em que nem o eu nem o nós se distinguem. Este impessoal é uma espécie de ninguém que comanda a vida individual e não pode ser identificado. Ocorre aqui uma perda do *Dasein* no espaço aberto da opinião pública que tudo devora e nivela por baixo e determina o que cada um deve fazer (WERLE, 2003).

os jovens bebem cada vez mais cedo, sendo este um uso abusivo em grande parte das ocorrências, mesmo que ocasional (AHLSTRÖM, 2009). A associação direta do álcool com diversão parece afetar principalmente os jovens, que são absorvidos pelo modo impessoal de ser. Maneira de vestir-se, valores éticos e hábitos para com a bebida alcoólica apresentam uma certa padronização entre um número alto de jovens, que têm sua individualidade tolhida, enquanto a ditadura do impessoal é acatada imperceptivelmente: o indivíduo é absorvido pela sociedade.

Ao mesmo tempo em que se dá a impressão de liberdade de escolha, e que não o impessoal, mas o indivíduo optou por determinada possibilidade, a culpa por sua própria existência é exaurida, já que a escolha não foi orientada pela autenticidade do indivíduo, mas sim pelo domínio do impessoal.

A seguir, apresentam-se as entrevistas dos dois grupos divididas em núcleos de significado, seguidas de uma compreensão acerca do modo de ser de cada grupo.

5 Apresentação dos focos de análise da entrevista com o 1º ano

Uso do álcool no início da faculdade

-Pessoalmente, após entrar na faculdade, que já faz um tempo, foi aumentando o uso do álcool. Usava mais em final de semana, depois durante a semana. Vai uma terça aqui em dobro²⁹ aqui, uma quinta ali, sei lá, eu tenho um gosto por cerveja. Muito social pra mim o uso. Às vezes incomoda até não ter criatividade suficiente pra sair com os amigos e não ir beber, e fazer qualquer outra coisa. Vamos jogar bola? Não, vamos no bar.

-Eu não costumava beber, e agora eu to começando. Eu não apreciava o gosto, eu não fazia questão de beber, mas só de entrar na faculdade já foi abrindo novas possibilidades, começa a experimentar novas bebidas, e isso estimula.

-Tem muitas festas também, cervejada, entrar no clima, ta todo mundo bebendo, vou beber um pouquinho, um copo, dois, três, vai...

-Tudo open bar, open bar, open bar.

-Esporádico. (...)Social. (...)Fins de semana (sobre o uso do álcool atualmente).

-Talvez as pessoas bebam mais quando entram na faculdade por conta disso mesmo, assim. Faculdade, ambiente desconhecido, ta num lugar que ela não conhece com um pessoal que ela não conhece, e começa a beber pra se sentir mais à vontade, pra fazer fluir melhor esse contato com o novo.

-Ah, na questão da faculdade cada um tem o seu interesse. Na hora você larga a mão de ir pro bar se você quer ir pra aula. Se você não ta interessado em ter aula você vai todos os anos pro bar.

²⁹ *Terça em dobro*: Promoção feita por bares e casas noturnas onde o cliente compra uma bebida alcoólica determinada e ganha outra igual gratuitamente. Acontece em um dia determinado que varia a cada estabelecimento.

O uso do álcool no início da faculdade é apontado como social, esporádico. No entanto, há uma contradição no discurso do grupo, que ao mesmo que aponta o uso como pontual, o associa aos finais de semana, o que corresponde à cerca de 28% dos dias de uma semana, evidenciando uma certa frequência.

A faculdade é apontada como um lugar e um período no qual são abertas novas portas, novas possibilidades antes não visualizadas, e o acréscimo do uso de bebidas alcoólicas é algo que acontece com a grande maioria.

Os motivos deste uso mais acentuado após o ingresso na faculdade é atribuído a diversos fatores distintos, como eventos que propiciam um uso maior, como festas universitárias, onde há bebidas alcoólicas à vontade inclusa no preço (open bar), e o fato de estar em um ambiente novo, com pessoas desconhecidas. O álcool, neste caso, é um recurso para sentir-se à vontade, propiciar uma fluidez maior ao estabelecer contatos novos e facilitar a inclusão.

É também relacionada a este acréscimo do uso a imaturidade, a falta de comprometimento para com as tarefas acadêmicas, que pode acarretar com que o aluno vá ao bar, e não compareça às aulas. É ainda apontada outra postura crítica para com o uso do álcool, relatando muitas vezes uma falta de criatividade envolvendo programas onde o álcool está envolvido, já que há muitos outros programas possíveis além de beber com os amigos, mas que geralmente estas outras possibilidades são ignoradas ou não consideradas, evidenciando uma cristalização do uso do álcool em nossa sociedade.

Cristalização do uso do álcool

-Ah, você tá numa festa, o que tem pra beber? Cerveja? Tudo bem, às vezes tem água, refrigerante. Muitas vezes você tá conversando, e você não tem objetivo de “nossa, eu vou ficar bêbado”, ou não sei o quê, você tá bebendo ali, o que tem no ambiente.

-Acho que às vezes você nem faz muita questão, assim. Mas se você tá num contexto, num ambiente, todo mundo bebendo, e você não bebe, ele fala: “ah não, você tá aqui na festa, você não vai beber? Você tá num bar, por que você não põe um copo pra você?” E você acaba bebendo sem propósito, assim. Mais pelo contexto.

-Pra mim é muito automático já. Eu nem penso no mal que pode fazer, e que aquilo é falta de criatividade, é automático. Eu vou eu e meus amigos e vamos no bar sem pensar, assim. E quando eu fico sem beber é muito mais porque já bebi muito no dia anterior, “não agüento mais, chega”.

-Pra mim na maioria das vezes, é assim, cerveja. Tomo mais cerveja do que qualquer outra coisa hoje. É uma coisa que tem que ter no ambiente quando eu to com amigo, como se fosse música, se não ta tocando música tem alguma coisa faltando. Vou tomar cerveja e vamos trocar idéia, simplesmente isso, não tem um objetivo assim, preciso tomar cerveja pra isso. Não, ta no ambiente e é natural. Completamente natural.

-Porque você poderia escolher outra bebida, você pode escolher.

-Porque o álcool é de mais fácil acesso (sobre a escolha do álcool, e não de outra droga).

-Acho também que o álcool não tem o mesmo caráter aversivo que o cigarro, por exemplo, que é tão acessível quanto. O cigarro até a lei que foi criada³⁰, hoje o cigarro tem uma conotação um pouco mais negativa do que a cerveja, por exemplo. Cerveja tem anúncio na televisão, não tem tanta restrição, outro dia tava ate criticando muito os quatro presidentes dos clubes de São Paulo porque eles tinham um contrato com empresa de cerveja e empresa ta assim, fazendo uma campanha ligada ao futebol de uma forma totalmente errada, como se o álcool não fosse prejudicial, sabe? Restrição ao álcool quase não tem, aqui no Brasil pelo menos, não é tão forte quanto essa restrição ao cigarro.

-Tem muito dinheiro envolvido também.

³⁰ Lei Nº 13.541, de 7 de Maio de 2009: Proíbe o consumo de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou de qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, em ambientes fechados em todo o Estado de São Paulo.

Dependendo do ambiente e do contexto em que o estudante universitário se encontra, o uso do álcool é considerado comportamento normal. Em ambientes como casas noturnas e bares, o uso do álcool é esperado, e muitas vezes há uma cobrança de amigos e pessoas próximas. Este uso é automático, onde cada um não pensa nas consequências deste uso. Quando o uso não é feito, um dos motivos é ter feito um uso abusivo no dia anterior, acarretando falta de condições físicas para que o uso ocorra no dia seguinte. Em um contexto onde o uso do álcool é tido como comportamento padrão, o não uso propicia uma sensação de falta, de estranhamento e desconforto.

É dito que o álcool não é a única opção, que se pode consumir uma bebida não alcoólica, havendo liberdade de escolha. No entanto, nenhum dos integrantes relata fazer este uso diferencial. É ainda trazida a questão que poderia ser outra droga em vez do álcool, mas que a escolha do álcool se dá por esta ser de fácil acesso, além de não possuir um caráter aversivo, como outras drogas possuem. Já o álcool diferencia-se das demais drogas, pois é altamente associado a esporte e diversão, envolvendo um grande fluxo de capital.

Influências de outras pessoas no uso do álcool

-Depende com quem você tá. Se eu tô com as minhas amigas-amigas então tanto faz, tenho intimidade. Não, mas se eu tô num lugar estranho, não conheço muita gente, você toma uma bebidinha pra dar uma descontraída.

-Mas eu acho diferente. Eu tive gastrite, né? E eu tive que ficar seis meses fazendo regime alimentar, não podia beber, não podia fazer nada. E era a época que tava no terceiro colegial, todo mundo indo pro bar, todo dia, todo fim de semana. E aí eu comecei a ir, nas primeiras vezes eu fui, ficava todo mundo locão, passando mal, dando risada, assim, e eu sentada, tipo: “nada a ver, sabe?” Aí eu parei de ir. Vou no bar, pra não beber, tá todo mundo curtindo e eu vou ficar lá sentada? Tudo bem, posso conversar com a pessoa, não tô “out”, mas assim, você fica meio... Não tá legal, sabe?

-Então, depende muito do ambiente, mas não é que é deslocado, você não tá excluído, você não tá fora da turma, você só não tá locão que nem todo mundo. Não tá “out” do grupo. Não vejo

isso em momento algum, eu vejo que não ta curtindo da mesma forma, mas ta curtindo com as pessoas.

-Não sei se é tanto pelo álcool, acho que é mais pela conversa, acho que as pessoas ficam mais por estarem mais leves, mais fluidas e isso me afeta, assim. Mas eu não sei, se eu to sozinha, não me causa nada.

-E eu acho que com menina é mais feio ainda do que com menino (com relação ao uso abusivo).

-E agora, não é preconceito a palavra, mas os moleques, vai sair só os moleques, ta todo mundo bebendo e tem um que não bebe, porque ele não quer. É muito chato. E quando viaja, “vamo beber aí!” Tem muito aquela pressão, assim. Às vezes o cara nem gosta, sabe? Mas beleza, bebe, acaba indo pelos outros. (...) Eu acho que é cultural, assim, né? O machismo, os homens que bebiam.

-Acho que as mulheres ficam maduras mais cedo, chega antes pra elas. Essa fase aí, mulher não é tão suscetível a essa pressão do grupo, que é muita, e dura a vida inteira. Essa pressão assim de macheza, de beber porque você ta demonstrando força, sabe? Você ta de pé depois de beber tantos, então você é forte. Acho que tem a ver mais com o universo masculino esse tipo de pressão.

- Ah, não sei, o primeiro curso que fiz foi RI³¹, o pessoal não bebe muito, então não tinha essa pressão. Psicologia, pelo que eu falei de maturidade, na sala tem muito mais mulher do que homem, e esse tipo de pressão não se cria muito. A sala tem poucos homens e que tem um lado feminino mais desperto do que os outros homens em geral, assim. Sete homens na nossa sala, então não tem muito disso.

-Acho que nesse caso seria mais uma coisa pelos outros, sabe? Você ta numa situação que ta na empresa, todo mundo vai se reunir, fazendo uma conferência, e aí ta na festa, todo mundo

³¹ RI: Abreviação do curso de graduação de Relações Internacionais

bebendo, e você acaba pegando um copo pra você se enturmar, pra interagir do que mais pra sentir o efeito.

O grupo relata que existe influência de outras pessoas no uso álcool, mas que se dá de maneiras diferentes, variando de acordo com o local, ambiente e companhia.

É colocado que é desconfortável não beber em um local onde todos bebem, há um sentimento de exclusão. Logo, há um uso do álcool feito em função de outras pessoas, um uso estabelecido com o objetivo de igualar-se aos demais, de fazer o esperado para se enturmar e ser aceito com maior facilidade.

É emitido o comportamento tido como padrão (consumo do álcool) visando um fim: a inclusão, onde o indivíduo visa se integrar, fazer parte de algo. Mesmo quando não há vontade, este uso pode ser feito, já que a pressão dos demais, por muitas vezes pode ser mais forte, superando a vontade e decisão de não beber. Outras vezes, mesmo não havendo pressão, o uso do álcool é feito sem vontade, mas por uma decisão própria, já que o usuário busca os efeitos para estabelecer contatos interpessoais com maior facilidade, efeitos esses de descontração e desinibição.

Segundo o grupo, em um contexto de amigos em um bar, uma pessoa que não bebe não é considerada excluída, mas diferencia-se das demais, aproveitando de uma maneira diferente.

É apontado também que entre os homens, o uso do álcool é mais exigido, havendo uma maior pressão para tal, fato este associado diretamente à cultura machista e ao universo masculino.

O álcool como obrigação em eventos sociais

-Tipo ontem, fui na balada de formatura e hoje eu não vou beber porque não dá, não vou beber porque meu corpo não ta me permitindo. Inclusive as vezes que eu fiquei sem beber por vontade foram estranhas, porque você se sente um pouco, às vezes você se sente deslocado, até contra a própria vontade de não beber, porque tem o gosto por bebida e você fica meio, sabe? Já tentei ficar em balada sem beber e tal.

-Concordo. (...) Sim (sobre sentir-se deslocado ao não consumir o álcool).

-Mas é diferente. Você não ta escolhendo “não to a fim de beber”. Você não pode participar. (...) Quando você ta lutando contra você é mais difícil mesmo, do que quando você tem uma proibição, um regime. Uma escolha: “hoje eu não vou beber, vou fazer esse esforço”. É chato, você fica nesse conflito a noite inteira, mas se for algo, ou porque o seu corpo não agüenta mais álcool, ou porque simplesmente você nem percebe a falta de álcool.

-Sim, sempre (sobre haver pressão para o consumo do álcool).

-Mas esse final de semana, por exemplo, sai sábado, aí no domingo ia sair, saí, mas falei: não vou beber hoje, né? Vou ficar tranqüila, não vou beber todos os dias, né? Aí lá na balada, eu nem vou beber, aí uma amiga fala “vou pegar uma cerveja”, aí outra vai pegar uma cerveja, e a outra pega uma cerveja, e ninguém falou nada, ninguém ficou pressionando, mas eu falei: eu vou acompanhar, né? Pô, o pessoal ta bebendo, vou beber também, aí peguei uma cerveja, e vai indo, né?

-Ah, tem também o negócio da novidade, né? Você também aprende a beber. Nessa festa mesmo um amigo meu trouxe uma garrafa de whisky, a gente abriu, bebeu, eu bebi uma dose, e eu fui buscar uma água. E ele disse: “porra, você vai buscar uma água?” E eu disse: “vou”. É verdade, tem que saber beber um pouco. Não sou moleque, vou beber uma água porque estava realmente vidrado, por isso que eu to bebendo menos, né? Não é porque eu vou beber água que eu vou beber mais, né? Acho que o fato de eu usar água numa balada, de parar por meia hora e beber água, diminui por si só o uso do álcool.

O álcool hoje é diretamente associado a festas e outros eventos sociais. O uso é feito de modo indiscriminado, como se o álcool não fosse uma droga e não contivesse em si uma nocividade, e a pressão para o uso do álcool é realizada da mesma maneira. No entanto, o sentido desta pressão não é explicitado ou sequer discutido pelo grupo.

O uso do álcool, além de estar cristalizado em nossa sociedade, está também associado diretamente a uma grande gama de eventos sociais, e sendo o comportamento esperado o beber, parece haver uma obrigação e uma pressão para que o álcool seja consumido por todos.

Diferenciar-se dos demais parece ser uma tarefa árdua, passando a impressão de que quem não bebe, está sozinho. O não beber, em um contexto no qual o uso do álcool é cobrado, é extremamente difícil para alguns integrantes, que dizem sentir-se descolados, desconfortáveis.

Reflexão limitada sobre o uso do álcool

-Não sei (sobre o sentido do consumo do álcool).

-Acho que também depende da conversa que você ta tendo no bar. Se você ta tendo uma conversa mais superficial, mais leve, cabe você beber. Mas se você vai ter uma coisa profunda, que você vai precisar pensar bastante, o álcool acaba atrapalhando um pouco. Talvez com o passar dos anos mude o conteúdo das conversas.

-Ah, não sei (sobre o motivo da diminuição gradativa do uso do álcool).

-Eu acho que também, que você falou de cigarro associado, o álcool pode ser associado a qualquer tipo de droga, você bebe e você fica mais suscetível a fazer coisas que você não faria quando você ta sóbrio, sabe? Você ta com curiosidade pra fazer alguma coisa, você ta sóbrio e pensa: “não, nunca vou fazer isso”, mas na hora você ta com todo mundo e acaba experimentando uma coisa que não gostaria de experimentar.

-Eu acho que é cultural, o álcool, o vinho, é muito antigo, tudo bem, o cigarro também, mas o álcool é mais.

-Se você procurar todos os povos tiveram ou têm um fermentado ou um destilado.

-Ah, acho que é muito cultural mesmo, né? Vai passando de geração pra geração porque é uma coisa bonita beber, uma taça de vinho (sobre a associação direta do álcool à diversão e a eventos sociais).

-Óbvio que o Ronaldo³² seja garoto propaganda da Brahma³³. É muito estranho um esportista como o Ronaldo ser garoto propaganda da Brahma. Até pelas notícias que a gente ouve do Ronaldo, é muito óbvio que ele seja garoto propaganda da Brahma, só que fica estranho, não casa, sabe? Parece ser uma coisa muito forçada.

O uso do álcool não é pensado em sua total complexidade. Muitas vezes dá-se a impressão que ele sequer é pensado, e portanto, a entrevista possui um conteúdo consideravelmente superficial.

Muitas vezes os temas são simplificados, havendo um aprofundamento mínimo. Outras vezes, quando são questionados sobre algo em especial que ainda não foi pensado por eles: o tema é sutilmente deslocado, sendo respondido algo que permeia o tema, mas que não responde a pergunta. Outras vezes, é dito que não saberiam responder a tal pergunta após algum momento de reflexão.

Além disto, muitas das respostas sobre o assunto são ingênuas e errôneas, indicando não só uma falta de conhecimento específico básico do assunto, mas uma necessidade de explicitar uma opinião, um conhecimento relevante ao assunto, mesmo não havendo uma reflexão própria seguida de uma formação de opinião.

Os sentidos do uso do álcool

-E às vezes tem umas situações que você tá meio sem graça, tá meio inibido, e bebe uma pra dar uma tranqüilizada.

-Vamos supor, por exemplo, você tá afim de um cara, ou de uma mina, e você vai na festa super apreensiva, aí você toma uma bebidinha você fica... Não consegue nem dançar, né? O cara chega perto e você fica dura. Aí você bebe e muda, fica mais facinho.

-Então, depende. Eu, assim geralmente eu bebo pra apreciar o gosto, porque eu consigo me soltar assim, sem beber. Até mesmo quando eu bebo nem afeta assim. Eu também não tenho muita experiência com isso pra falar. Nunca tomei um porre pra falar que isso tenha me soltado.

³² Futebolista brasileiro, jogador consagrado, que atualmente joga pelo Corinthians.

³³ Marca de cerveja nacional.

Mas tem uma coisa da influência, que é pra experimentar, tentar experimentar uma coisa diferente, tentar sentir um pouco do que é ficar solto quando bebe. Então eu bebo pra ver o que é, né? Até agora não aconteceu nada.

-Sim. (...) Concordo (sobre a possibilidade de usar o álcool para tirar uma inibição).

-Não. Pra mim não faz diferença (sobre a possibilidade de usar o álcool para tirar uma inibição).

-Você nunca ficou mais soltinha, mais molinha?

-Acho que é pra ficar mais alegre, descontraído.

-Mas eu acho que se o ambiente é agradável, se a música é agradável e ta com pessoas que você gosta. E nas primeiras vezes que eu bebi, também tem o gosto pela coisa. É uma coisa que chama a outra, entendeu? Não é só beber pra ficar alegre, sabe?

-Acho que pelo gosto e pela sensação, assim, que dá.

-Pra mim foi um pouco diferente. Eu bebo mais em casa do que fora. A minha mãe gosta muito de vinho, e comecei a beber um pouquinho por causa da minha mãe, e hoje eu bebo o vinho mais pra apreciar, meu pai não, bebe pra beber a cerveja dele. Mas champanhe, às vezes a tequila, que a minha família gosta, cerveja pra mim é irrelevante.

-Por causa do efeito. Tudo bem, também pode ser o negócio de apreciar, uma caipirinha de abacaxi é gostoso, mas as pessoas bebem, não na maioria pra apreciar, acho que pelo que aquilo pode causar, não sei.

-Ta com os amigos, bebe a cerveja, mas não pra ficar locão, ta com os amigos, fica mais solto, eles conversam, acho que é isso assim, causa.

-Acho que é mais por um hábito criado quando moleque e que você mantém. Você cria o hábito porque quando você é mais adolescente você acaba fazendo isso por vontade, curiosidade, você quer beber mais, e nesta época você faz porque você está condicionado a fazer isso. (...) É natural.

-De um ponto de vista comportamental, acho que você acaba criando esta condição pelo ambiente mesmo, porque você está com os amigos então você precisa do álcool.

-Mas você faz também porque é gostoso. (...) Faz, com certeza.

-Não, claro, eu até penso pessoalmente em relação ao cigarro mesmo, acho que tem um pouco da mesma lógica. Eu aumentei um pouco o meu uso do cigarro, eu não uso assim no dia-a-dia, não tenho muita vontade assim, eu não compro cigarro, mas eu fumo quando eu to com os amigos e quando eu to bebendo cerveja, eu acho que aumentou e eu vejo que essa associação é muito automática hoje em dia. Tem, claro, o prazer de fumar, mas tem muito por este estar associado, ligado à cerveja. Quando eu não to tomando nada eu não tenho nenhuma vontade de fumar cigarro. Mas quando eu to num bar com os amigos tomando cerveja é um ambiente propício pra isso. Então acho que o álcool entra mais ou menos nessa lógica, tá com os amigos, eu brinco, sabe? Ah, mais um motivo pra beber, sabe? Chamar os amigos pra ver o jogo em casa, passa no supermercado e compra cerveja, como se isso fosse algo necessário pro prazer.

-E também acho que o álcool é uma droga social, o cigarro não é. O cigarro é mais uma coisa pra você. O álcool tem mais uma coisa que sociabiliza. O álcool é uma coisa que acaba potencializando um movimento de festividade, tanto que tem muitas festas no mundo inteiro que estão associadas ao álcool. Sei lá, dia de São Patrício, na Irlanda, totalmente associado ao álcool. (...) Aquela da cerveja, né? Oktoberfest.

São atribuídos diversos sentidos ao ato de beber, como o uso que é feito como uma apreciação do gosto da bebida em si, apreciação esta proveniente de uma tradição familiar.

O mais evidente e mais freqüente sentido é a busca pelo efeito que o álcool acarreta no organismo, efeito este tranquilizador, desinibidor, que pode vir a facilitar relações interpessoais, já que o usuário fica mais descontraído para tal.

A associação direta do álcool a eventos sociais é outro fator muito presente. O usuário pode ter sido condicionado a fazer este uso ao longo da adolescência e início da fase adulta, e continua emitindo um comportamento já cristalizado. Há também a possibilidade da associação natural do álcool à diversão ser ditada por uma regra impessoal à sociedade, de beber em determinada ocasião/contexto. Logo, esta regra destinada a todos muitas vezes pode suprimir uma vontade pessoal própria do indivíduo, levando-o a um uso impessoal.

A diminuição gradativa do uso do álcool

-Eu acho que na primeira faculdade, que eu to na segunda, tinha mais isso de beber pra ficar bêbado, pra encher a cara, então fazia jogo de bebida, o objetivo era ficar bêbado, mas passado aí uns 5, 6 anos, não tenho mais isso com meus amigos, até falamos que com dezoito bebíamos muito mais do que agora, com vinte e três, vinte e quatro.

-Então, no começo era uma coisa “vamos pro bar, vamos pro bar, vamos pro bar”, e não era nem com o intuito de beber, mas de ficar com todo mundo e conhecer. Hoje já duas vão pro bar, assim. É raro. Por já conhecer e não saio tanto, saio mais de fim de semana, dia de semana não to indo muito mais. É difícil.

-Eu acho que é gradual. Eu to na segunda faculdade também. Na primeira faculdade, no primeiro ano eu ia pro bar todos os dias; essa faculdade eu comecei e fui pro bar quantas vezes? Cinco, no ano inteiro.

-E acho que depende do objetivo, né? Eu também fiz um pouco de publicidade e eu estudava a noite. Então eu ia pra faculdade e ia pro bar, na verdade eu não tava querendo nada com nada, não sabia o que eu ia fazer, então eu ia pra faculdade, conversava com todo mundo, depois ia pro bar, bebia e depois voltava. Já aqui não, to aqui com uma coisa que eu quero fazer, então eu venho pra cá. No começo também, eu vinha pro bar, ficava conversando, às vezes nem bebia, mas ficava lá. Agora hoje em dia eu raramente vou pro bar, só fim de semana, assim.

-Acho que pela maturidade, assim. Porque você não conhece também, você fica bêbado, assim, novas experiências, não sei. Aí depois você vai crescendo, vai vendo que não é assim, tipo ficar bêbado, você já teve essa experiência assim, ele ganha o gosto da bebida e vai ganhando maturidade pra regular isso, sabe?

-Ah, você vai amadurecendo, o porre, você já sabe como é que é, acordar no hospital e tomar uma glicose na veia. E às vezes você nem tá aproveitando ali o que você vai fazer, acaba fazendo vexame, alguma coisa assim, as pessoas que você queria conversar você não conversa, e acaba sendo uma coisa feia, porque todo mundo olha pro seu porre. Tudo bem beber, ficar bêbada, assim, mas passar dos limites assim todo mundo fica olhando, tipo “que feio”, sabe? (...) E aí você vai sair, vai beber só um pouquinho pra ficar legal, não passando mal, sabe? Acho que é outra fase.

-Você entra na facu, você fica com outra cabeça, amadurece, é uma coisa natural da vida, assim, é pra ser, pra maioria das pessoas. Muda os seus interesses, quer fazer outras coisas, menos supérfluas.

-Eu acho que maturidade é totalmente relacionado com responsabilidade. Tem uma responsabilidade pra pegar um carro, pra ir pra faculdade prestar atenção nas aulas, pra você antecipar qualquer evento que possa te trazer um mal estar assim, então você aprende a discernir melhor, a ter mais cuidado consigo e com futuras coisas que possam te atingir assim. Acho que é isso.

-Ah, já senti, hoje não (pressão do grupo para beber). Entre os meus amigos, até por tá um pouco mais velho assim já... Por exemplo, na festa de ontem, “tem três garrafas de Black Label³⁴ na mesa, você vai beber água?” Aí logo depois, sem eu ter que falar “não enche o saco” ele já falou “ó, é verdade”. Então acho que a pressão diminuiu um pouco assim. Também por ser mais velho e conhecer melhor você acaba se respeitando mais também.

³⁴ Whisky doze anos de procedência escocesa.

É um consenso geral que o álcool passa a ser gradativamente menos usado ao longo da graduação. No início da faculdade havia um uso maior, já que havia mais ocasiões onde o uso do álcool era esperado, como encontros em bares, destinados a um conhecer o outro. Atualmente esses encontros fazem-se mais escassos, já que todos já se conhecem, havendo uma conseqüente diminuição do uso do álcool ao longo da graduação.

Outro motivo desta gradativa diminuição, segundo o grupo, dá-se pela maturidade, sendo esta proveniente de um saber obtido através da experiência, como algo natural, onde há uma mudança de interesses, onde o uso do álcool passa a ser algo supérfluo, que dá lugar a interesses mais significativos, mais responsáveis.

A maturidade aparenta ter como conseqüência que a influência dos demais tenha menos efeito. Ao mesmo tempo em que há uma cultura que não só é conivente com o uso do álcool, mas que possibilita que haja uma obrigação do uso em determinadas ocasiões, a maturidade parece colocar o indivíduo como dono de suas próprias vontades e escolhas, parecendo emergir a possibilidade de não seguir o já cristalizado e esperado de cada indivíduo.

Restrição ao uso

-Não sei, porque eu acho o álcool muito pior do que o cigarro. O cigarro você faz mal pra você. A fumaça incomoda, mas você faz mal pra você. Já o álcool você pode matar outras pessoas com o carro, você pode meter uma faca em outra pessoa quando ta nervosa, eu acho o álcool muito pior pra sociedade do que o cigarro.

-Eu acho que quando você ta bebendo e vai dirigir você fala “putz, que medo de pegar o carro! Que porcaria de lei!” Mas pensando racionalmente acho que a lei é boa, pensando racionalmente é uma pena que a lei não tenha pegado, a polícia não ta muito efetiva pra fazer fiscalização, e tal, acho que deveria ter uma restrição comercial, acho que não deveria ser associado a esporte nenhum, é péssimo isso.(...) Não combina, né?

-Mas é que nem o cigarro, antigamente era bastante divulgado pela Fórmula 1, né? Todos os carros tinham patrocínio do cigarro, do Marlboro³⁵, e o cinema também. Então acho que é uma coisa que dependendo da cultura, da sociedade vai diminuindo ou aumentando, né?

-E acho que deveria aumentar a restrição pra menores de idade. Eu acho que começa deles, porque quando você é menor você não pode, e acaba fazendo o proibido e aí entra na faculdade e alastra.

-Eu penso assim: não deveria ser vendido pra menor. Eu concordo, mas tem que ter um jeito pra quando chegar na idade não alastrar, né? Mas é que tem muita propaganda: compra, compra, compra. Não, aqui você não compra. Teria que trabalhar muito pra não conseguir não vender pra menor. Acho que é praticamente impossível, mas é uma coisa que funciona no exterior, não vende. Você tem que mostrar o seu RG, vai, pede, chama a sua mãe, e se você tá com a sua mãe vende. Vai, chama a sua mãe, assina, e aí vende. Senão não vende. Você vai nas festinhas, tem. Chega a polícia tá todo mundo fumando maconha e tomando cerveja, a polícia tá chegando, todo mundo esconde a cerveja e fica fumando maconha. Se a polícia te pega com cerveja você é preso. Se a polícia te pega, adulto, no Canadá, Estados Unidos, alguns na Europa, tem aquele lance da balada de te carimbar, senão você não pode beber, é bem mais sério, o problema do Brasil, é que acho que porque não tem rigor, é uma coisa que tem a lei, mas ninguém fiscaliza, ninguém faz nada, você fazer a lei e não fazer a lei cumprir. Então todo mundo faz o que quiser.

-Eu fiz intercâmbio nos Estados Unidos assim, e acho que o álcool tem uma coisa muito negativa pelo álcool ter a proibição que tem lá, e quando bate vinte e um anos ele não agüenta mais, e ele bebe muito! A maturidade demora um pouco mais pra chegar pra ele do que aqui no Brasil. Então não sei, aqui no Brasil talvez seja interessante aumentar a restrição, a fiscalização, e realmente estender pra menores de dezoito. Lá pelo menos eu via a proibição como uma coisa que só acontecia ligado ao uso quando era permitido ou quando o jovem bebia escondido. Eu cheguei lá eu tinha dezesseis anos, ia beber lá com meus amigos que também tinham dezesseis, dezessete, mas lá eu não tinha esse negócio: vou beber muito porque eu não posso nunca. E eles

³⁵ Marca de cigarro do grupo Altria, muito popular e largamente consumido.

tinham isso, e nas vezes que eu bebi eles tomavam porre e eu ficava bem, tranquilo, porque não era novidade pra mim. Então talvez a proibição seja algo que na hora que libera, arreventa.

-A proibição é muito complicada, mas se você pensar numa pessoa que experimenta maconha, com treze anos, e uma que experimenta com dezoito, em média, né? Quem experimenta com dezoito vai largar mão antes, do que quem experimenta com treze, porque você ainda é muito imaturo, então você tá consumindo e não tá sabendo o que você tá fazendo. E aí com dezoito, eu concordo que a proibição só vai deixar você beber com vinte e um? Mas também tem a ver com maturidade, Acho que com vinte e um você já pensa melhor nos seus atos, já passou por muita coisa, então tem os dois lados, acho que pesa.

-Acho que o pior é a coisa da propaganda mesmo. Se você só pudesse beber com vinte e um, mas fosse uma coisa mais natural, assim, tudo bem, mas você cria uma fantasia assim de um mundo maravilhoso que você tá perdendo enquanto você não tem.

O álcool muitas vezes é visto como uma droga nociva, e que no caso da realidade brasileira, traz enormes prejuízos à sociedade. É discutida, então, a restrição ao uso do álcool. É citada a necessidade de uma restrição comercial, publicitária, além de a lei seca ser justificada.

A restrição ao uso é então justificada e questionada por diferentes integrantes. O fato de um adolescente ser muito mais vulnerável à dependência do álcool ou qualquer uso nocivo do que um adulto, faz com que o uso seja restrito a menores de dezoito anos. No entanto, além da legislação brasileira não ser respeitada, em países onde a legislação restritiva do álcool é seguida com rigor, assim que os recém adultos completam a sua maioridade, podendo então fazer uso do álcool, o uso observado é abusivo. A restrição do álcool passa, então, a ser questionada, já que cria uma grande expectativa nos adolescentes relacionada ao consumo de bebidas alcoólicas.

6 O modo de ser do 1º ano na entrevista

É possível perceber através do modo de ser do grupo de alunos do 1º ano que o uso do álcool não é encarado, por inteiro, em sua complexidade. Assumindo os âmbitos onde tal uso se insere como um todo, o que se mostra é um modo de pensar *cotidiano* (HEIDEGGER, 1993). Este fato é significativo, pois não trata de algo totalmente alheio, pelo contrário, faz parte da realidade universitária.

A entrevista permaneceu majoritariamente com um conteúdo superficial. A demanda do entrevistador de aprofundar temas relevantes que emergiam ao longo do encontro não foi abarcada completamente. Ou seja, muitos temas foram apenas trazidos ao grupo, não se desenvolvendo de forma clara e aprofundada. Um exemplo deste fenômeno é um trato que foi dado à diminuição gradativa do uso do álcool relacionada à maturidade. A associação entre maturidade e responsabilidade é ponto destacado como superficial, que perpassa diversos temas, mas se não explora nenhum.

Como o beber não é pensado cotidianamente e já se encontra imbricado no cotidiano, muitas vezes observa-se na entrevista um momento reflexivo imediatamente após a pergunta do entrevistador. Tal momento vem à luz como necessário à resposta. Outras vezes a resposta emitida pelo entrevistado é deslocada da pergunta, apenas permeando o tema solicitado, mas não respondendo a questão proposta. Há também ocasiões onde respostas equivocadas se fazem presentes, evidenciando uma necessidade do grupo de expressar-se, mesmo não havendo uma opinião própria previamente formada ou um conhecimento específico básico necessário para tal posicionamento³⁶.

Foi observada uma necessidade de falar de algo que não lhe é familiar. Ainda que sejam temas participantes ao cotidiano do grupo, os integrantes aparentam não experienciar o consumo do álcool, transmitem a impressão de serem levados como irrelevantes até o momento da interrogação. Tais temas não os tocam, não chegam a eles de forma significativa, não provocam uma apropriação do que é vivido. Logo, a experiência não é vivida numa dimensão própria

³⁶ O entrevistador não pressupõe que seja necessário qualquer tipo de saber ou esclarecimento acerca do ponto central discutido na entrevista. Neste sentido, a afirmação em questão se refere ao fato dos entrevistados se pronunciarem de uma forma na qual transparece certo conhecimento e domínio sobre o tema, mesmo não havendo embasamento no discurso dos mesmos.

(BONDÍA, 2002). Tal distanciamento do vivido, e sua predominância na entrevista, eventualmente possibilitam o questionamento da experiência do beber como experiência (*erlebnis*). Não há opinião formada ou reflexão pessoal a respeito do que lhes ocorre. Possivelmente não há consciência do que, de fato, lhes acontece. O que cada um sente e percebe não é modificado, mas está cristalizado. O pensar reflexivo apresenta-se como momento raro e, é esta constatação minoritária de parcialidade compreensiva, que caracteriza o relato aqui estudado.

A informação não implica necessariamente experiência, mais do que isso, o excesso da primeira impossibilita que a última ocorra. Muitas vezes a busca incessante pela informação faz com que nada aconteça ao que por isso possui obsessão. Este é um fenômeno cada vez mais recente, já que vivemos em um mundo cada vez mais tecnológico, onde a sociedade moderna é marcada pelo grande fluxo global de informação³⁷.

Aparentemente o grupo não experencia propriamente o uso do álcool. Este tema não chega a eles de modo significativo, não lhes sucede, não lhes acontece³⁸. A demasiada superficialidade do grupo frente ao assunto ilustra um tema que não lhes é estranho, no entanto, não parece ser experienciado com propriedade. O efeito do álcool, que é considerada uma droga *bifásica*³⁹, parece estar de certa forma relacionado a esta tendência. Estas duas fases são caracterizadas inicialmente pelo momento eufórico, onde predominam sentimentos de grandiosidade, agitação, euforia, entusiasmo e desinibição; e posteriormente pelo momento sedativo, caracterizado pela lentificação, sonolência, prejuízo na capacidade de raciocínio e concentração (BAER, DIMEFF, KIVLAHAN e MARLATT, 1999). Ambos parecem afastar o usuário de uma postura autocrítica, impossibilitando a apropriação da experiência vivida.

Outro modo de ser marcante do grupo é a presença de opiniões acerca do assunto proposto. Muitas vezes há uma necessidade de opinar a respeito, de falar algo que seja ouvido e considerado significativo. BONDÍA (2002) ressalta que a opinião é também outro fator que faz com que a experiência seja cada vez mais rara. Nessa sociedade de grande fluxo de informações, ter uma opinião pessoal é imperativo. Há um movimento de opinar sobre qualquer assunto em que há informação a respeito. Neste sentido, a falta de opinião é um desconforto, uma falta, um despreparo, que se opõe à qualificação aparentemente necessária ao mundo moderno, como se em consequência da informação, opinar fosse automático e natural.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

³⁹ Droga psicoativa na qual seu efeito pode ser dividido entre duas fases distintas.

Tal característica faz-se presente também na educação, que privilegia a informação à experimentação. Grande parte das instituições de ensino atuais associa educação apenas ao conhecimento que pode ser ensinado, e não à experiência, oportunidade onde o conhecimento pode de fato ser aplicado e utilizado. Talvez seja esta uma das maiores dificuldades em se educar nos tempos atuais, já que o aluno não vê sentido naquilo que ele aprende, localizando-se distante da experiência, e portanto, de uma aplicação empírica do aprendido.

Podemos explicitar o modo de educar predominante com o exemplo do vestibular. Há uma grande concorrência que converge no sentido de quem detém mais e melhor o conteúdo necessário. Os colégios e demais instituições educadoras preparam os alunos para tal, fornecendo o conhecimento necessário, visando a formação de bons profissionais. Embora muitos finalizam sua formação e estejam aptos a escolher o que desejam com possibilidade real de aprovação, muitos não sabem de fato o que escolher. Tal realidade relaciona-se com o fato das instituições lidar, cada qual, com seus alunos como profissionais, e não como seres que detém o aspecto profissional apenas como parte de seu ser. A formação das pessoas na educação, na maioria das vezes é relacionada à sua profissionalização, e cada vez mais cedo já educamos com tal destinação, como se seu ser fosse delimitado a tal aspecto. O estudante, ao se relacionar com o mundo circundante, reproduz o tipo de tratamento educador vigente, lidando apenas com sua parcialidade superficial.

Durante a entrevista, o silêncio inexistiu no grupo. O espaço disponibilizado é sempre ocupado pelos integrantes com informações ou opiniões, mesmo que equivocadas. Muitas vezes há fuga do tema, impossibilitando um aprofundamento do assunto abordado. Os integrantes apresentavam-se excitados, curiosos e ansiosos por adquirir informação e expor uma impressão particular, que deste modo, o silêncio não encontrou espaço. Conforme WINNICOTT⁴⁰ (1998), este silêncio não faz referência à resistência dos entrevistados em expor suas falas, mas uma conquista. É a evidência da capacidade de ficar só.

Podemos localizar nesta incessante inquietação o que HEIDEGGER (1993) denomina *avidez por novidades*⁴¹. Caracteriza-se por uma ocupação constante com o novo, novas possibilidades e a promessa de algo que finalmente fará sentido, onde tudo passa a ser obsoleto,

⁴⁰ É oportuno ressaltar que, apesar de Donald Woods Winnicott ter formação psicanalítica e o presente trabalho orientar-se através do método fenomenológico, alguns pensadores aproximam o pensamento do psicanalista ao do filósofo Martin Heidegger, como LOPARIC (1999).

⁴¹ Optou-se por utilizar *avidez por novidades* ao invés de *curiosidade*, termo originalmente empregado na tradução utilizada, justamente, pela idéia de rapidez e fugacidade que o primeiro transmite.

impulsionando novamente o existente humano para a busca do novo. Tal atravessamento diversificado não implica na apropriação do que é vivido, pelo contrário, não demorar-se em nada revela a experiência imprópria. Em última análise, não há apropriação ou compreensão duradoura.

Podemos exemplificar melhor a realidade explicitada a partir das falas com as diferentes interpretações do pecado da Acídia, de São Tomás de Aquino⁴². Inicialmente, o pecado era caracterizado por uma dissipação do espírito, que se manifesta pelo atirar-se ao variado, na irrequietação interior e insatisfação insaciável da curiosidade, que, por sua vez, se assemelha à conceituação heideggeriana *avidez por novidades*. Posteriormente, o mesmo pecado da Acídia passou a ser interpretado como *preguiça* (COLPO, 2004). A velocidade com que nos são dados os acontecimentos, fatos, informação e obsessão pelo novo, todos estes fatores constitutivos do mundo moderno, impossibilitam a conexão significativa entre: acontecimentos, e preguiça. Desta forma, a última passa a não ter mais lugar em um mundo tão veloz e fugaz. Ainda nesta direção, BAUMAN (2001) denomina o mundo moderno como leve, líquido, fluido, com uma dinamicidade infinitamente maior do que a modernidade sólida que suplantou.

O grupo que transparece alto grau de informação e incontáveis opiniões não silencia, permanece no falatório⁴³. A experiência que requer uma interrupção, um espaço vazio e fértil, movimento de espera, acaba não acontecendo, transmitindo assim uma tendência dos tempos atuais (BONDÍA, 2002). Ora, se o saber fruto da experiência é aquele que dá condição que a cada singular existência, a falta dela, clara ao grupo em relação ao uso do álcool, acarreta uma postura des-compromissada em relação ao *ek-sistir* pautado na ditadura do *impessoal*.

É através de um modo de ser impessoal e mediano que de início cada qual apresenta-se, mas ao mesmo tempo faz-se presente a possibilidade de cada um aproximar-se do si-mesmo, fato este que não predominante no grupo. O adentrar na faculdade é, possivelmente, entrar no mundo de fora, e significa a saída do contexto caseiro e familiar, onde há uma crescente e significativa conquista de autonomia e possibilidade de novas descobertas. No entanto, tal conquista,

⁴² São Tomás de Aquino (1225-1274) foi um padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica. Proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica.

⁴³ Falatório (gerede) é a forma de fala já cristalizada, clichê, impessoal. É a fala superficial, sem compromisso ou fundamento, utilizada de modo massificado, sem reflexão própria, mas com uma compreensibilidade mediana. A fala do falatório corresponde ao “a gente” (*das Man*), logo, cada existência não se pronuncia, mas quem fala é a grande massa em que todos são, de início, ninguém (HEIDEGGER, 1993).

aparentemente é evidenciada por cada integrante mostrar-se distante do si-mesmo, no modo de ser impessoal e mediano, no qual o uso do álcool (muitas vezes abusivo) está incluído.

Segundo HEIDEGGER (1993), Dasein tende à impropriedade⁴⁴. O grupo, na maior parte das vezes, apresentou-se neste modo-de-ser que já o constitui em sua cotidianidade, mergulhado neste comum pertencimento massificado. O grupo encontra nesta condição existencial alívio ao *débito próprio* (*schuld*) de sua existência, posto que o impessoal dita a postura a ser adotada, extraíndo do ser-aí a possibilidade de angustiar-se em ter-que-ser, um questionamento muitas vezes solitário que exige um recorte de um sentido próprio. A culpa dilui-se no ato impessoal, no entanto, este modo-de-ser de cada integrante restringiu sua mais autêntica liberdade de ser, mais legítima e exclusiva propriedade.

O acréscimo do consumo após o ingresso na faculdade, pode ser compreendido como uma demanda impessoal, muitas vezes acaba suprimido por uma vontade pessoal própria de não beber, ou até não fazer uso de determinada quantidade superior à pretendida. Tal demanda ilustra uma cristalização da compreensão média do uso do álcool em nossa sociedade, algo que não é percebido pelos entrevistados. Muitos apontam o uso pessoal como esporádico, eventual, mas o associam a finais de semana, evidenciando uma certa frequência. O acréscimo é ainda associado a novas possibilidades não vivenciadas antes do ingresso na faculdade, como eventos propícios para o uso abusivo, já que o álcool é caracterizado como uma substância facilitadora da inclusão social, criação e manutenção de relações interpessoais.

O álcool, portanto, é utilizado como um recurso para que haja aceitação, inclusão, assim configurando a submersão no mundo impessoal. A gradativa diminuição do uso do álcool ao longo da graduação é relacionada à maturidade, possibilidade de ser-si-mesmo-próprio (HEIDEGGER, 1993). No entanto, a descrição desta gradativa redução do uso ainda parece ser algo distante da realidade dos integrantes, algo que se faz presente, mas que de fato não é experienciado, possibilitando uma posterior apropriação.

Com isso, o modo-de-ser do grupo revelou-se pautado em percepções impessoais, e não predominantemente autêntico. Com base nisto, o beber impessoal ilustra a incapacidade de cada qual diferenciar-se dos demais, de se opor à “regra impessoal” que associa diretamente o consumo/abuso da bebida alcoólica a determinados eventos sociais. Observou-se a incapacidade

⁴⁴Segundo HEIDEGGER (1993), a impropriedade faz referência ao modo de ser de Dasein pautado na experiência da facticidade cotidiana como fator sobressalente à existência enquanto possibilidade de vivência única, particular e intrasferível.

de estar só, em contraste como diferente, que ao fazer uma escolha própria, evidencia-se como oposição. Tal diferenciação é descrita como desconfortável, causando estranhamento. Apesar de muitas vezes ser identificada uma influência impessoal para o uso do álcool, os integrantes não se mostraram capazes de dirigir-se contra ela. Na maioria das vezes, a vontade própria cedeu à demanda impessoal.

A demanda impessoal apresentada, que muitas vezes se manifesta como pressão para o consumo do álcool, pode ser exemplificada através da publicidade. Por meio da política proibicionista e da propaganda de bebidas alcoólicas, a demanda impessoal exige e cristaliza um determinado comportamento, uma moda, muitas vezes lançando mão de apelos morais e éticos (diga não às drogas), ou através de associação direta entre o consumo do álcool e diversos fatores; futebol, mulheres, vida adulta. A vulnerabilidade ao mundo público (*public-idade*⁴⁵) é parte irrevogável da condição do Dasein.

Para compreender ainda mais o modo de ser deste grupo, indaga-se o que é de fato ser um universitário? De que modo o recém estudante adentra no mundo desconhecido, no novo, e se sente pertencido? Segundo CASTEL (1998), muitos jovens procuram esconjuram a indeterminação de sua posição, isto é, escolher, decidir, encontrar um jeito e preservar uma preocupação consigo para não *decair*⁴⁶. No entanto, tal postura não parece ser freqüente num primeiro momento dentro da universidade, onde um novo mundo que se abre demanda uma atitude impessoal cristalizada através da publicidade como modo de inclusão e pertencimento. O ser-próprio, neste momento, implica diferenciação e uma possível marginalização do mundo universitário.

Em um posterior momento à entrada na faculdade que já supera o não pertencimento, o consumo impessoal do álcool pode ter seu decréscimo, não havendo mais uma necessidade do beber objetivando uma inclusão – esta já foi estabelecida. A possibilidade é exemplificada, já que é citada uma diminuição gradativa do uso do álcool durante a entrevista. No entanto, como os estudantes se encontravam no início do curso, esta idéia não foi desenvolvida, possivelmente por ainda não ter sido vivenciada.

Para o indivíduo se constituir como entidade autônoma e separada dos outros e da sociedade, uma ligação transicional precisa ser mantida com os espaços públicos e coletivos. A

⁴⁵ Public-idade (*oeffentlichkeit*), condição de estar aberto para todos, de ser público. Separa-se o sufixo do radical para afastar o uso comum de uma técnica de propaganda (HEIDEGGER, 1993).

⁴⁶ Queda de si-mesmo: impropriedade, modo de ser impróprio (HEIDEGGER, 1993).

autonomia do indivíduo, representada pela capacidade de estar só, depende da presença de um ambiente suficientemente forte para suportar que ele se discrimine sem risco de ruptura e solidão. A capacidade de ficar só é um fenômeno altamente sofisticado, e está diretamente ligada à maturidade emocional e à capacidade de ser-si-mesmo-próprio, diferenciando-se do mundo comum da impessoalidade, difundido através da publicidade (WINNICOTT, 1998).

O grupo, no entanto, aparentemente encontra-se numa condição aquém da capacidade de apropriar-se do ato de beber. O início da faculdade facilita o beber impróprio, movido pela demanda impessoal, objetivando a inclusão e a aceitação em um grupo e em um ambiente desconhecido. A maturidade, ou capacidade de ser-si-mesmo-próprio, possivelmente presente no final do curso que possibilitaria um beber próprio, inexistente no momento da entrevista. Ainda que identificada pelo grupo, predomina a vivência impessoal.

7 Apresentação dos focos de análise da entrevista com o 4º ano

O uso do álcool no início da faculdade

-Ah, eu não bebia tanto mais, mas acho que hoje eu bebo menos, mas não que antes eu bebia muito, sabe? Não, sei, acho que ou o meu organismo foi ficando pior, menos resistente, acho que foi ficando mais sensível, as dores de cabeça começaram a ficar mais freqüentes do que antes, não sei, e acho que antes eu me preocupava menos com isso. Também acho que era uma outra fase. Não sei, de começo de faculdade, que foi uma época que a gente ia muito no bar.

-É, eu bebia mais, hoje em dia acho que eu escolho mais.

-Ah, era tudo novidade, né? Você vai conhecendo as pessoas, as festas são mó animadas.

-Não sei, porque eu lembro que no começo de faculdade a gente ia pro bar várias vezes durante a semana, de manhã, de tarde, é difícil a gente fazer isso hoje em dia.

-Mas isso faz sentido. Como eu disse, eu bebo bem pouquinho, mas eu no colegial eu não bebia nada, nada! Daí eu entrei na PUC, sei lá, você faz dezoito anos, uma série de questões mó legais, e isso de sair bastante, de ter várias festas e bar no meio da tarde, e acho que eu bebi mais sim, do que hoje em dia.

-Cheguei aqui não bebia, no trote queriam jogar pinga e troço em mim, eu comprei um sorvete porque pensei que se tiver ocupada comendo alguma coisa, não vão me atormentar. Mas tipo, a gente vai criando. Porque ta numa festa, vai, bebe um pouquinho, acho que mesmo o sabor é uma coisa que habitua. Hoje eu gosto de bebida, eu gosto de experimentar cerveja nova com o meu namorado, a gente vai experimentar cervejas diferentes. Então é de outro jeito, mas tinha muito mais festa, muito mais churrasco, todo mundo solteiro, acho que o contexto vai contribuindo. Acho hoje, se tivesse festa e eu tivesse solteira, pode ser que eu tivesse bebendo, também.

- (...) não sei se dá pra falar, tipo assim, ah, no primeiro ano, no quarto ano. Acho que é muito mais pelo contexto. Acho que se a gente continuasse solteiro, e continuasse com muita festa, sei lá, acho que tem meninas que a gente conhece que não sei se mudaram muito, né?

-A galera todo mundo empacotada dentro de si mesmo numa aula de interpessoal⁴⁷ e depois mó se abraçando depois da aula no boteco, sabe?

-E tem uma coisa também de companhia, não falam? Pensando nessa questão porque no primeiro ano acabam usando mais. Eu percebo, tem gente que fala isso por exemplo com o cigarro. Tipo, você tá parado num lugar fumando, não é que você não tá fazendo nada, você tá lá assim, você não tá fazendo nada. Se você tá assim, você tá fumando. E é um pouco isso: não to sozinho, to com meu copo. To bebendo. Parece que te tira de uma posição passiva pra to fazendo alguma coisa. Vira uma companhia.

-Para ver até onde que vai, você vai se conhecendo, assim. Eu acho que o uso tem a ver com este “explorar”. Você explora e vai se conhecendo, você vai usando e vai vendo até onde dá, e acho que conseqüentemente vai diminuindo.

-Eu não sei se pra parecer mais velho, mas assim, pra de repente conseguir se incluir entre os mais velhos. Mas não por querer ser igual a eles, mas pra tá entre eles.

-Por beber menos, eu sempre tive outras questões que me fizeram ser incluída no grupo. E talvez seja isso: você entrou na faculdade, todo mundo novo, o que que todos fazem? Bebem.

-Socializador (sobre o sentido do beber).

É consenso unânime entre o grupo que no início da faculdade se bebe mais do que no atual momento. Muitos expuseram sua opinião acerca do assunto, trazendo à discussão suas próprias experiências para melhor exemplificar. Há aqueles que não fizeram um uso mais

⁴⁷ Disciplina do primeiro semestre do curso de Psicologia

acentuado no início da faculdade, mas colocam como justificativa motivos pessoais, como já ter passado por esta fase anteriormente à entrada na faculdade, ou até mesmo a escolha de permanecer abstinente.

No entanto, apesar de ser evidente a todos que este uso era mais acentuado no início da faculdade, o sentido desta diferença não é claro para a maioria. Se todos não titubearam em afirmar que o uso do álcool no início da faculdade era maior do que antes do início da graduação e do que no momento atual, os motivos que levam a este pico no uso não é claro para os integrantes, exigindo uma reflexão anterior a cada resposta, relacionada ao sentido deste acréscimo do uso e ao ingresso na faculdade. Foram raras respostas imediatas à pergunta.

Os sentidos atribuídos a este uso mais acentuado no início da faculdade, portanto, variam, e muitas vezes são vagos. São levantadas algumas hipóteses sobre isto, como o começo de um namoro ao longo da graduação, que possivelmente diminui o uso do álcool, já que acarreta em programas diferentes dos feitos quando se é solteiro. Outro sentido atribuído é o socializador, visto que a bebida produz efeitos de desinibição, que auxiliaria nas relações interpessoais, já que encontravam-se em um mundo novo, desconhecido, e assim o álcool supostamente os ajudaria a adentrar em um determinado grupo, oferecendo ao usuário algo em comum com os demais.

Este uso seria um recurso para facilitar e propiciar relações interpessoais, onde muitas vezes o objetivo é parecer ou ser incluído entre os mais velhos, ou até mesmo não parecer sozinho. Ao longo da graduação e com a repetição deste uso, mesmo que a pessoa não gostasse do álcool ou não tivesse contato anteriormente com qualquer uso, na maior parte das vezes a pessoa acostuma-se, podendo passar a ser uma apreciadora de bebidas alcoólicas, deixando de usá-la apenas como um recurso ao longo do tempo.

O uso do álcool no atual momento (final) da faculdade

-Bom, explicando melhor. Acho que hoje em dia é tranquilo de lidar com isso, de em festas beber bem pouco ou não beber porque eu sou deste jeito, então os meus amigos já me conhecem. Talvez se for o contrário é que você é o estranho. Quando é mais novo, assim, 17-18 anos, quando a pessoa começa a beber, daí eu sentia uma pressão mais forte, mas eu acho que eu sempre banquei esse meu jeito de ser. Eu lembro muito bem de uma situação em que a gente saiu

em um grupo de amigos, tinha um menino que era mais velho, e que ele sentou e pediu tantos chopps, contando todo mundo na mesa incluindo eu, sendo que eu não bebia nunca. E o chopp chegou e eu disse: eu não quero, e ele disse: bebe aí, bebe aí. Chegou e eu não bebi, assim. E eu deixei ele lá quente e não paguei. “Meu filho, eu não pedi, sabe?” Daí ele parou de ser desse jeito, e... Sei lá, acho que você vai pondo o seu espaço, e você consegue aproveitar sem essa necessidade. Então hoje em dia eu aproveito bem, as pessoas me respeitam, e é gostoso. Sem problemas.

-No primeiro ano você chega, e sei lá, falando por mim que é mais próximo, você não tem ainda um lugar, e tá procurando isso, né: Quem eu vou ser dentro deste grupo? E daí você encontra, sei lá, pra mim tem muito a ver com isso, define, sou mais ou menos assim, e daí você não precisa de uma coisa que todos fazem, sei lá.

-É, eu acho que tem uma coisa que você vai se conhecendo melhor. Vai descobrindo o que você gosta mesmo, o que você não gosta. O começo de faculdade, a faculdade toda na verdade, mas no começo da faculdade você tá descobrindo muita coisa, inclusive o seu jeito, sabe? Acho que vai passando um tempo você vai, se você não quer beber não vai beber mesmo e dane-se, sabe? E as pessoas também te conhecem, então, acho que é uma coisa de ir se conhecendo melhor talvez.

-Porque você descobre outros recursos. Eu posso telefonar pra fulano. Tô sozinha, mas OK, isso não quer dizer que eu não tenha amigos, isso não quer dizer que eu seja sozinha, você começa a reconhecer que é o momento, e que não é a sua vida. E é uma coisa que eu acho que o pessoal mais novo não faz essa distinção. Se ele não tá incluído no grupinho àquela hora, ferrou, não tem amigos. Aí apela (bebida).

-Mas pessoas que bebem bem mais que eu: ela percebeu que ela adora beber. Eu gosto muito de dançar. Em balada eu gosto muito mais de dançar do que de ficar bebendo, sentada no balcão. E tem pessoas já que não, que gosta muito de tá no outro lado. E esse autoconhecimento tá nos dois lados.

-Acho que você passa a fazer o que você tá a fim de fazer, sabe? Sem muito pensar no que as pessoas tão achando. Desculpa, mas foda-se, sabe?

-É, é diferente! Mas eu acho que isso que você perguntou da bebida, se importa menos ou mais, com o que as pessoas acham, acho que a bebida faz parte de um contexto maior, faz parte de uma questão de amadurecimento, sabe? Não só com a bebida, mas com várias coisas, sabe? Desde você perceber o que você gosta na faculdade ou não, então é um todo assim. E com a bebida também, você acaba se conhecendo melhor também em relação à bebida. Então acho que no começo da faculdade, seja um momento em que você, claro, é novo, não se conheça tão bem tanto como no final.

-Hoje em dia não. Quem bebe muito, mais imaturo. Se eu sou aquele moleque que todo final de semana caio no chão bêbado, sabe? Ta nessa fase adolescente.

-Quando eu comecei a sair, baladas, ia com meu amigos que não bebiam, então nunca fez muita diferença. Começou a fazer diferença no trabalho, que a galera saía do trabalho pra beber, e até eu instalar o meu chazinho sem ninguém falar mais nada foi um tempo, assim. (...) Na verdade menos agora porque eu parei menos de importar (sobre a postura indiferente à cobrança do uso do álcool por outras pessoas).

-É, eu sou contrária, eu gosto bem mais de cerveja do que de outras bebidas, mas eu acho que eu já bebi com maior frequência. Porque agora eu tomo mais um pouco de cuidado porque eu tenho muita dor de cabeça com qualquer quantidade de álcool (...) no dia seguinte. Mas não necessariamente porque eu bebi todas. Isso já aconteceu, várias vezes, mas não assim, eu tenho uma resistência baixa pra dor de cabeça, então hoje em dia a gente toma mais cuidado, mas acho que pelo menos uma vez no fim de semana rola uma cervejinha de boa, agora eu tomo mais cuidado, porque eu não to mais topando. Antes eu pensava: ai, amanhã é outro dia, ficar com dor, tal, porque hoje em dia eu tenho dores de cabeça horríveis, e o álcool é um fator, tipo, é certeza que eu vou ter, sabe?

É um consenso, como já foi dito, que o uso do álcool é menor no final da faculdade do que no início, e os integrantes parecem ter uma opinião mais clara a respeito, colocando o autoconhecimento como um dos fatores que interferem nesta gradativa diminuição do uso do álcool ao longo da graduação.

Se no início da faculdade o ambiente era novo e desconhecido, no final passa a ser mais amistoso, onde cada um já está integrado em um grupo que o conhece, e vice-versa, acarretando em menos cobrança do uso do álcool pelas pessoas com quem cada um convive. A bebida passa, então, de ser utilizada como um recurso para estabelecimento e facilitação de relações interpessoais.

Cristalização do uso do álcool

-Não sei, acho que é uma análise mais histórica, assim. Essa presença de álcool e festa, álcool na festa, não sei, é uma coisa que não sei quando começou, eu tenho impressão que isso é cultural, e que tem muito a ver. Eu não consigo imaginar quando começou, mas eu consigo imaginar que é uma coisa que veio de muito tempo. Então é uma coisa que combina, culturalmente falando.

-Sabe o que eu acho também, ainda nessa questão social? Tem também o status da bebida. Em jantares de família também, essas coisas, “esta bebida é de sei lá quando” e tem toda uma questão de valorização da bebida, e de como ela é produzida.

-Ó, o que eu acho é o seguinte: a bebida é como se cabe pra qualquer grupo, assim. Entre a maioria dos grupos, é difícil pensar em um grupo que a bebida não é um fator que une todo o grupo.

-Mas e a comida? Essa coisa assim de tradição das famílias italianas e almoço de domingo. Tipo, a comida é o momento de parar, de compartilhar, e a bebida vem junto com a comida. Acaba sendo um momento em que você também parou. Não que você pára por causa da bebida, mas ela tá ali quando você pára.

-Mas acho engraçado porque, normalmente, na primeira vez que as pessoas bebem, elas não gostam. Mesmo com cigarro. Você não gosta, o gosto é estranho, e de repente um dia você adora. E acho que tem a ver com isso, com essa repetição.

-Acho que é tudo isso. Acho que se for separar só uma variável a gente vai bater cabeça.

É bem evidente a todos que o álcool ocupa um lugar importante em nossa sociedade, de prestígio e status muitas vezes, e que o uso da bebida alcoólica já está cristalizado em nossa cultura e no nosso cotidiano. No entanto, os integrantes não sabem ao certo as razões desta realidade discutida, sendo que a cristalização do uso do álcool acaba sendo associada diretamente com o tempo/história desta cultura, sendo realizada uma associação direta do álcool a eventos sociais, como festas. Apesar da cristalização do álcool ser identificada pelos integrantes do grupo, faltam informações técnicas, históricas e uma reflexão por parte de cada um, que possibilite uma opinião com uma maior apropriação do tema.

Associação direta a eventos sociais/ diversão

- Eu acho que em vários momentos traz (diversão), mas nem sempre. Ah...

-Traz, traz sim (desinibição e diversão).

-(...) Alguma coisa prazerosa tem, entendeu?

-Mas traz (diversão). Pelo efeito da bebida mesmo. Uma vez eu fui no bar com os meus pais, pra comer assim, não é uma coisa “nossa, vamos se acabar de beber com a minha mãe”. Mas a gente começou a beber e a gente começou a ter crises de riso, e a gente tava achando gostoso, e porque “nossa, esse chopp ta bom”. E a gente divertiu. Então tem o efeito assim. Mesmo quando não ta esperando isso assim, não ta bebendo buscando essa função, às vezes acontece. Você ta num jantar de família, e de repente todo mundo ficou bêbado.

-Imagina uma festa sem álcool e uma festa com álcool. Uma festa com suquinho de caju, sei lá, o pessoal vai se divertir muito mais na festa com álcool. Na festa com suquinho de caju o pessoal vai ficar muito mais acanhado, o álcool deixa você se soltar mais.

-Depende também da intenção. Se é uma festa em que as pessoas vão indo com a intenção de se soltar, elas vão procurar meios pra isso.

-Mas é muito comum isso, né? Você tá numa balada: “vai, bebe aí! Vodca com energético!” E você odeia vodca com energético, mas você vê a pessoa lá tapando o nariz e virando pra ficar bêbado. Já vi muita.

-Isso que eu ia falar, acho que rende outras coisas o álcool (além do efeito fisiológico). (...)É um outro momento. Você tá no extra dia-a-dia, e isso tem esse significado, de férias, de final de semana.

-Mas como um momento de, sei lá, você tem um trabalho e tem um lazer, sabe?

O álcool é associado diretamente a eventos sociais e à diversão. No entanto, quando esta associação direta é questionada, as respostas obtidas são vagas, muitas vezes evidenciando dúvidas e falta de opinião formada a respeito do assunto. Os efeitos da bebida alcoólica são colocados como o principal sentido desta associação, acarretando desinibição, descontração e outros facilitadores para o estabelecimento de relações interpessoais, explicando sua predominância em eventos sociais. Há também a associação direta da bebida com o lazer, como algo associado à diversão, como algo alternativo à vida cotidiana de compromissos e deveres. O sentido desta associação não é explicitado, evidenciando mais uma vez incertezas e falta de reflexão sobre o assunto.

Reflexão limitada sobre o uso do álcool

-Eu não sei te dizer, não acontece comigo. Mas eu observo isso, eu vejo. Às vezes nem é ambiente. (...) Então, eu não sei. (...) Eu já parei pra pensar e não cheguei a nenhuma conclusão (sobre fato de muitos jovens necessitar de um cigarro e uma bebida em uma festa).

- (...) Não sei explicar muito bem (sobre a associação direta do álcool à diversão).

-E acho que tem a coisa histórica mesmo. Que comemoração, festa, sempre esteve ligado a isso. Por que não terminar o TCC e não tomar um suco, sempre uma cerveja?

- É difícil achar assim um porque. Eu me ligo muito a uma questão que historicamente festa e bebida estão ligados, e apesar de eu beber pouquinho, não acho que não deva ser assim, ok, faz sentido, combina, eu não sei uma justificativa (sobre o sentido da bebida ser muito presente em festas).

-Mas não sei uma justificativa sem ser essa. Sempre existiu, sei lá.

*-Entrevistador: Por que (o álcool) está tão associado a esta obrigação?
(silêncio)*

-Mas é uma pergunta muito difícil. Me instiga (sobre a necessidade de beber para estar incluído).

-Acho que é o que ela disse, de ser da cultura mesmo. O Brasil é um país quente, cerveja você toma gelada, toma no calor. Acho que se a gente fosse de um inverno, sei lá, possivelmente tomaríamos café talvez.

-Por que vocês escolhem ir pra um bar e não pra uma cafeteria? O que faz a escolha não ser diferente? (...) Eu acho que é uma questão cultural, gente. Existem bem mais opções, mas é algo

que dá um resultado no momento do que o que você tá procurando. (...) Aí que entra o negócio do efeito. (...) Do efeito e da questão histórica.

-Mas há outras opções. Você pode ir pra um café ou ir pra um bar. (...) Às vezes você tá com vontade de comer um doce e às vezes você tá com vontade de comer um salgado, sabe? Às vezes eu quero tomar alguma coisa e às vezes eu quero comer um brigadeiro.

-E porque o álcool...(silêncio). Ah, acho que sei uma justificativa: que é o que não tá no cotidiano, no dia-a-dia.

-Eu acho que pelos efeitos, sei lá (sobre a escolha de beber uma bebida alcoólica).

Os integrantes apresentam um certo nível de reflexão sobre o uso do álcool, e diferenciam-se deles mesmo no início do curso. No entanto, esta reflexão ainda é limitada. Apesar do fenômeno “uso do álcool” ser tão antigo quanto a civilização humana, e a produção e consumo de bebidas alcoólicas estar presente na história das mais distintas civilizações, o uso/abuso do álcool como é observado atualmente é um fenômeno relativamente recente. A cristalização do uso do álcool não é questionada, sendo fornecidas respostas vagas e ingênuas, apoiando-se predominantemente nos efeitos do álcool no organismo e na história da cultura do álcool em nossa sociedade como justificativa.

Durante toda a entrevista, os integrantes do grupo, quando questionados sobre algum assunto que abrangesse uma trama de sentidos mais complexa, não respondiam de prontidão, pensando e elaborando uma opinião própria antes de responder, o que às vezes não era de fato realizado: muitos integrantes do grupo, ao se deparar com as perguntas elaboradas pelo entrevistador, questionando a cristalização do álcool em nossa sociedade e a associação direta do álcool à diversão, disseram abertamente que não saberiam responder a pergunta, evidenciando que o “uso do álcool” não é um assunto pensado cotidianamente em sua total complexidade. Em outra ocasião, quando lhes é questionado a obrigatoriedade do beber em determinados eventos sociais, o grupo não responde, permanecendo em silêncio, evidenciando novamente a ausência de reflexão e, conseqüentemente, formação de uma opinião própria acerca o assunto.

Influência de outras pessoas no uso do álcool

-Eu to num local, ta todo mundo bebendo, é desagradável assim, não ficar no clima. É que eu sempre bebo. Mas teve ocasião em que eu não bebi porque estava bebendo remédio e é horrível. Você vai ficar no clima, mas fica em outro, você quer beber, mas não pode, eu me senti excluído, eu não aprendi a lidar com isso.

-Eu sou uma pessoa que não bebo em casa, por exemplo, sozinha lá vou beber? (...) Coisa de alcoólatra isso.

-Daí eu fico pensando que talvez a força do grupo estivesse aí. Eu só bebia com eles. Com amigos nessa idade, e não em outras ocasiões.

-Eu vou falar meio que por mim mesmo. Há uma grande expectativa de que você esteja lá envolvido com tudo que o pessoal ta fazendo, né? Se você não faz aquilo ali parece que você fica numa posição meio que privilegiada, vendo o pessoal meio que se expondo, como se você não ta bebendo você não ta perdendo o controle, sabe? É o que mais acontece comigo, sabe? Já me falaram isso. Não todo mundo, mas é o que mais me falam pelo menos. E dois: tem a expectativa social que você seja mais divertido, mais descolado, mais não sei o que. Quando você não bebe você ganha a cara de “o careta”, né? O crente, sabe? A associação do crente reto, inibido, que não conversa, que só conversa de determinados assuntos de igreja. (...) não faz sexo (...) Exato. Você é viado? Tipo, Cazuza bebia pra caralho, sabe?

-Não sei, eu vejo por mim, assim. Tem momentos que você precisa ser aceito pelo grupo, e você pega, mesmo não gostando, vai acostumando. Tem pessoas que bebem pra ser aceitas, mas gostam da bebida. Acham prazeroso.

-Tem tudo a ver com aquilo de status. Se você andar com uma xicrinha de café, você não é bem aceito, meio que da um outro significado pra você, sabe? Com a cerveja você é o cara comum, dos 90%. Com o café você é o 10% dos cantinhos, sabe?

-(...) É um modo de você se incluir, é aquilo que já tá meio que previsto, sabe? É o senso comum, sabe? Todo mundo bebe, todo mundo fuma, não sei o que lá mais.

-É um recurso, eu acho (beber para se incluir em algo).

Todos os integrantes do grupo, em determinado momento da entrevista, se remetem à influência de outras pessoas no uso do álcool que é feito por eles. Parece haver uma grande associação do álcool a determinados eventos/ocasiões, o que culmina em pressões para o uso do álcool, havendo uma expectativa de que este uso resultaria em uma maior diversão do que a obtida sem este uso. Enquanto a pessoa que bebe faz o que é esperado, incluindo-se, a pessoa que não bebe é a diferente, a “careta”, o que é muitas vezes descrita como uma posição diferencial e desconfortável, permanecendo aparentemente excluída. O beber para estar incluído em algo é caracterizado como um recurso: o uso do álcool é um meio para se alcançar um fim, a socialização, a inclusão.

O sentido do não-uso/ uso eventual

-Vamos começar pelo abstinência então, né? Eu não bebo, então o uso do álcool é zero.

(...) é uma soma de fatores. Um dos fatos é por eu não gostar, já experimentei, eu não gosto do gosto, não gosto dos efeitos, já vi pessoas em péssimas condições por causa do álcool, destruindo suas vidas. (...) Pra mim não usar qualquer tipo de bebida é bem tranquilo. Bem saudável pra mim. (...) Há, dependendo da relação acaba ali, sabe? A pessoa não consegue ver nada de mim além do fato de eu não beber, então não tem muito o que conversar com ela, sabe? Agora quando eu to numa mesa conversando, eu continuo conversando com pessoas que não dão a mínima pra esse tipo de assunto, sabe? Mas aí limita algumas relações. Tem ambientes que eu não me sinto bem pra ir porque eu gostaria de estar com aquelas pessoas, mas não naquela situação.

-Puxando isso que ele falou, de não beber, eu bebo muito pouquinho, por não gostar muito, e nada mais. Mas acho que faz parte de ocasiões bem esporádicas, assim. Uma vez a cada dois meses, três meses, eu bebo uma caipirinha.

-Tá, vou especificar um pouquinho a situação. Geralmente é quando eu saio com os amigos, vou em um lugar legal, daí eu tomo uma bebida assim. Mas é bem pontual. (...) Por não gostar muito. Tanto que cerveja essas coisas eu não gosto muito, gosto mais de caipirinha, essas... Destilado, né? Acho mais gostoso. E é isso, acho mais gostoso mesmo. Pelo sabor, e tal. Mas não é uma coisa muito reforçadora. Prefiro comer um doce. (risos)

-Mas outra coisa é que também nós três estamos namorando, acho que diminui isso, assim. Você sai menos. Ou você sai os dois, você sai pra beber, e sai os dois, e conversa, não é uma festa, balada, e balada você bebe de outro jeito.

-É, quando eu comecei a namorar eu também diminuí bastante. Principalmente porque eu bebia de sexta e sábado, sem falta. Agora como eu fico com ela sábado, agora eu bebo só sexta. Não que eu deixe de beber por causa dela, mas não convém. Agora quando eu bebo na frente dela é mais social.

- (...) Você acha a diversão bebendo, entendeu? Eu acho a diversão em outro lugar.

O grupo, em determinados momentos da entrevista, relata a abstinência ou um uso controlado como escolha, no qual o álcool é usado de forma dosada, sendo ingerida pouca quantidade apenas. Estão relacionados com esta escolha os fatos de cada integrante não gostar do sabor das bebidas alcoólicas em geral; tomar como exemplo pessoas que, com o uso nocivo do álcool, tiveram suas vidas prejudicadas; ou até mesmo ter iniciado um namoro, que acarreta em programas diferentes de quando se é solteiro, e conseqüentemente uma postura diferente para com o álcool, que seja mais compatível com os novos programas.

Esta decisão de abstinência ou de se fazer um uso mais controlado não predominou durante a entrevista, muito pelo contrário, foram minoria. No entanto, explicitam uma baixa vulnerabilidade para com o uso abusivo e/ou nocivo do álcool, mesmo que ocasional, não sendo

necessário utilizá-lo como um recurso para socialização ou como fonte de diversão, havendo uma visualização de possibilidades alternativas, que trazem mais prazer do que o álcool, não havendo a necessidade de bebê-lo ou bebê-lo em excesso.

Os sentidos do uso do álcool

-É que as pessoas são bem tímidas, né?

-É, tem as pessoas que você quer xavecar, quer se aproximar... Às vezes ta eu e mais três amigos. Eu não preciso ficar mais solto com eles. Às vezes é só pra rir, falar besteira.

-Depende com quem você ta. Acho que é um momento de ta junto. É um dos momentos em que você ta junto dos seus amigos. Você podia ta tomando um café. Mas você também podia ta tomando uma cerveja, sabe? Acho que é um momento junto.

-Acho que são várias coisas, né? Acho que são vários fatores, como por exemplo o de timidez, mas acho que tem gente que gosta simplesmente pelo prazer, bebe sozinho também porque curte, sei lá. Acho que tem também a função sozialisadora, que chega numa balada e tem que pegar um copo de alguma coisa, e um cigarro pra começar a se sentir na festa. Mas acho que tem funções diferentes.

-Estar sozinho entre muitas pessoas é desagradável. Eu usaria este recurso. É um recurso que às vezes eu acabo recorrendo. Tipo, sabe você ta lá na rodinha, todo mundo conversando, e meu, você sobrando de lado.

-E tem gente que se inclui melhor mesmo quando bebe.

-Mas ao mesmo tempo é divertido assim, isso. Sabe, você ta na balada, você ta com vergonha, de repente você começa a beber e você não precisa lidar mais com essas travas. É divertido você não ter que lidar com isso.

-É, você não precisa pensar nas coisas que você faz.

-É! Não lembro, ai, não lembro não fiz.

-Tira a responsabilidade.

-Destrava, relaxa.

-É um modo de extravasar.

-Ele tira o superego⁴⁸.

-Ou tipo, acabou o TCC, hora de comemorar, sabe?

-Eu lembrei um pouco do que ele tava falando. De uma sensação de relaxamento, e tal. Ela tem um efeito, não é só uma coisa que ta presente ali, tem um efeito.

-Mas onde o álcool ta presente tem um papel, descontração.

-É, ta lá pra ajudar o pessoal a descontrair, né?

-Acho que a bebida tem o poder de fazer você esquecer de alguma coisa. De você focar o momento em outra coisa. “Putz, to puta, aconteceu tal coisa, não quero pensar nisso, vamos tomar cerveja, vai!”. Um momento de parar de pensar no que ta te incomodando e curtir uma outra situação. As pessoas usam isso como esquecer de alguns problemas, de alguma coisa que ta incomodando.

⁴⁸ Segundo LAPLANCHE E PONTALIS (2000), o Superego faz parte do aparelho psíquico da psicanálise freudiana e representa a censura das pulsões que a sociedade e a cultura impõem. O superego nos controla e nos pune (através do remorso, do sentimento de culpa) quando fazemos algo errado. Manifesta-se à consciência indiretamente, sob forma da moral, como um conjunto de interdições e deveres.

-Que é uma coisa legal. No mundo que a gente ta hoje, você tem um momento pra sentar, pra relaxar, ta ali com uma pessoa realmente presente, conversando, trocando alguma coisa, é uma coisa muito gostosa de ter. E você pode fazer “ai, vamos almoçar juntos num natural”, mas esse momento de parada que vem junto com a bebida é muito gostoso.

-Não sei se é fuga, mas um momento de presença.

-Não sei se é só o álcool. A maioria das pessoas considera esse jeito de fazer esse parênteses. (...) Você ta lá na correria do dia-a-dia, vamos parar, ok? Vamos parar e conversar, extra trabalho, extra faculdade, e fazer um momento mais relaxado mesmo, mais sussa. Mas que poderia ser feito de outro jeito, realmente. Eu prefiro ir numa doceria, porque eu adoro doce, e ficar conversando, vai ser bem relaxante. Mas não é todo mundo, acho que o álcool é uma coisa mais geral.

-É que tem o efeito também, né? Não tem como negar.

-Eu tava pensando numa coisa mais fisiológica. Você pode não beber, mas alguma coisa que te dá prazer ou que te relaxa você faz. E até os animais, sabe? É uma coisa que acontece, sabe? A gente não é só social.

-Mas essa coisa do chá, por exemplo, tipo pensando no efeito. Eu tomo chá pra dormir, porque é uma coisa que me relaxa, que me dá sono. Acho que não é só o álcool, que a gente usa com um fim. Pó de guaraná pra ficar acordado. (...) Café pra ficar aceso. (...) A gente busca outros efeitos em outras coisas, mesmo em remédios.

-(...) Eu não sinto o efeito de beber um pouco mais. Eu acho que tem muito a ver com o lugar, a situação, eu to me sentindo a vontade, to achando um lugar bem gostoso e eu quero uma coisa que seja bonita e que tenha um gosto bom ao mesmo tempo.

-É um momento em que você faz o que você gosta, né? E só. É só um momento de prazer, e o cotidiano não proporciona tantos e só momentos de prazer.

São atribuídos diversos sentidos ao uso do álcool. O mais freqüente foi o uso como função socializadora, possibilitando uma desinibição, uma descontração, uma alternativa à timidez, que muitas vezes é um empecilho para o social. Ainda neste sentido, é uma forma de inclusão, já que é colocado como incômodo e desconfortável ser o único a não usar o álcool em um determinado local, havendo uma diferenciação exclusiva. O álcool seria uma alternativa de se igualar, de se incluir. Há também a associação do álcool a diversão, não apenas possibilitando que esta ocorra, mas intensificando-a, já que acarreta em um momento de despreocupação, onde cada um pode vivenciar momentaneamente o presente sem preocupar-se com as responsabilidades cotidianas, ocorrendo uma fuga momentânea de possíveis presentes problemas.

O uso do álcool como obrigação em eventos sociais

-Você não pode não beber, né?

-Você fica lá sentado no negócio, você é obrigado, né? Que ser bizarro é esse que não bebe, né? Eu me sinto muito mais sociável dentro da faculdade do que fora dela, sabe? Quando a galera vai pro bar raramente eu vivencio esses momentos, pra não ter que ficar agüentando encheção de saco, de ter que ficar respondendo pergunta que eu não gosto, sabe? (...) eu não ia porque começou a encher o saco. Sempre me enchiam o saco. Na hora que eu trabalhava já enchiam o saco. Até o pessoal acostumar que eu bebia chá, tomava o chá junto com eles e conversava, entendeu? Fica um papo meio estranho, aí você vira o assunto da mesa, é, sei lá. Nossa, que cara estranho, sabe? Eu evito esse tipo de situação pra não ficar irritado, sabe? Uma coisa que tipo, eu já passei por isso, sabe? Não vou passar de novo por essa situação.

-Não sei, lembro de quando você bebe muito num dia e fala “nunca mais vou beber”, porque ou aconteceu alguma coisa, ou você ta mal fisicamente, e as pessoas voltam a beber, e acho isso engraçado, sabe? E eu penso nisso, parece que é uma obrigação, né?

-(...) E quando me questionam o por que eu não to bebendo, parece que estou traindo o grupo, que está ficando cada vez mais exposto, sabe? O jeito que falam comigo é como se eu fosse um traidor da situação, que todo mundo está se expondo e eu não estaria fazendo isso, sendo que eu sou muito mais aberto do que eles, em qualquer situação, independente da bebida, sabe? E quando me questionam, já trazem o copo, colocam na minha frente, e falam que hoje eu vou beber: “hoje você vai beber, quero ver muito você bêbado, você deve ser mó não sei que lá”. A sensação é que eu seria um traidor se eu não bebo, que se eles pudessem por um poste, bater e queimar, eu seria, sabe?

-Ah, acho que não é só bebida, né? Acho que pra você ta incluído num grupo você tem que ter alguma coisa em comum, e acho que não é só bebida. Depende do grupo.

-Então, eu tava pensando nisso até que ele falou. Eu acho que por ser mulher é mais fácil beber bem pouco ou não beber em festas. É muito comum. (...) Até pega bem, né?

Parece haver uma obrigação do uso do álcool em determinadas ocasiões descritas pelos integrantes. Uma ida ao bar após as aulas de um dia da faculdade é um exemplo. Grande parte do grupo fazer usar álcool já é estímulo para que um integrante do grupo que não queira beber acabe bebendo, já que é descrito anteriormente como incômodo e desconfortável estar em um local sozinho, diferente, sendo o único a não beber. A bebida se apresenta, então, como um modo de inclusão, onde a pessoa se iguala às demais. Mas a obrigação para com o uso do álcool em determinadas situações vai ainda além: o grupo, ao beber majoritariamente, muitas vezes discrimina quem não bebe, incentivando o uso, e se sente traído caso haja alguém não faça uso do álcool, configurando uma exclusão, estigmatizando o abstinente, partindo da premissa que a diversão só seria alcançada com o uso do álcool, sendo este, então, necessário e obrigatório.

Há ainda indícios no discurso dos integrantes do grupo, que evidenciam que esta obrigatoriedade do álcool é mais freqüente e mais intensa no universo masculino. Entre as mulheres, a abstinência e o uso controlado é mais aceito, sendo muitas vezes visto como uma qualidade positiva.

8 O modo de ser do 4º ano na entrevista

Se faz visível, a partir do modo de ser desvelado ao longo da entrevista do grupo que compete ao 4º ano, que há uma cristalização do uso do álcool: *A maioria de seus integrantes faz um uso cotidiano e freqüente*. Tal uso não é visto como algo que mereça ser pensado ou questionado, não se apresentando como demanda significativa atenção a este fenômeno. O grupo considera o atual uso do álcool como normal, cultural e atrelado ao social. A característica psicoativa do álcool aparentemente é ignorada ou desprezada, muitas vezes não sendo considerada uma droga que detém em si uma nocividade potencial, e que demanda o cuidado e preocupação que é aferido às demais substâncias psicoativas, principalmente as ilícitas.

Observa-se, portanto, que o uso do álcool não é um assunto pensado, por inteiro, em sua complexidade. Novamente foram obtidas opiniões com um alcance limitado, não abrangente. Muitas respostas obtidas explicam parcialmente o fenômeno do elevado uso do álcool nas universidades, mas não é fornecida uma resposta clara e contundente que explicitasse o sentido deste acréscimo no uso. Muitas vezes as respostas são equivocadas, evidenciando novamente uma falta de reflexão, e mais, falta de informações acerca do assunto.

Quando os integrantes eram questionados sobre algum assunto que envolvesse questões mais complexas, não eram obtidas respostas de imediato, e era necessária uma reflexão momentânea acerca do questionado, já que aparentemente isto não fora feito anteriormente, seja em uma ocasião pontual ou cotidianamente.

É possível afirmar que o álcool não é um tema que é de fato pensado pelo grupo. A inquietação que instigaria um debruçar sobre o tema, possibilitando um questionamento da própria postura para com o consumo do álcool, não é observada. Não há uma preocupação para com este tema. Constata-se, nesse sentido, uma postura pré-estabelecida, e que adere ao que já está cristalizado.

As respostas muitas vezes abrangem parcialmente o que é indagado, e em certo ponto, esgotam-se. Enquanto o tema permanece em um nível superficial e cotidiano, a maioria dos integrantes responde de prontidão, mas quando complexas tramas de sentido são exploradas, o grupo mostra a incapacidade de colocar-se de modo coerente, o que demandaria um conhecimento e reflexão prévia, que inexistem de modo consolidado no momento da entrevista.

No entanto, é possível notar algo significativo quando a resposta esgota-se, ou quando o conteúdo que o grupo possui torna-se insuficiente para responder determinada questão. Na maior parte das vezes, são fornecidas respostas que não respondem completamente a pergunta, fogem da temática proposta, ou afirmam algo com veemência apesar da falta de embasamento necessário para tal. Mas observa-se também uma tendência do grupo de, em alguns determinados momentos, ficar com a dúvida, com a inexistência de uma resposta, permanecendo em silêncio após uma pergunta. Nestas ocasiões o grupo não recorreu a respostas superficiais que apenas permeavam o tema questionado, ou até mesmo a respostas equivocadas que eram dadas como se houvesse embasamento e conhecimento específico para tal posicionamento, o que ocorria em outros momentos da entrevista.

O “*não sei*” é uma resposta que se fez presente em mais de uma situação, evidenciando mais uma vez a falta de familiaridade dos integrantes para com o assunto, sendo esta uma das características mais marcantes da entrevista. No entanto, esta falta de familiaridade e a incapacidade de argumentação, por vezes não foi preenchida com alguma opinião qualquer, acarretando em um espaço vazio durante a entrevista, que explicitava esta incapacidade de posicionamento, não a disfarçando, mas permanecendo nela. Em alguns momentos pontuais da entrevista, a incapacidade e a falta de reflexão dos integrantes foi evidenciada e, após este desvelamento, esta característica comum ao grupo não é mascarada. Não se observa uma tentativa de fugir do tema ou responder algo que assuma apenas aparentemente o caráter de veracidade, mas sim o enfrentamento, a capacidade de permanecer com a dúvida, e mais, de expô-la perante um grupo, havendo uma apropriação desta.

Segundo VAN DUSEN (1977), esse vazio pode se originar nas mais distintas causas: ausência, falta de memória, falta de concentração ou na falta de significado, inexistência de uma compreensão duradoura sobre o tema em pauta. É extremamente importante saber o que cada um faz diante deste vazio invasor. Alguns falam, outros atuam para preencher este espaço vazio. Há uma luta contra este desconfortável espaço. Paira uma incerteza, que parece dizer que se cada um pensar suficientemente, uma solução pode emergir. Mas a própria vontade pode não encontrar caminho para preenchê-lo. O grupo, por muitas vezes, pareceu suportar o vazio e o silêncio que muitas vezes invadiu a entrevista. A medida em que esses vazios são explorados, pôde-se finalmente adentrar neles, explorá-los.

Os integrantes passaram a se indagar, surpresos, ao não saber discorrer fluentemente acerca de questões que fazem parte de sua realidade cotidianas e que lhes estavam sendo questionadas. Muitas vezes o grupo recorre ao *falatório* para preencher o espaço (HEIDEGGER, 1993). No entanto, o *falatório* em alguns momentos deu espaço para o vazio, para o silêncio; e o grupo refletia, demorando no silêncio, e relatava não saber responder sobre tal questão. O vazio pareceu possibilitar que cada integrante dissolvesse um pouco a sua própria atitude já cristalizada para com o álcool, propiciando um novo pensar, uma postura reflexiva para com a realidade do álcool na atual sociedade e o questionamento do modo-de-ser *impessoal*, com o qual muitos se identificaram.

É pertinente ressaltar que esta postura não se fez presente sempre. Por muitas vezes, ao indagar questões que não eram familiares ao grupo, impossibilitando uma colocação verbal que respondesse o que emergia à discussão, os integrantes davam respostas que fugiam do tema, ou apenas permeavam o assunto em pauta, não respondendo a questão completamente. Estes dois modos-de-ser distintos do grupo alternaram-se entre si durante toda a entrevista, sendo predominante o modo-de-ser inautêntico.

O tema abordado não se trata de uma vivência absolutamente alheia à realidade deste grupo. Muito pelo contrário, o uso do álcool é algo vivido cotidianamente por eles. A postura de cada integrante para com o uso do álcool, seja abstinente ou compulsiva, independe para que o fenômeno *uso do álcool* esteja presente na realidade de todos, principalmente no contexto universitário. Talvez seja esta a realidade que fez com que os integrantes ficassem perplexos à sua incapacidade de discorrer sobre questões relacionadas a este assunto. O uso do álcool já se encontra presente no cotidiano de cada integrante, não merecendo um cuidado maior. Segundo CASANOVA (2009), esta familiaridade já dada permite uma navegação às escuras, um simples acompanhamento das indicações dadas sem a necessária intervenção de uma visão perscrutadora.

Logo, mais importante do que desvelar o sentido do uso é desvelar o sentido desta postura indiferente para com o fenômeno *uso do álcool*. O que faz com que pensar este tema seja irrelevante?

Faz-se presente na entrevista o beber como uma obrigação, como uma associação direta ao lazer, à diversão. Um fator fortemente envolvido é a publicidade do álcool. As estratégias de propaganda, através dos diversos meios, são bem sucedidas não apenas por associarem de forma direta o consumo de seu produto com uma série de imagens convenientes, mas porque essa

correlação está voltada à criação de um imaginário positivo, fundamentais em qualquer processo de tomada de decisões. O álcool passa a fazer parte da própria auto-imagem, a constituir um estilo, um modo-de-ser, ainda que impessoal. Independente da postura a ser adotada, o álcool mostra-se sempre presente. Uma maior exposição à publicidade de bebidas alcoólicas com a utilização de apelos simpáticos aos adolescentes e adultos jovens associa-se com um aumento de consumo entre estes (PINSKY E JUNDI, 2008).

A publicidade midiática, portanto, é uma forma da impessoalidade ditar formas padronizadas de ser, formas estas que são destinadas a todos, não servindo especificamente a ninguém. Segundo HEIDEGGER (1993), é uma tendência do Dasein não se decidir por nada, não se apropriar do si-mesmo, não se responsabilizar por sua própria existência. E nesta vulnerabilidade ontológica, a publicidade do álcool ganha espaço para exercer grande influência, oferecendo modos-de-ser já estabelecidos, tornando desnecessário o recorte de um sentido próprio e independente do oferecido pela opinião pública, cuidado este para consigo mesmo que exige um questionamento de suas próprias possibilidades, através de um pensamento meditativo.

Ao adotar tal postura auto-reflexiva, não usual nos tempos atuais, a perspectiva de finitude da própria existência emerge como condição ontológica, e está intimamente imbricada ao ato de angustiar-se. A angústia, por sua vez, parece ser evitada a qualquer custo, frente à comodidade do modo-de-ser *impessoal*. No entanto, no decorrer da entrevista, os integrantes suportam a angústia ao se deparar com o modo de ser de cada um regido pela *public-idade* (*offentlichkeit*). Nesta, muitos integrantes depararam-se com seu modo-de-ser impróprio, que era adotado e não questionado.

Ao padronizar determinado modo de ser, há uma pressão que converge para a adoção deste, seja este modo relacionado ao jeito de vestir-se, de divertir-se, ou referente à postura perante o uso de bebidas alcoólicas. Se o álcool é diretamente associado a imagens convenientes, à diversão e à eventos sociais, e grande parte adere a esta postura impessoal (uso do álcool), torna-se extremamente difícil que haja uma diferenciação, uma apropriação do ato de beber. WINNICOTT (1958) ressalta que a capacidade de ficar só é um fenômeno altamente sofisticado, sendo a base sobre a qual a solidão sofisticada se constrói. O álcool, portanto, é utilizado de uma forma imprópria na maioria das vezes.

Independente do sentido explicitado na entrevista, predomina o beber impessoal, no qual o álcool é utilizado como um recurso para incluir-se em algo, já que predomina a idéia de que o

álcool é necessário e seu consumo é o comportamento padrão em determinadas situações. Esta função inclusiva e socializadora ilustra a incapacidade de diferenciar-se, de estar só, configurando a queda de si mesmo, na incapacidade de ser-si-mesmo-próprio.

No entanto, este uso impessoal inicialmente pode ser modificado, havendo uma posterior apropriação do uso do álcool. Ou, se este uso deixa de fazer sentido, este comportamento pode ser extinto. Há um conteúdo que é evidenciado nesta entrevista de modo mais completo, mais claro e mais próximo: o sentido do não-uso ou do uso eventual. Neste, o autoconhecimento é o principal motivo, havendo uma maior capacidade de suportar o mundo sem o recurso do uso do álcool, ainda que mantenha a sua inospitalidade. O autoconhecimento é caracterizado como o saber proveniente da própria experiência universitária, não apenas no contexto acadêmico, mas interpessoal. O álcool, portanto, pode deixar de ser utilizado como um recurso, havendo então a capacidade de ficar só, de diferenciar-se através do não uso, configurando uma escolha autêntica, e não uma ação imprópria movida por uma imposição *impessoal*.

Ainda que não seja predominante, faz-se presente, mesmo que pontual, uma apropriação do ato de beber. Um ato que uma vez fora movido pela impessoalidade, hoje parece ser utilizado de um modo mais próprio em determinadas vezes, ainda que minoritariamente. O uso impessoal pode vir a ser interrompido, ou até possibilitar um uso diferencial, como a degustação de bebidas fermentadas, citada na entrevista, ao passo que o uso de bebidas alcoólicas como recurso seja reduzida gradativamente e, por vezes, abandonada.

9 Discussão: aproximando sentidos

Pretende-se agora, por meio da aproximação das análises dos dois grupos e, considerando a relevância dos capítulos anteriores, realizar uma discussão acerca do sentido do uso do álcool.

Pode-se inferir um ponto de enorme convergência ao compararmos os dois grupos: ambos não reflete sobre o tema *álcool* em sua complexidade. O modo de ser em relação à postura para com o uso do álcool é pautado pelo modo de ser *impessoal*, predominando a *inautenticidade* para com o tema, havendo um distanciamento dos grupos não apenas na reflexão, mas também na apropriação do tema.

É possível observar que, durante grande parte da entrevista, o modo de ser de cada integrante era pautado por uma postura *imprópria*, onde cada integrante não é mais ele mesmo, e suas possibilidades não são mais as suas. O *si-mesmo* encontra-se diluído ao *nós* cotidiano. Aparentemente, tudo é acessível a todos, qualquer integrante discorre sobre qualquer tema, não havendo limites ou critérios de validação para decidir o que é um genuíno compreender ou não. Tal constatação retrata o que HEIDEGGER (1993) denomina *ambigüidade*, uma forma impessoal de ser, na qual cada integrante age de uma maneira como se cada questão trazida à pauta da entrevista já houvesse sido previamente pensada, apropriada e elaborada.

Na maior parte das vezes, as questões discutidas alcançavam uma conotação de veracidade, que muitas vezes era trazida com um caráter de autoridade, já que não eram questões pensadas de fato, muitas vezes não havendo embasamento para tal posicionamento, e que ao mesmo tempo cada integrante se expressava como se já houvesse refletido sobre cada questão trazida ao grupo. Neste modo de posicionamento distanciado, onde o que é explicitado denota uma garantia de realidade, aponta o *falatório (gerede)*, uma segunda forma de perder-se no modo *impessoal* de ser, e que se manifesta por toda a entrevista de ambos os grupos. Este modo impessoal não oculta nada à compreensão do Dasein, mas o propicia estar de um modo distanciado, que o possibilita permear sobre tudo, mas não experimentar nada através de uma compreensão duradoura⁴⁹.

É possível apontar também a *avidez por novidades*, ou *curiosidade (neugier)*, que caracteriza o modo de ser distanciado, que avista a parcialidade de algo seguido de uma

⁴⁹ Idem.

desvinculação, seguida de um novo cotidiano e passageiro debruçar-se sobre algo, dando-se de modo distanciado (HEIDEGGER, 1993). Cada integrante, na maior parte da entrevista, permanece isento de si-mesmo, se considerarmos a sua condição ontológica. Permanece em todas as partes e ao mesmo tempo em nenhum lugar. Discorre de tudo e não se aprofunda em nada. Há inúmeras compreensões fugazes e passageiras, poucas duradouras. Nesta postura, cada integrante isenta-se da responsabilidade de ser-si-mesmo-próprio. Neste movimento de *decadência* (*verfallen*), o autor denomina a fuga de si mesmo, ao passo que se liberta da culpa de ser o que é, diluindo-se no modo impessoal e mediano de ser, ao pronunciar-se através de um modo mediano e já consolidado.

Mas questiona-se: por que esta tendência? O que ocasiona o observado distanciamento enquanto modo-de-ser e a *public-idade* (*offentlichkeit*) enquanto reguladora de toda interpretação, que ao mesmo tempo obscurece, ocasionando um distanciamento, mas que torna tudo acessível e passível de compreensão simultaneamente? Depara-se, então, com algo muito mais amplo do que o simples fenômeno da banalização e cristalização do uso do álcool. O fenômeno em questão abarca os hábitos do beber impessoal, mas de forma alguma se restringe a isto apenas.

HEIDEGGER (1984a) acena que é na diferença ontológica que o homem pode filosofar, transcender o imediato, compreender-se, colocar-se em jogo. Somente quando o homem se põs a interrogar explicitamente em torno dela que teve início a filosofia, pensamento este que está a caminho do ser do ente, a caminho do ente sob o ponto de vista do ser. No entanto, a metafísica tradicional acaba afastando-se desta característica inicial.

A tendência da cristalização do álcool e banalização de seu uso, que possibilita um modo de ser distanciado para com o consumo deste, refere-se ao que HEIDEGGER (1984b) denomina como *fim da filosofia*. Pensar o ente em sua totalidade sob o ponto de vista do ser e da recíproca imbricação entre ente e ser encontra-se esquecida.

Não há uma filosofia superior à outra: cada qual sua possui importância à sua respectiva época, que demanda uma determinada necessidade. No pensamento metafísico tradicional, alicerces da ciência positivista moderna, o desenvolvimento das mais diferentes ciências acarretou em independência da filosofia. Há uma autonomia, e possibilidade de autodesenvolvimento. Segundo HEIDEGGER (1984b), o desdobramento (fim) da filosofia está diretamente relacionado à autonomia das ciências, no qual o caráter desta última é a própria técnica. Esta, por sua vez, direciona a abertura de um caminho inaudito para o pensamento ocidental e a projeção de uma

nova ética. O fim da filosofia dá-se simultaneamente ao triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico científico.

Segundo CRITELLI (2002), a técnica aliada à ciência tradicional, à alocação da arte no campo da estética, da transformação do fazer humano em cultura e da des-divinização da existência, é um fenômeno em que se expressa um modo-de-ser da sociedade moderna ocidental. É sua tendência fundamental. Segundo HEIDEGGER (1984b), devemos compreender a técnica a partir da palavra grega *téchne*, que faz alusão a uma modalidade de saber, e em seu contexto, significa ter conhecimentos na produção. Produzir, por sua vez, significa conduzir à sua manifestação, tornando acessível algo anteriormente inacessível. Este produzir, o elemento próprio da técnica, manifesta-se de maneira singular na sociedade ocidental, utilizando-se do desenvolvimento das modernas ciências matemáticas da natureza.

Afirma ainda CRITELLI (2002), que este processo produtivo não apenas limita-se aos processos da natureza, mas predomina por todo e qualquer agir humano. Logo, o modo de ser do homem ocidental da contemporaneidade torna-se técnico: é uma orientação de conduta que pode ser aplicada a todo agir em relação a tudo, sendo considerado único modo possível para com o existir humano.

HEIDEGGER (1993) complementa que, ao deparar-se com o mundo a partir desta ótica técnica, tudo se subordina a ela. A natureza, por exemplo, perde sua condição primordial e totalizadora de natureza enquanto tal. Florestas passam a serem concebidas como reservas de madeira, rios tornam-se represas visando produção de energia elétrica. Ao lidar com os entes, se lida apenas com sua parcialidade objetiva e superficial. CASANOVA (2009) complementa que ao se colocar imediatamente no horizonte fenomenal dos entes, estes não se revelarão como objetos teóricos ou como coisas dotadas de propriedade, detentoras de uma essência em si. Estes entes vêm à tona como utensílios, instrumentos, sendo essencialmente “algo para”, possuindo uma destinação útil, como a serventia, manuseabilidade ou aplicabilidade.

CRITELLI (2002) pontua que este poder interpelativo calculador de produção subordina desde as ciências, a indústria, a economia, até o existir diário humano. A humanidade do homem, na sociedade moderna ocidental, tem seu alicerce sobre a razão calculadora e na tecnicidade. A questão do *ser* passa a ser esquecida ao longo do desenvolvimento e afirmação (e reafirmação) do agir técnico enquanto essência da humanidade. Ser, no entanto, “é” não só as possibilidades de serventia que descobrimos nos entes, mas mostra-se, revela-se, torna-se disponível e recolhe-se.

O ser é tudo. O ser possui a condição de esvair-se, ao passo que ele é sempre as possibilidades que descobrimos nos entes.

No entanto, o trato que a sociedade moderna ocidental tem para com o *ser* é seu total abandono enquanto ser, atribuindo-o a mesma condição ontológica que os entes possuem, como as demais coisas que estão junto ao homem. A questão referente a ser passa a ser objetificada, entificada, obtendo uma determinação, a partir de um pensamento calculante. O esquecimento da questão acerca de ser ocorre, primeiramente, pela tendência constitutiva do aparecimento do real encobrir a vigência de sua possibilidade, determinando-o. Segundo CRITELLI (2002), a delimitação do ser é realizada primeiramente, no pensamento de Descartes⁵⁰, que ao pensar de modo racional na mensuração e cálculo do ser enquanto ente, garantia e assegurava sua manifestação. Tal entificação do ser através do pensamento metafísico tradicional apenas desenvolveu-se ainda mais com o passar do tempo. O pensamento vigente na atualidade é decorrente não só do esquecimento do ser, mas da reafirmação constante da técnica como alicerce do pensamento, que se distancia do questionamento do *ser*.

A instabilidade e a insegurança de *ser* parecem desaparecer sob sua entificação racional e lógica. Na estratégia cartesiana, a insegurança do ser poderia ser suprimida pela segurança do saber. O mundo, ao ser representado através de idéias claras, precisas e imutáveis, passa a se constituir através de sua controlabilidade, passando a não ser mais inóspito, mas seguro e estável (CRITELLI, 2006). Ao se entificar *ser*, suas possibilidades de ser são restringidas.

Na representação, o substrato de uma metodologia do conhecimento assegura ao mundo uma estabilidade pensável. A inospitalidade do mundo desaparece simultaneamente à privação da própria liberdade. A estrutura operacional calculadora que envolve a civilização ocidental, sobretudo modernamente, salvam o homem da mutação incessante do ser, de suas incontáveis e constitutivas possibilidades. Ao lidar com o mundo através do controle e do cálculo, controla-se o comportamento das massas através da opinião pública. O eu se mistura e se dilui no todo mundo. Foi criada uma forma de saber o mundo e de ser nele, a *impessoalidade* impera de modo

⁵⁰ René Descartes (1596-1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático por sugerir a fusão da álgebra com a geometria - fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva o seu nome. Foi uma das figuras-chave na Revolução Científica. É chamado de "o fundador da filosofia moderna" e o "pai da matemática moderna", é considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental. Inspirou contemporâneos e várias gerações de filósofos posteriores; boa parte da filosofia escrita a partir de então foi uma reação às suas obras ou a autores supostamente influenciados por ele.

ditatorial (CRITELLI, 2006). HEIDEGGER (1984b) reafirma tal colocação, apontando que o pensamento predominante na época moderna é ditar ao presente algo que há muito já foi dito, mas que não é propriamente pensado.

No entanto, a condição ontológica humana se mantém. A tentativa de arquitetar uma sociedade livre da inospitalidade mundana, da incessante transmutação dos sentidos de ser e, portanto, da liberdade humana, é tarefa irrealizável. A filosofia, o pensar, são condições constitutivas da estrutura ontológica humana. Mantém-se muito aquém se pensarmos estas ações apenas como capacidade de articulação lógica, já que esta possibilidade emerge da condição ontológica primeira, o filosofar, e não apenas na metafísica tradicional. O pensar, portanto, refere-se a um poder, vigor, força constitutiva da humanidade do homem, ente este que se encontra em constante e incessante embate com o sentido de ser (CRITELLI, 2006).

HEIDEGGER (1984a), aponta a filosofia, portanto, imediatamente na questão da diferença ontológica, na qual somente na correspondência ao ser do ente o homem pode filosofar e saber no que esta se constitui. No entanto, no fim da filosofia, época na qual encontra-se a modernidade, não há sequer um novo questionamento do que é pensamento, nem um novo voltar-se do pensamento sobre si mesmo para um autoquestionamento. Resta apenas a unidade de uma questão que se pensa, e de um pensamento que se questiona. A filosofia encontra-se dissolvida nas ciências da era da técnica. Segundo VATTIMO (1996), o niilismo se impõe como a única chance de pensamento contemporâneo.

A questão do uso do álcool acompanha esta ampla tendência: não é pensada. Os usuários não mais questionam o sentido do uso, mas apenas desempenham algo que já é dado: a correlação da diversão ao consumo do álcool. Tal modelo não é apenas dado como único, mas reproduzido. Os integrantes não só deixam clara a evidência da obrigatoriedade do beber, como relatam existir uma pressão que converge no sentido deste ato, e que é desempenhada pelos companheiros, e muitas vezes, por eles próprios.

A publicidade e a política proibicionista, ao se repetir em diferentes apelos com o mesmo objetivo, possuem um poder de influência muito maior e muito mais significativa em um contexto no qual a filosofia encontra-se diante seu fim. O uso do álcool como normal e corriqueiro é assumido como verdade, não sendo questionado. Cada indivíduo assume ainda esta postura impessoal como válida para si, não questionando até mesmo a possibilidade de outras posturas. Observa-se nas entrevistas o predomínio do mundo técnico da manipulação

incondicionada e calculada de tudo, local onde o ente predomina incontestemente sobre o ser, e que se manifesta no modo-de-ser de ambos os grupos.

Segundo VATTIMO (1996), é apenas por meio da civilização tecnológica que o ser, do fundo de seu esquecimento, manifesta-se a uma humanidade que já não reconhece a exigência de estabilidade como determinação ontológica, como traço da constituição do ser, da qual seria preciso assegurar-se. Neste meio de um desenvolvimento contínuo das ciências em um predomínio do saber técnico, seus avanços são indiscutíveis. Segundo CRITELLI, (2002), é a partir deste modo de obtenção de conhecimento que se torna possível, por exemplo, a produção de energia proveniente de quedas d'água, que ao ser produzido, armazenado, distribuído, pode-se usufruí-lo. No entanto, tal especificidade de cada etapa do processo, que é pensado através de suas possibilidades de realização, é acompanhada apenas por poucos, que detêm este saber específico. Esta delimitação da especificidade é válida a praticamente todas as ciências que garantiram sua autonomia da filosofia enquanto metafísica primeira, hoje se baseando na metafísica tradicional.

A especificidade decorrente do predomínio da técnica e do avanço das ciências tem como consequência um modo de ser distanciado de ambos os grupos. O homem, ao lidar com o produto da técnica e da alta especificidade presente no mundo moderno, distancia-se de seu processo de produção, lidando apenas com sua instrumentalidade. Há um distanciamento, no qual se lida com as coisas cotidianas apenas a partir de uma parcialidade superficial utilitária. Segundo CASANOVA (2009), ao se entrar em contato com um ente, assume-se um comportamento prático para com este. O predomínio do pensamento positivista técnico científico, e com os mais recentes avanços tecnológicos, possibilita que este modo distanciado de compreender o mundo seja cada vez mais comum, já que a técnica afasta o homem de um pensamento reflexivo.

Enquanto a postura distanciada para com o uso do álcool é uma possibilidade, havendo ausência de um pensamento reflexivo para tal, esta é apenas uma possibilidade de distanciamento de si mesmo enquanto indivíduo integrante da sociedade moderna ocidental. O contato interpessoal também se manifesta de um modo superficial, fugaz, flexível, onde relações não mais são consolidadas, mas provisórias, configurando uma fragilidade dos laços humanos, no que BAUMAN (2004) denomina *amor líquido*. Fazem-se mais freqüentes relações onde o descompromisso, a superficialidade e a instabilidade suplantam uma relação onde há uma espera, um aguardar, um demorar no outro. Neste modo superficial de ser-com-os-outros, se lida não

mais com sua totalidade, mas com uma parcialidade, como um status hierárquico ou profissional. São raras compreensões abrangentes, totalizantes e duradouras. A sociedade moderna, através da técnica, desoculta as coisas de uma maneira em que o ser permanece inatingível à humanidade, que passa a ver as coisas, produtos da técnica, como a única realidade.

A poesia, por exemplo, passa a ocupar um espaço cada vez menor na modernidade. Esta demanda um pensamento que desvela algo, e que numa busca, aguarda o sentido. O aguardar parece não mais possuir lugar para manifestar-se, e passa a ser obsoleto em um mundo regido por tamanha tecnicidade. Não há tempo para uma compreensão duradoura que a poesia exige. Observa-se, no entanto, o advento do videoclipe. Um suceder de inúmeras imagens, e que através de uma alta velocidade, uma imagem dá lugar à outra. Na modernidade não há demora. O novo sempre vem suplantando o quase novo. O videoclipe pode ser equiparado à vida moderna, onde um suceder de coisas se dá em uma velocidade tamanha, na qual passa-se por tudo, e não experimenta-se nada. Tudo é experimentado de um modo distanciado, superficial, supérfluo. Observamos nas entrevistas o modo-de-ser dos integrantes que, em média, aproximavam-se deste modo distanciado e fugaz de lidar com as coisas, inclusive com o álcool.

Este modo de se portar distanciado e *impessoal* é predominante em ambas as entrevistas, mas a capacidade de ser-si-mesmo-próprio se mostrou mais presente na segunda entrevista (4º ano), ainda que estes momentos sejam raros. Faz-se presente nesta entrevista um tópico que não foi trazido de modo significativo pelos integrantes do outro grupo, *o sentido do não uso / eventual*, questão esta atribuída pelos próprios integrantes à maturidade. Ao mesmo tempo que este termo não é explicado claramente ao que se designa, são fornecidos exemplos que explicitam o que culmina em uma maior maturidade do estudante, que tem como uma consequência ter hábitos diferentes para com o uso de bebidas alcoólicas.

Frente à evidência de ambos os grupos, constata-se que o modo de se portar no início da faculdade é pautado, predominantemente, em uma postura impessoal. No entanto, a partir da entrevista do 4º ano é possível obter uma postura que, ainda que pautada na impessoalidade, constata-se uma maior apropriação do ato de beber, ocasionando um uso mais controlado, e eventualmente até o não uso. A formação de um grupo fixo e conhecido, onde há um vínculo de intimidade, através da confiabilidade, parece propiciar a um estudante no final do curso a possibilidade de ser-si-mesmo-próprio em algumas determinadas situações. Por vezes, isto pode abarcar a postura com o álcool. Ao longo da graduação, a experimentação de inúmeras vivências

desconhecidas até o ingresso na universidade também pode vir a possibilitar o conhecimento do que o estudante quer/deseja, e através de um autoconhecimento, é possibilitado um modo ser mais coerente e que propicie que estes estudantes assumam suas próprias escolhas. Estas duas possibilidades, apreendidas dentre os estudantes de 4º ano, possivelmente agem como um catalisador para a formação de um estudante mais pré-ocupado com o seu *ek-sistir*, e não mais agindo apenas de modo impessoal.

Frente a esta lógica, pode-se cogitar que o estudante de 4º ano não mais se ocupe somente com o contexto universitário, mas transcenda esta posição. O eminente ingresso no mercado de trabalho e início da vida profissional podem estar envolvidos com esta pré-ocupação além que reside além do contexto universitário. Os estudantes do 1º ano, no entanto, se pré-ocupam na maior parte das vezes apenas com o mesmo. Este modo mediano e comum de ser é correlacionado, neste sentido, à própria realidade universitária, já que os recém ingressados estudantes, em um ambiente novo e desconhecido, portam-se impessoalmente, numa tentativa de estabelecer relações interpessoais, referente ao próprio ambiente universitário. Tal verificação constata-se não apenas em uma, mas em ambas entrevistas. No entanto, este é o sentido central do uso do álcool dentre os estudantes que formam o grupo do 1º ano, enquanto no segundo grupo, o sentido do uso tem maior variação.

Ainda aproximando o comportamento do beber entre os dois grupos, estudos mostram que o consumo de tabaco e de álcool apresentou percentuais elevados entre os estudantes, especialmente entre aqueles do final do curso. Observou-se diferença significativa com relação ao uso na vida do tabaco, maior entre os universitários concluintes (FRANCA e COLARES, 2008). No entanto, a presente pesquisa mostra uma gradativa diminuição ao longo da graduação. Não necessariamente as pesquisas trazem informações opostas. É dito que ao adentrar numa universidade, o uso do álcool tem seu acréscimo, e muitos que não mantinham hábitos de consumo de bebidas alcoólicas, passam a tê-lo. É possível pensar que, mesmo com a gradativa diminuição do uso do álcool ao longo da universidade, o álcool passa a fazer parte de sua realidade, tornando-se um usuário, ainda que ocasional. Se a maturidade aliada ao autoconhecimento propicia uma apropriação maior do uso do álcool, ainda assim é possível que prevaleça o uso impessoal do álcool. Uma outra probabilidade é que, provavelmente, este uso ainda é superior ao constatado em um período antecessor ao ingresso na universidade.

Um outro dado relevante à presente discussão é o fato dos homens, em média, consumirem mais álcool. O dado não é apenas obtido através das entrevistas, mas diversas pesquisas apontam tal diferenciação no consumo, como PINSKY e JUNDY (2008) ao pontuar que homens e mulheres adultos bebem com frequências marcadamente diferentes: Os homens apresentam índice de abstinência 40% menor do que as mulheres (35% para eles e 59% para elas). PECHANESKY, SZOBOT e SCIVOLETTO (2004), apontam ainda outro dado significativo: Local de consumo e volume de etanol ingerido variam de acordo com o gênero. Os meninos começavam a beber fora de casa e com amigos mais precocemente, enquanto as meninas eram mais conservadoras, mantendo o hábito de consumo familiar e doméstico por mais tempo.

Tal constatação não traz a luz nenhum fato inédito. No entanto, na análise qualitativa, é possível compreender como se dá esta diferença, e o sentido atribuído a esta. Em ambas as entrevistas fazem-se presentes dados que apontam a diferença de gêneros ao lidar com o consumo do álcool. Às mulheres é atribuído como negativo um uso abusivo, enquanto que aos homens, não é apenas valorizado, mas em muitos casos é exigido. Assim como há a associação do ato de beber a determinados eventos sociais, há uma associação direta da resistência ao consumo do álcool a usuários do sexo masculino. A alta resistência a uma grande quantidade de bebidas alcoólicas é apontada, muitas vezes, como positiva, significativa e imperativa.

A bebida, portanto, assume uma conotação para com os homens que não chega de modo idêntico às mulheres. A associação do ato de beber, a provação da masculinidade e virilidade pela resistência do álcool, é um fator que insere, neste contexto universitário, mais uma dificuldade para este gênero específico da apropriação do ato de beber. O dizer público já correlaciona intimamente o consumo do álcool a indivíduos do sexo masculino, além do apelo ao consumo realizado pela publicidade e pressão da comunidade universitária.

A *public-idade (offentlichkeit)* enquanto reguladora do comportamento individual possui não apenas uma, mas diversos apelos, que criam uma série de modos-de-ser cotidianos a serem padronizados como modelos, enquanto que o que se cristaliza desta forma não é questionado. O uso do álcool associado a determinados eventos sociais e à diversão não é pensado em sua complexidade. Esta forma de cuidado para consigo mesmo, ainda que padronizado e absolutamente igual aos demais, não deve ser considerada desmoralizante, mas um modo de ser que acaba caracterizando-se por sua inautenticidade. A condição desta é tão ontológica quanto o compreender, portanto, constitui o *ser* do homem. A impropriedade ou inautenticidade exprime

que a inequivocamente coexistência é condição na qual a vida é efetivamente dada ao homem, através de sua facticidade (CRITELLI, 2006).

Perde-se assim, a possibilidade de um pertencimento que transcenda as limitações do mundo dominado pela técnica, mundo trazido à existência. HEIDEGGER (1957) questiona: O que ocasiona que isto venha a ocorrer? O que acarreta no fato de a vida cotidiana atual seguir o seu rumo sem que seja questionado o princípio do fundamento, ou seja, o fundamento que afirma a maneira cotidiana atual de ser? No entanto, a interrogação que parte da premissa que *nada é sem fundamento* permanece na obscuridade. É tal ensinamento e forma de pensar que, demora-se e entrega-se ao que é digno-se-ser-perguntado, que desabitua daquilo que é tratado sob a epígrafe dos princípios fundamentais que e é concebida de um modo superficial e volta-se à questão do *ser*. CRITELLI (2006), ao apontar a possibilidade de se construir um modo de ser impróprio, abre-se a possibilidade da construção de uma existência autêntica, recuperando-se de sua dissolução nos outros, do modo mediano de se ser.

Segundo HEIDEGGER (1957), o pensamento que busca a origem do fundamento torna possível a dedicação a coisas mais importantes, e coloca-se como situação estranha ao homem moderno, pois se mantém contra todas as opiniões habituais das representações cotidianas, nas quais se vagueia como cego e surdo. É tal forma de pensar que tem como tarefa e consequência retirar o homem contemporâneo do enraizamento ao já cristalizado, padronizado e esperado.

Portanto, uma nova possibilidade preventiva poderia ser não apenas informar o público alvo dos danos que podem ser ocasionados pelos diferentes usos do álcool, mas sim possibilitar e estimular um espaço educacional no qual a reflexão autêntica possa emergir, oferecendo a oportunidade da apropriação do si-mesmo.

10 Considerações finais

O consumo abusivo e/ou recorrente do álcool é sempre uma questão a ser considerada, pois pode vir a originar intercorrências indesejadas, e passa a ser ainda mais prejudicial no período da adolescência e idade adulta jovem, esta última sendo, portanto, mais passível de estudos e intervenções.

Alguns autores, como PEUKER, FOGAÇA E BIZARRO (2006), entre as tarefas desenvolvimentais destes períodos está a contínua integração de habilidades cognitivas, assim como a formação das habilidades necessárias para o funcionamento bem sucedido do papel adulto. BAER, DIMEFF, KIVLAHAN e MARLATT (1999) afirmam ainda que embora a maioria dos estudantes universitários supere esta fase do beber pesado sem tratamento específico, até que estes abandonem este padrão de consumo, estarão vulneráveis a um grande número de conseqüências prejudiciais.

Neste sentido, a realidade alarmante do alto consumo do álcool e cristalização deste na sociedade, principalmente no contexto universitário, refletem a necessidade de desenvolver estratégias preventivas específicas a esta população. PEUKER, FOGAÇA E BIZARRO (2006) indicam que disponibilizar informação científica e detectar precocemente o uso de drogas são iniciativas importantes, uma vez que muitos jovens ingressam na universidade em idade e circunstâncias propícias à aquisição de novas competências. O ambiente acadêmico, portanto, se abre como um espaço adequado ao desenvolvimento de programas preventivos, sendo recomendável a implantação de políticas nessa direção.

Segundo BAER, DIMEFF, KIVLAHAN e MARLATT (1999), as expectativas relacionadas ao beber podem ser abarcadas no projeto preventivo. As crenças que um estudante possui sobre os efeitos ou resultados, geralmente estão diretamente relacionados à experiência do comportamento de beber. A discussão das expectativas do beber para os jovens estudantes e a tentativa de contestação da validade das mesmas com dados de pesquisas empíricas e reais podem ser utilizadas.

PEUKER, FOGAÇA E BIZARRO (2006) afirmam ainda que a correlação entre expectativas positivas e o beber problemático sugerem que programas preventivos com o intuito de reduzir os riscos do beber problemático entre universitários devem alcançar pelo menos dois

aspectos: 1) **o ambiental**, objetivando limitar a propaganda, o acesso e a disponibilidade do álcool, aumentar seu custo e promover atividades alternativas não relacionadas ao uso de álcool, e 2) **o cognitivo**, objetivando identificar e alterar cognições disfuncionais. Estratégias motivacionais para bebedores problemáticos têm produzido resultados positivos, como a redução de conseqüências negativas relacionadas ao álcool e modificação do beber problemático.

No entanto, no decorrer da presente pesquisa, é evidenciada a insuficiência das medidas acima descritas. A ausência de projetos preventivos, e a presença destas medidas como principais ou únicas quando há algum tipo de intervenção, acabam por culminar na realidade preocupante de abusos, excessos e falta de reflexão própria para com o uso do álcool. Os jovens encontram-se, em sua grande parte, altamente vulneráveis ao uso abusivo e às conseqüências nocivas, que geralmente encontram-se intimamente implicadas.

Se apresenta como pertinente propiciar uma reflexão acerca do uso indiscriminado, da associação direta do álcool a determinados contextos e da cristalização do álcool em nossa sociedade como algo corriqueiro e cotidiano. O álcool é uma droga que detém em si uma potencial nocividade, e embora as demais drogas atraiam uma preocupação maior com sua potencial nocividade, o a bebida mantém-se ainda como a droga mais nociva à nossa sociedade.

Medidas ambientais, redução de propagandas, acesso à disponibilidade do álcool, promoção de atividades alternativas que não envolvam o consumo do álcool, informações científicas, detecção precoce de um uso nocivo, entre outras; todas são importantes, mas nenhuma alcançará um resultado significativo se não estiver intimamente relacionada à estimulação de uma postura reflexiva por parte do público alvo, propiciando o questionamento deste, em vez de apenas fornecer um projeto pedagógico informativo que não aborde a realidade do ato impessoal de lidar com o álcool, correlacionando-o com sua própria postura.

Todo e qualquer projeto que não vise e possibilite ao público alvo colocar-se em jogo, transcender uma postura impessoal em favor de uma postura *pré-ocupada* para seu próprio *existir*, possui como alicerce o dominante modelo da ciência tradicional, que acaba por perpetuar o esquecimento do *ser*, entificando-o. De modo algum se invalida tais intervenções, que possivelmente apresentam resultados positivos, mas aponta-se uma limitação, já que estes não abordam o fenômeno do uso abusivo em sua totalidade (HEIDEGGER, 1993).

Segundo CRITELLI (2002), esta é uma tendência que teve início desde Platão e Aristóteles, na qual uma representação não visualiza o real a partir dele mesmo, mas de suas

possibilidades representativas da razão, operando um controle sobre sua possibilidade de manifestação, e não em sua totalidade. Seriam, portanto, intervenções que não abarcariam a condição ontológica humana, e o que CRITELLI (2006) denomina de insegurança do existir.

A vulnerabilidade primeira dos integrantes de cada grupo entrevistado é justamente a ausência do pensar, de uma compreensão duradoura, *própria e autêntica*. Tal modo superficial de lidar com as coisas cotidianas, como a bebida, diz respeito a esta forma de lidar com o existir diário humano, sendo possível correlacionar à alta tecnicidade do mundo moderno, que possui como consequência o esquecimento da questão do *ser*, ocultando-a quase completamente.

Faz-se necessário, portanto, um projeto preventivo que considere a questão do *ser*, e que tal assunto chegue ao público alvo como algo digno de ser pensado. Segundo CRITELLI (2002), cuidar do *ser* é cuidar da própria destinação histórica, como indivíduo exclusivo que cada um é, que ao mesmo tempo vive conjuntamente. Tal difícil tarefa seria proveniente do descobrimento de outra possibilidade para si, e que exige uma passagem pelo silêncio, no vazio, no qual as determinações e os vícios da técnica inexistem. É necessário ouvir de um modo diferente, escutar o novo não como o mesmo, como o já falado e apreendido, mas dando disponibilidade à nova palavra, a um novo apelo.

Logo, a postura dos integrantes dentro do grupo e seus hábitos para com o uso do álcool mostram-se condizentes com a realidade à qual se manifestam, já que não deixavam espaço para o silêncio, mas preenchiam a entrevista com incessantes opiniões e informações, ainda que não fosse algo de fato elaborado por eles. Tal postura que parece ser cada vez mais comum nos tempos atuais manifesta-se em inúmeros fenômenos cotidianos, entre eles, o uso e discussão acerca do álcool.

Em um possível modelo preventivo que tente abarcar esta realidade, talvez uma das mais difíceis tarefas seja possibilitar que o público alvo experimente este novo modo de compreender o mundo que o cerca, de suportar a angústia de ter-que-ser algo, de assumir o cuidado de sua própria destinação histórica, o que muitas vezes exige um questionamento próprio em um momento solitário, já que esta é tarefa exclusiva de cada indivíduo. Tal manejo é de difícil realização, pois nos tempos atuais esta não é uma prática comum, e em meio a uma predominante objetificação da pergunta acerca de ser, a angústia e o silêncio não são valorizados.

A tarefa de filosofar e transcender a própria realidade imediata é pouco usual no cotidiano ocidental da modernidade, onde a interpelação da técnica é determinante de nossas ações, nos

oferecendo tudo de uma forma já delimitada. A retomada da responsabilidade do cuidado próprio contrapõe esta realidade, pois faz com que cada um assuma o seu próprio *ek-sistir*. A abertura ao inaudito, a passagem pelo silêncio, a ausência de referências e de delimitações pré-determinadas significam a reintegração da posse do si-mesmo. Tais aspectos são raros, predominando o modo de se comportar mediano, como por exemplo, o beber impessoal.

Um projeto efetivo é aquele que recoloca a possibilidade de ser-si-mesmo-próprio, onde o público alvo é provocado e incentivado a assumir o protagonismo de sua respectiva destinação histórica. Informar, discutir e desconstruir um pensamento vigente são apenas iniciativas isoladas não totalizadoras se o cuidado com o próprio *ek-sistir* não for de fato assumido. A tecnicidade atual deve auxiliar neste cuidado, e não acarretar em seu esquecimento. A compreensão do ato impessoal como tal, possivelmente possibilitaria que cada um visualizasse novas possibilidades para si, e não apenas as já delimitadas.

No entanto, não se pretende apontar uma única direção, quanto menos concluir um projeto preventivo ideal. O viés da proposta ontológica de Martin Heidegger presente na atual pesquisa, buscar a destinação que se lança cada fenômeno e as dadas existências que o desvelam, se mantém, ainda em um último movimento que, em realidade, não delimitando nenhuma conclusão, mas abrindo espaço a novas reflexões.

Tais diretrizes que colocam a questão do ser em primeiro plano dizem respeito à redescoberta do lugar do homem em relação à sua própria existência. No entanto, tal tarefa ainda está para ser realizada, considerando o mundo moderno e a realidade nele implicada. CRITELLI (2002, p.89) conclui que:

É isto, justamente, que torna o pensamento de Heidegger uma espécie de testamento: juntamente com as descobertas que nos lega, repõe-nos na liberdade de decidirmos o que fazer com elas.

Referências

ADORNO, R. C. F. Uso de álcool e drogas e contextos sociais da violência. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** v.4. Ribeirão Preto, 2008.

AHLSTRÖM, S. Consumo nocivo de álcool entre estudantes europeus: resultados do ESPAD. In: ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA **Álcool e suas conseqüências: uma abordagem multiconceitual.** São Paulo: IPQ, 2009.

ALENCAR, C. P.; ONG, L. F.S.; SOARES, R. T. C.; VILELA, L. G. **Entre mitos e verdades: a compreensão do aluno sobre a prevenção ao uso de risco e dependência de drogas na escola.** Pesquisa de iniciação científica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

ANDRADE, A. G.; MALBERGIER, A.; SILVA, L. E. R.; STEMPLIUK, V. A. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. **Rev. Saúde Pública,** 2006.

ANDRADE, A. G.; OLIVEIRA, L. G. Principais conseqüências em longo prazo relacionadas ao consumo moderado de álcool. In ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA, C. M. **Álcool e suas conseqüências: uma abordagem multiconceitual.** São Paulo: IPQ, 2009.

ANDRADE, L. H. S. G.; SILVEIRA, C. M.; MARTINS, S. S.; STORR, C.L.; WANG, Y. P.; VIANA, M. C. Padrões de consumo do álcool e problemas decorrentes do beber pesado episódico no Brasil. In ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA, C. M. **Álcool e suas conseqüências: uma abordagem multiconceitual.** São Paulo: IPQ, 2009.

ANTHONY, J. C. Consumo nocivo de álcool: dados epidemiológicos mundiais. In ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA, C. M. **Álcool e suas conseqüências: uma abordagem multiconceitual.** São Paulo: IPQ, 2009.

BAER, S.J.; DIMEFF, L.A.; KIVLAHAN, D.R.; MARLATT, G. A. **Brief Alcohol Screening and Intervention for College Students. A Harm Reduction Approach.** The Guilford Press, 1999.

BALTIERI, D. A.; CORTEZ, F. C. P. A violência e o consumo nocivo de álcool. In: ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA, C. M. **Álcool e suas conseqüências: uma abordagem multiconceitual**. São Paulo: IPQ, 2009.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

CASANOVA, M. A. **Compreender Heidegger**. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2009.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLPO, M. O. A Cura (Sorge) e a virtude da Prudentia - a queda (verfallen) do Dasein e o Pecado da Acídia. In: **Revista Nontandum**, PORTO, 2004.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

_____. **Martin Heidegger e a essência da técnica**. Margem, São Paulo, No 16, P. 83-89, Dez. 2002.

ESCOHOTADO, A. **A Proibição: Princípios e Conseqüências**. In: RIBEIRO, M. M.; SEIBEL, S. D. (Orgs.). **Drogas: hegemonia do cinismo**. São Paulo: Ed. Memorial, 1997.

FORTE, A. Racionalidade e legitimidade da política de repressão ao tráfico de drogas: uma provocação necessária. **Estudos Avançados**, vol 21, No 61, São Paulo, 2007.

FRANCA, C.; COLARES, V. **Estudo** comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, 2008.

GALEFFI, D. A. **O que é isto - a fenomenologia de Husserl?** Ideação n.5, p.13-36. Feira de Santana, 2000.

HECKMANN, W.; SILVEIRA, C. M. Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos. In ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA, C. M. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. São Paulo: IPQ, 2009.

HEIDEGGER, M. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: **Os Pensadores**. Ed. Nova Cultural. São Paulo, 1984a.

_____. **O princípio do fundamento**. Instituto Piaget. Lisboa, 1957.

_____. Que é isto - a filosofia. In: **Os pensadores**. Ed. Nova Cultural. São Paulo, 1984b.

_____. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1993.

INWOOD, M. J. **Dicionário Heidegger**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Martins Fontes. São Paulo, 1992.

LEYTON, V.; PONCE, J. C.; ANDREUCCETTI, G. Problemas específicos: álcool e trânsito. In: ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA, C. M. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. São Paulo: IPQ, 2009.

LOPARIC, Z. Objetificação e intolerância. **Natureza Humana: revista de filosofia e psicanálise**. Vol.1, n.1, São Paulo. DWW Editorial, 1999.

MALBERGIER, A.; CARDOSO, L. R. D. Problemas específicos: álcool e HIV/AIDS. In: ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA, C. M. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. São Paulo: IPQ, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2º Edição. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X.; ANDREOLI, S. B. Situações relacionadas ao uso indevido de drogas nas escolas públicas da cidade de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, 2006.

MUSSE, A. B. Apologia ao uso e abuso de álcool entre universitários: uma análise de cartazes de propaganda de festas universitárias. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** Ribeirão Preto, 2008.

NUNES, B. **Heidegger e ser e tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

PECHANSKY, F.; SZOBOT, C. M.; SCIVOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. **Rev. Bras. Psiquiatr.** vol.26. São Paulo, 2004.

PEUKER, A. C.; FOGAÇA, J. F.; BIZARRO, L. Expectativas e beber problemático entre universitários. **Psic.: Teor. e Pesq.** vol.22. Brasília, 2006.

PINSKY, I.; GOMIDE, P. I. C. **A influência da mídia e o uso das drogas na adolescência**. In: PINSKY, I.; BESSA, M.A., organizadores. *Adolescência e drogas*. São Paulo: Editora Contexto, p. 54-67, 2004.

PINSKY, I.; JUNDI, S. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, vol.30, no.4, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, T. M. S. **A infundável Guerra Americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente**. São Paulo em Perspectiva, vol.16, No.2, São Paulo, 2002

_____. **Política e Drogas nas Américas**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2001.

SILVA L. R.; MALBERGIER A.; STEMPLIUK V. A.; ANDRADE A. G. Fatores associados ao uso de álcool e drogas entre estudantes universitários. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, 2006.

SODELLI, M. **Aproximando sentidos: formação de professores, educação, drogas e ações redutoras de vulnerabilidade**. Doutorado (doutorado em Educação: Psicologia da Educação) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2006.

_____. **Escola e AIDS: um olhar para o sentido do trabalho do professor na prevenção à AIDS.** Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1999.

SOUZA, D. P. O.; ARECO, K. N. A.; FILHO, D. X. S. Álcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso. **Rev. Saúde Pública**, vol.39. São Paulo, 2005.

SIPAHI, F. M.; VIANNA, F. C. A dependência de drogas e a fenomenologia existencial. In: **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse** - nº 11- São Paulo: A Associação, p.85-92, 2002.

TAVARES-DE-LIMA, F. F. **Prevenção ao uso de drogas: modelos utilizados na educação, suas relações e possibilidade quanto a atitudes preventivas.** Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2003.

VAILLANT, G. E. **The natural history of alcoholism.** Harvard University Press, 1983.

VAN DUSEN, W. Wu wei, não mente e o vazio fértil. In: PERLS, Frederick. **Isto é Gestalt.** São Paulo: Summus, 1977.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna.** Martins Fontes. São Paulo, 1996.

SZYMANSKI, H. Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, H. (Org.); ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

WAGNER, G. A.; ANDRADE, A. G. Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. **Rev. psiquiatr. clín.** vol.35. São Paulo, 2008.

WERLE, M. A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, vol. 26. Marília, 2003.

WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar-só. In: **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

ANEXOS

Anexo 1

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 068/2010

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Psicologia

Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Marcelo Sodelli

Autor(a): Lucas Francis e Silva Ong

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *O sentido do uso do álcool para jovens universitários de 1º e 4º ano*

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa. A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas. No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **05/04/2010**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **068/2010**. Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 12 de abril de 2010.

Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001
Tel.: (0xx11) 3670-8466 – Fax: (0xx11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br - <http://www.pucsp.br/cometica>

Anexo 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sou aluno do curso de Psicologia da PUC-SP e estou fazendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Este trabalho visa uma formação completa e abrangente de seus participantes para a melhoria do ensino da graduação de forma geral.

Em função disso, peço a colaboração para participar do projeto:

O sentido do uso do álcool para jovens universitários de 1º e 4º ano

O trabalho é supervisionado pelo Prof.º Dr.º Marcelo Sodelli e temos o compromisso ético de manter o sigilo sobre as informações veiculadas, a preservação de sua identidade, bem como garantir que a desistência na participação será feita sem quaisquer impedimentos ou justificativas e em caso de necessidade de sua parte, esta se prontifica a atendê-la para esclarecimentos.

Pedimos sua autorização para a realização deste trabalho.

São Paulo, de de 2009.

Profissional Responsável: Prof.º Dr.º Marcelo Sodelli CRP06/46337-5

Autorizo a utilização do material coletado para a realização de pesquisa conforme acima explicitado.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

R.G.: _____

Nome do(a) Entrevistador(a): _____

Assinatura: _____

Nome do Pesquisador (a) Responsável: Prof.º Dr.º Marcelo Sodelli

Assinatura do (a) Profissional Responsável: _____

Anexo 3

Entrevista do grupo formado por alunos do 1º ano

Como é o uso do álcool na vida de vocês hoje?

-Esporádico.

-Social.

-Fins de semana.

-Pessoalmente, após entrar na faculdade, que já faz um tempo, foi aumentando o uso do álcool. Usava mais em final de semana, depois durante a semana. Vai uma terça aqui em dobro aqui, uma quinta ali, sei lá, eu tenho um gosto por cerveja. Muito social pra mim o uso. Às vezes incomoda até não ter criatividade suficiente pra sair com os amigos e não ir beber, e fazer qualquer outra coisa. Vamos jogar bola? Não, vamos no bar.

Vocês concordam que com o início da faculdade aumenta o uso?

-Sim.

-Eu não costumava beber, e agora eu to começando. Eu não apreciava o gosto, eu não fazia questão de beber, mas só de entrar na faculdade já foi abrindo novas possibilidades, começa a experimentar novas bebidas, e isso estimula.

-Tem muitas festas também, cervejada, entrar no clima, ta todo mundo bebendo, vou beber um pouquinho, um copo, dois, três, vai...

Alguém mais quer falar alguma coisa a respeito do início da faculdade e aumento do uso?

-Acho que é isso.

-Tudo open bar, open bar, open bar.

Foi citada a questão do social. Como é isso, bebida e social, como que é isso na vida de vocês?

-Ah, você ta numa festa, o que tem pra beber? Cerveja? Tudo bem, às vezes tem água, refrigerante. Muitas vezes você ta conversando, e você não tem objetivo de “nossa, eu vou ficar bêbado”, ou não sei o quê, você ta bebendo ali, o que tem no ambiente.

-Acho que às vezes você nem faz muita questão, assim. Mas se você ta num contexto, num ambiente, todo mundo bebendo, e você não bebe, ele falam: “ah não, você ta aqui na festa, você não vai beber? Você ta num bar, por que você não põe um copo pra você?” E você acaba bebendo sem propósito, assim. Mais pelo contexto.

-E às vezes tem umas situações que você ta meio sem graça, ta meio inibido, e bebe uma pra dar uma tranqüilizada.

Vocês concordam que muitas vezes vocês bebem pra tirar uma inibição?

-Sim.

-Concordo.

-Não. Pra mim não faz diferença.

-Eu concordo.

E como é esse uso pra tirar uma inibição?

-Vamos supor, por exemplo, você ta afim de um cara, ou de uma mina, e você vai na festa super apreensiva, aí você toma uma bebidinha você fica... Não consegue nem dançar, né? O cara chega perto e você fica dura. Aí você bebe e muda, fica mais facinho.

-Talvez as pessoas bebam mais quando entram na faculdade por conta disso mesmo, assim. Faculdade, ambiente desconhecido, ta num lugar que ela não conhece com um pessoal que ela não conhece, e começa a beber pra se sentir mais à vontade, pra fazer fluir melhor esse contato com o novo.

Vocês concordam que a faculdade possibilita isso, por ser uma coisa nova, desconhecida?

-Sim.

-É.

Vocês disseram que muitas vezes vocês bebem sem um propósito, sem um objetivo. Esse uso é feito por influência ou por vontade própria mesmo?

-Então, depende. Eu, assim geralmente eu bebo pra apreciar o gosto, porque eu consigo me soltar assim, sem beber. Até mesmo quando eu bebo nem afeta assim. Eu também não tenho muita experiência com isso pra falar. Nunca tomei um porre pra falar que isso tenha me soltado. Mas tem uma coisa da influência, que é pra experimentar, tentar experimentar uma coisa diferente, tentar sentir um pouco do que é ficar solto quando bebe. Então eu bebo pra ver o que é, né? Até agora não aconteceu nada.

-Você nunca ficou mais soltinha, mais molinha?

-Eu fico, mas... Eu não sei... Não sei se é tanto pelo álcool, acho que é mais pela conversa, acho que as pessoas ficam mais por estarem mais leves, mais fluidas e isso me afeta, assim. Mas eu não sei, se eu to sozinha, não me causa nada.

E vocês acham que o uso de vocês tem uma influência dos outros?

-Tem. Pra mim é muito automático já. Eu nem penso no mal que pode fazer, e que aquilo é falta de criatividade, é automático. Eu vou eu e meus amigos e vamos no bar sem pensar, assim. E quando eu fico sem beber é muito mais porque já bebi muito no dia anterior, “não agüento mais, chega”. Tipo ontem, fui na balada de formatura e hoje eu não vou beber porque não dá, não vou beber porque meu corpo não ta me permitindo. Inclusive as vezes que eu fiquei sem beber por vontade foram estranhas, porque você se sente um pouco, às vezes você se sente deslocado, até contra a própria vontade de não beber, porque tem o gosto por bebida e você fica meio, sabe? Já tentei ficar em balada sem beber e tal.

E vocês concordam que sem o álcool vocês ficam descolados?

-Concordo.

-Sim.

-Depende com quem você tá. Se eu tô com as minhas amigas-amigas então tanto faz, tenho intimidade. Não, mas se eu tô num lugar estranho, não conheço muita gente, você toma uma bebidinha pra dar uma descontraída.

-Então, depende muito do ambiente, mas não é que é deslocado, você não tá excluído, você não tá fora da turma, você só não tá no lugar que nem todo mundo. Não tá “out” do grupo. Não vejo isso em momento algum, eu vejo que não tá curtindo da mesma forma, mas tá curtindo com as pessoas.

-Mas eu acho diferente. Eu tive gastrite, né? E eu tive que ficar seis meses fazendo regime alimentar, não podia beber, não podia fazer nada. E era a época que tava no terceiro colegial, todo mundo indo pro bar, todo dia, todo fim de semana. E aí eu comecei a ir, nas primeiras vezes eu fui, ficava todo mundo no lugar, passando mal, dando risada, assim, e eu sentada, tipo: “nada a ver, sabe?” Aí eu parei de ir. Vou no bar, pra não beber, tá todo mundo curtindo e eu vou ficar lá sentada? Tudo bem, posso conversar com a pessoa, não tô “out”, mas assim, você fica meio... Não tá legal, sabe?

-Mas é diferente. Você não tá escolhendo “não tô a fim de beber”. Você não pode participar

E se você tivesse escolhendo não beber seria diferente?

-Seria.

-É, seria bem diferente. Quando você tá lutando contra você é mais difícil mesmo, do que quando você tem uma proibição, um regime. Uma escolha: “hoje eu não vou beber, vou fazer esse esforço”. É chato, você fica nesse conflito a noite inteira, mas se for algo, ou porque o seu corpo não agüenta mais álcool, ou porque simplesmente você nem percebe a falta de álcool.

E para os amigos que estão com você, também há alguma diferença nisso, de não ser uma opção sua, e sim uma necessidade? Há alguma pressão?

-Sim, sempre.

-Mas esse final de semana, por exemplo, sai sábado, aí no domingo ia sair, saí, mas falei: não vou beber hoje, né? Vou ficar tranqüila, não vou beber todos os dias, né? Aí lá na balada, eu nem vou beber, aí uma amiga fala “vou pegar uma cerveja”, aí outra vai pegar uma cerveja, e a outra pega uma cerveja, e ninguém falou nada, ninguém ficou pressionando, mas eu falei: eu vou acompanhar, né? Pô, o pessoal ta bebendo, vou beber também, aí peguei uma cerveja, e vai indo, né?

E quando vocês bebem, por que vocês bebem? Qual o objetivo?

-Acho que é pra ficar mais alegre, descontraído.

-Não sei.

-Mas eu acho que se o ambiente é agradável, se a música é agradável e ta com pessoas que você gosta. E nas primeiras vezes que eu bebi, também tem o gosto pela coisa. É uma coisa que chama a outra, entendeu? Não é só beber pra ficar alegre, sabe?

-Acho que pelo gosto e pela sensação, assim, que dá.

-Pra mim na maioria das vezes, é assim, cerveja. Tomo mais cerveja do que qualquer outra coisa hoje. É uma coisa que tem que ter no ambiente quando eu to com amigo, como se fosse música, se não ta tocando música tem alguma coisa faltando. Vou tomar cerveja e vamos trocar idéia, simplesmente isso, não tem um objetivo assim, preciso tomar cerveja pra isso. Não, ta no ambiente e é natural. Completamente natural.

-Eu acho que na primeira faculdade, que eu to na segunda, tinha mais isso de beber pra ficar bêbado, pra encher a cara, então fazia jogo de bebida, o objetivo era ficar bêbado, mas passado aí uns 5, 6 anos, não tenho mais isso com meus amigos, ate falamos que com dezoito bebíamos muito mais do que agora, com vinte e três, vinte e quatro.

Vocês concordam também?

-Sim, concordo.

-Pra mim foi um pouco diferente. Eu bebo mais em casa do que fora. A minha mãe gosta muito de vinho, e comecei a beber um pouquinho por causa da minha mãe, e hoje eu bebo o vinho mais

pra apreciar, meu pai não, bebe pra beber a cerveja dele. Mas champanhe, às vezes a tequila, que a minha família gosta, cerveja pra mim é irrelevante.

Foi falado que no momento que vocês entram, o uso do álcool dá uma aumentada. Aumenta porque é um grupo desconhecido, é uma coisa nova, e vocês bebiam para facilitar essas relações sociais. E hoje que vocês já estão com um grupo mais formado, já tiveram um ano de faculdade, como tá esse uso?

-Então, no começo era uma coisa “vamos pro bar, vamos pro bar, vamos pro bar”, e não era nem com o intuito de beber, mas de ficar com todo mundo e conhecer. Hoje já duas vão pro bar, assim. É raro. Por já conhecer e não saio tanto, saio mais de fim de semana, dia de semana não to indo muito mais. É difícil.

-Eu acho que é gradual. Eu to na segunda faculdade também. Na primeira faculdade, no primeiro ano eu ia pro bar todos os dias; essa faculdade eu comecei e fui pro bar quantas vezes? Cinco, no ano inteiro.

-E acho que depende do objetivo, né? Eu também fiz um pouco de publicidade e eu estudava a noite. Então eu ia pra faculdade e ia pro bar, na verdade eu não tava querendo nada com nada, não sabia o que eu ia fazer, então eu ia pra faculdade, conversava com todo mundo, depois ia pro bar, bebia e depois voltava. Já aqui não, to aqui com uma coisa que eu quero fazer, então eu venho pra cá. No começo também, eu vinha pro bar, ficava conversando, às vezes nem bebia, mas ficava lá. Agora hoje em dia eu raramente vou pro bar, só fim de semana, assim.

E por que esse uso vai gradativamente diminuindo?

-Acho que pela maturidade, assim. Porque você não conhece também, você fica bêbado, assim, novas experiências, não sei. Aí depois você vai crescendo, vai vendo que não é assim, tipo ficar bêbado, você já teve essa experiência assim, ele ganha o gosto da bebida e vai ganhando maturidade pra regular isso, sabe?

-Ah, tem também o negócio da novidade, né? Você também aprende a beber. Nessa festa mesmo um amigo meu trouxe uma garrafa de whisky, a gente abriu, bebeu, eu bebi uma dose, e eu fui buscar uma água. E ele disse: “porra, você vai buscar uma água?” E eu disse: “vou”. É verdade,

tem que saber beber um pouco. Não sou moleque, vou beber uma água porque estava realmente vidrado, por isso que eu to bebendo menos, né? Não é porque eu vou beber água que eu vou beber mais, né? Acho que o fato de eu usar água numa balada, de parar por meia hora e beber água, diminui por si só o uso do álcool.

E pra vocês, como é isso?

-Ah, na questão da faculdade cada um tem o seu interesse. Na hora você larga a mão de ir pro bar se você quer ir pra aula. Se você não tá interessado em ter aula você vai todos os anos pro bar.

-Acho que também depende da conversa que você tá tendo no bar. Se você tá tendo uma conversa mais superficial, mais leve, cabe você beber. Mas se você vai ter uma coisa profunda, que você vai precisar pensar bastante, o álcool acaba atrapalhando um pouco. Talvez com o passar dos anos mude o conteúdo das conversas.

-Mas acho que mesmo mudando o conteúdo das conversas, sempre tem conversa no bar. Isso não vai acabar nunca.

E por que esse uso vai diminuindo?

-Ah, você vai amadurecendo, o porre, você já sabe como é que é, acordar no hospital e tomar uma glicose na veia. E às vezes você nem tá aproveitando ali o que você vai fazer, acaba fazendo vexame, alguma coisa assim, as pessoas que você queria conversar você não conversa, e acaba sendo uma coisa feia, porque todo mundo olha pro seu porre. Tudo bem beber, ficar bêbada, assim, mas passar dos limites assim todo mundo fica olhando, tipo “que feio”, sabe? E eu acho que com menina é mais feio ainda do que com menino. E aí você vai sair, vai beber só um pouquinho pra ficar legal, não passando mal, sabe? Acho que é outra fase.

Alguns de vocês citaram a maturidade como um dos motivos pra vocês irem diminuindo esse uso. O que seria essa maturidade de vocês?

-Ah, não sei. Você entra na facu, você fica com outra cabeça, amadurece, é uma coisa natural da vida, assim, é pra ser, pra maioria das pessoas. Muda os seus interesses, quer fazer outras coisas, menos supérfluas.

-Não sei, eu penso muito que isso tem a ver com um universo mais masculino, que é uma coisa que interfere muito assim. Desde que saí do colégio já ouvi de três pessoas, de três conhecidos que morreram em acidente de carro, pessoas próximas a minha turma de amigos, e você fica “putz, tem alguma coisa errada”. Tem que manejar porque você fica ouvindo notícias e você pensa “poderia ser comigo, sabe?” Baladas eu nunca exagerei quando tava com o carro na mão, mas acho que isso vai da educação que vem de casa, mas os meus amigos que antes exageravam e pegavam carro começaram a diminuir foi muito por exemplo, assim. Teve uma vez que uma dessas pessoas morreu e que um amigo meu falou desde que saímos do colégio que alguém ainda iria morrer por causa de álcool e direção. Aí na época eu lembrei: “dada essa perspectiva, vamos manejar aí gente”. Se a gente tem essa perspectiva que as chances são altas, então sem fazer merda, sabe? O risco é muito alto, pegar estrada e beber, pegar balada em Maresias e pegar estrada com álcool na cabeça é um erro muito grande, muito grande! É muita besteira.

-Eu acho que maturidade é totalmente relacionado com responsabilidade. Tem uma responsabilidade pra pegar um carro, pra ir pra faculdade prestar atenção ns aulas, pra você antecipar qualquer evento que possa te trazer um mal estar assim, então você aprende a discernir melhor, a ter mais cuidado consigo e com futuras coisas que possam te atingir assim. Acho que é isso.

Vocês concordam que o uso do álcool é mais exigido pelos homens?

-Eu acho que é cultural, assim, né? O machismo, os homens que bebiam.

- E agora, não é preconceito a palavra, mas os moleques, vai sair só os moleques, ta todo mundo bebendo e tem um que não bebe, porque ele não quer. É muito chato. E quando viaja, “vamo beber aí!” Tem muito aquela pressão, assim. Às vezes o cara nem gosta, sabe? Mas beleza, bebe, acaba indo pelos outros.

-Acho que as mulheres ficam maduras mais cedo, chega antes pra elas. Essa fase aí, mulher não é tão suscetível a essa pressão do grupo, que é muita, e dura a vida inteira. Essa pressão assim de macheza, de beber porque você ta demonstrando força, sabe? Você ta de pé depois de beber

tantos, então você é forte. Acho que tem a ver mais com o universo masculino esse tipo de pressão.

E você sente essa pressão na sua vida hoje?

-Ah, já senti, hoje não. Entre os meus amigos, até por ta um pouco mais velho assim já... Por exemplo, na festa de ontem, “tem três garrafas de Black Label na mesa, você vai beber água?” Aí logo depois, sem eu ter que falar “não enche o saco” ele já falou “ó, é verdade”. Então acho que a pressão diminuiu um pouco assim. Também por ser mais velho e conhecer melhor você acaba se respeitando mais também.

E na época do colégio para a faculdade, essa pressão como era?

- Ah, não sei, o primeiro curso que fiz foi RI, o pessoal não bebe muito, então não tinha essa pressão. Psicologia, pelo que eu falei de maturidade, na sala tem muito mais mulher do que homem, e esse tipo de pressão não se cria muito. A sala tem poucos homens e que tem um lado feminino mais desperto do que os outros homens em geral, assim. Sete homens na nossa sala, então não tem muito disso.

Vocês falaram uma hora que o álcool já está no ambiente, é uma coisa natural, que vem como se fosse água. Por que está o álcool e não a água, por exemplo?

-Por causa do efeito. Tudo bem, também pode ser o negócio de apreciar, uma caipirinha de abacaxi é gostoso, mas as pessoas bebem, não na maioria pra apreciar, acho que pelo que aquilo pode causar, não sei.

-Ta com os amigos, bebe a cerveja, mas não pra ficar locão, ta com os amigos, fica mais solto, eles conversam, acho que é isso assim, causa.

-Acho que é mais por um hábito criado quando moleque e que você mantém. Você cria o hábito porque quando você é mais adolescente você acaba fazendo isso por vontade, curiosidade, você quer beber mais, e nesta época você faz porque você está condicionado a fazer isso.

-É natural.

-De um ponto de vista comportamental, acho que você acaba criando esta condição pelo ambiente mesmo, porque você está com os amigos então você precisa do álcool.

-Mas você faz também porque é gostoso.

-Faz, com certeza.

-Porque você poderia escolher outra bebida, você pode escolher.

-Não, claro, eu até penso pessoalmente em relação ao cigarro mesmo, acho que tem um pouco da mesma lógica. Eu aumentei um pouco o meu uso do cigarro, eu não uso assim no dia-a-dia, não tenho muita vontade assim, eu não compro cigarro, mas eu fumo quando eu to com os amigos e quando eu to bebendo cerveja, eu acho que aumentou e eu vejo que essa associação é muito automática hoje em dia. Tem, claro, o prazer de fumar, mas tem muito por este estar associado, ligado à cerveja. Quando eu não to tomando nada eu não tenho nenhuma vontade de fumar cigarro. Mas quando eu to num bar com os amigos tomando cerveja é um ambiente propício pra isso. Então acho que o álcool entra mais ou menos nessa lógica, tá com os amigos, eu brinco, sabe? Ah, mais um motivo pra beber, sabe? Chamar os amigos pra ver o jogo em casa, passa no supermercado e compra cerveja, como se isso fosse algo necessário pro prazer.

-Eu acho que também, que você falou de cigarro associado, o álcool pode ser associado a qualquer tipo de droga, você bebe e você fica mais suscetível a fazer coisas que você não faria quando você tá sóbrio, sabe? Você tá com curiosidade pra fazer alguma coisa, você tá sóbrio e pensa: “não, nunca vou fazer isso”, mas na hora você tá com todo mundo e acaba experimentando uma coisa que não gostaria de experimentar.

Foi falado que o álcool é utilizado extremamente pelo efeito que ele produz. Mas muitas pessoas bebem de um modo tido como social e esse efeito nem chega a ser sentido. O que faz a pessoa a fazer esse uso?

-Acho que nesse caso seria mais uma coisa pelos outros, sabe? Você tá numa situação que tá na empresa, todo mundo vai se reunir, fazendo uma conferência, e aí tá na festa, todo mundo bebendo, e você acaba pegando um copo pra você se enturmar, pra interagir do que mais pra sentir o efeito.

E foi citado também que pode ser o álcool e não outra droga. E por que o álcool e não cocaína, maconha, etc?

-Porque o álcool é de mais fácil acesso.

-Acho também que o álcool não tem o mesmo caráter aversivo que o cigarro, por exemplo, que é tão acessível quanto. O cigarro até a lei que foi criada, hoje o cigarro tem uma conotação um pouco mais negativa do que a cerveja, por exemplo. Cerveja tem anúncio na televisão, não tem tanta restrição, outro dia tava ate criticando muito os quatro presidentes dos clubes de São Paulo porque eles tinham um contrato com empresa de cerveja e empresa ta assim, fazendo uma campanha ligada ao futebol de uma forma totalmente errada, como se o álcool não fosse prejudicial, sabe? Restrição ao álcool quase não tem, aqui no Brasil pelo menos, não é tão forte quanto essa restrição ao cigarro.

-Tem muito dinheiro envolvido também.

-É.

E por que o álcool não tem essa conotação negativa, como tem outras drogas e o tabaco?

-Não sei, porque eu acho o álcool muito pior do que o cigarro. O cigarro você faz mal pra você. A fumaça incomoda, mas você faz mal pra você. Já o álcool você pode matar outras pessoas com o carro, você pode meter uma faca em outra pessoa quando ta nervosa, eu acho o álcool muito pior pra sociedade do que o cigarro.

-Eu acho que é cultural, o álcool, o vinho, é muito antigo, tudo bem, o cigarro também, mas o álcool é mais.

-Se você procurar todos os povos tiveram ou têm um fermentado ou um destilado.

Vocês têm uma opinião sobre o álcool não ter essa conotação negativa? Muito pelo contrário, ser muito associado à diversão e a eventos sociais, como vocês mesmos falaram.

-Ah, acho que é muito cultural mesmo, né? Vai passando de geração pra geração porque é uma coisa bonita beber, uma taça de vinho.

-E também acho que o álcool é uma droga social, o cigarro não é. O cigarro é mais uma coisa pra você. O álcool tem mais uma coisa que sociabiliza. O álcool é uma coisa que acaba potencializando um movimento de festividade, tanto que tem muitas festas no mundo inteiro que estão associadas ao álcool. Sei lá, dia de São Patrício, na Irlanda, totalmente associado ao álcool.

-Aquele da cerveja, né? Oktoberfest.

Você disse que aqui o álcool não é restringido. Deveria haver uma restrição?

-Eu acho que quando você tá bebendo e vai dirigir você fala “putz, que medo de pegar o carro! Que porcaria de lei!” Mas pensando racionalmente acho que a lei é boa, pensando racionalmente é uma pena que a lei não tenha pegado, a polícia não tá muito efetiva pra fazer fiscalização, e tal, acho que deveria ter uma restrição comercial, acho que não deveria ser associado a esporte nenhum, é péssimo isso.

-Não combina, né?

-Não combina.

-Mas é que nem o cigarro, antigamente era bastante divulgado pela Fórmula 1, né? Todos os carros tinham patrocínio do cigarro, do Marlboro, e o cinema também. Então acho que é uma coisa que dependendo da cultura, da sociedade vai diminuindo ou aumentando, né?

-Óbvio que o Ronaldo seja garoto propaganda da Brahma. É muito estranho um esportista como o Ronaldo ser garoto propaganda da Brahma. Até pelas notícias que a gente ouve do Ronaldo, é muito óbvio que ele seja garoto propaganda da Brahma, só que fica estranho, não casa, sabe? Parece ser uma coisa muito forçada.

-E acho que deveria aumentar a restrição pra menores de idade. Eu acho que começa deles, porque quando você é menor você não pode, e acaba fazendo o proibido e aí entra na faculdade e alastra.

-Eu não concordo com você. Eu penso assim: não deveria ser vendido pra menor. Eu concordo, mas tem que ter um jeito pra quando chegar na idade não alastrar, né? Mas é que tem muita propaganda: compra, compra, compra. Não, aqui você não compra. Teria que trabalhar muito pra não conseguir não vender pra menor. Acho que é praticamente impossível, mas é uma coisa que funciona no exterior, não vende. Você em q mostrar o seu RG, vai, pede, chama a sua mãe, e se você tá com a sua mãe vende. Vai, chama a sua mãe, assina, e aí vende. Senão não vende. Você

vai nas festinhas, tem. Chega a polícia ta todo mundo fumando maconha e tomando cerveja, a polícia ta chegando, todo mundo esconde a cerveja e fica fumando maconha. Se a polícia te pega com cerveja você é preso. Se a polícia te pega, adulto, no Canadá, Estados Unidos, alguns na Europa, tem aquele lance da balada de te carimbar, senão você não pode beber, é bem mais sério, o problema do Brasil é que acho que porque não tem rigor, é uma coisa que tem a lei, mas ninguém fiscaliza, ninguém faz nada, você fazer a lei e não fazer a lei cumprir. Então todo mundo faz o que quiser.

-Eu fiz intercâmbio nos Estados Unidos assim, e acho que o álcool tem uma coisa muito negativa pelo álcool ter a proibição que tem lá, e quando bate vinte e um anos ele não agüenta mais, e ele bebe muito! A maturidade demora um pouco mais pra chegar pra ele do que aqui no Brasil. Então não sei, aqui no Brasil talvez seja interessante aumentar a restrição, a fiscalização, e realmente estender pra menores de dezoito. Lá pelo menos eu via a proibição como uma coisa que só acontecia ligado ao uso quando era permitido ou quando o jovem bebia escondido. Eu cheguei lá eu tinha dezesseis anos, ia beber lá com meus amigos que também tinham dezesseis, dezessete, mas lá eu não tinha esse negócio: vou beber muito porque eu não posso nunca. E eles tinham isso, e nas vezes que eu bebi eles tomavam porre e eu ficava bem, tranquilo, porque não era novidade pra mim. Então talvez a proibição seja algo que na hora que libera, arreventa.

-A proibição é muito complicada, mas se você pensar numa pessoa que experimenta maconha, com treze anos, e uma que experimenta com dezoito, em média, né? Quem experimenta com dezoito vai largar mão antes, do que quem experimenta com treze, porque você ainda é muito imaturo, então você ta consumindo e não ta sabendo o que você ta fazendo. E aí com dezoito, eu concordo que a proibição só vai deixar você beber com vinte e um? Mas também tem a ver com maturidade, Acho que com vinte e um você já pensa melhor nos seus atos, já passou por muita coisa, então tem os dois lados, acho que pesa.

-Acho que o pior é a coisa da propaganda mesmo. Se você só pudesse beber com vinte e um, mas fosse uma coisa mais natural, assim, tudo bem, mas você cria uma fantasia assim de um mundo maravilhoso que você ta perdendo enquanto você não tem.

Anexo 4

Entrevista do grupo formado por alunos do 4º ano

Como é o uso do álcool na vida de vocês hoje?

-Vamos começar pelo abstinência então, né? Eu não bebo, então o uso do álcool é zero.

-E por que você não bebe?

-Hmm eu não sei, é uma soma de fatores. Um dos fatos é por eu não gostar, já experimentei, eu não gosto do gosto, não gosto dos efeitos, já vi pessoas em péssimas condições por causa do álcool, destruindo suas vidas.

-E em boas também, né? (risos)

-Puxando isso que ele falou, de não beber, eu bebo muito pouquinho, por não gostar muito, e nada mais. Mas acho que faz parte de ocasiões bem esporádicas, assim. Uma vez a cada dois meses, três meses, eu bebo uma caipirinha.

-Mas você tá falando de beber nesse sentido? Muito, beber pouco, assim...

Qualquer uso de álcool.

-Tá, vou especificar um pouquinho a situação. Geralmente é quando eu saio com os amigos, vou em um lugar legal, daí eu tomo uma bebida assim. Mas é bem pontual.

Por que esta escolha de ser pouquinho, pontual?

-Por não gostar muito. Tanto que cerveja essas coisas eu não gosto muito, gosto mais de caipirinha, essas... Destilado, né? Acho mais gostoso. E é isso, acho mais gostoso mesmo. Pelo sabor, e tal. Mas não é uma coisa muito reforçadora. Prefiro comer um doce. (risos)

-É, eu sou contrária, eu gosto bem mais de cerveja do que de outras bebidas, mas eu acho que eu já bebi com maior frequência. Porque agora eu tomo mais um pouco de cuidado porque eu tenho muita dor de cabeça com qualquer quantidade de álcool.

-Mas na hora ou no dia seguinte?

-Não, no dia seguinte. Mas não necessariamente porque eu bebi todas. Isso já aconteceu, várias vezes (risos), mas não assim, eu tenho uma resistência baixa pra dor de cabeça, então hoje em dia a gente toma mais cuidado, mas acho que pelo menos uma vez no fim de semana rola uma cervejinha de boa.

Mas antes então você tinha um uso mais elevado?

-Eu acho que sim, agora eu tomo mais cuidado, porque eu não to mais topando. Antes eu pensava: ai, amanhã é outro dia, ficar com dor, tal, porque hoje em dia eu tenho dores de cabeça horríveis, e o álcool é um fator, tipo, é certeza que eu vou ter, sabe?

Mas hoje então você não bebe pelas conseqüências fisiológicas mesmo?

-É.

E antes por que você bebia mais?

-Ah, eu não bebia tanto mais, mas acho que hoje eu bebo menos, mas não que antes eu bebia muito, sabe? Não, sei, acho que ou o meu organismo foi ficando pior, menos resistente, acho que foi ficando mais sensível, as dores de cabeça começaram a ficar mais freqüentes do que antes, não sei, e acho que antes eu me preocupava menos com isso. Também acho que era uma outra fase.

Que fase?

-Não sei, de começo de faculdade, que foi uma época que a gente ia muito no bar...

-Ah, eu bebia mais também.

-É, eu bebia mais, hoje em dia acho que eu escolho mais.

-Mas outra coisa é que também nós três estamos namorando, acho que diminui isso, assim. Você sai menos. Ou você sai os dois, você sai pra beber, e sai os dois, e conversa, não é uma festa, balada, e balada você bebe de outro jeito.

-É, quando eu comecei a namorar eu também diminuí bastante. Principalmente porque eu bebia de sexta e sábado, sem falta. Agora como eu fico com ela sábado, agora eu bebo só sexta. Não que eu deixe de beber por causa dela, mas não convém. Agora quando eu bebo na frente dela é mais social.

-É que é o tipo de programa.

-Mas comigo foi o contrário. Quando eu comecei a namorar eu bebia mais.

-Porque você não agüentava ele! (risos)

-Não. A gente saía, tal, e eu bebia. Hoje em dia também to numa fase de beber menos, mas também pelos lugares que eu vou, assim. Não evito, nem nada, mas não é um pré-requisito. Aí eu tenho bebido bem menos.

-Não sei, mas vocês sentiram alguma diminuída, que nem vocês falaram, do começo da faculdade, a gente mais eufórico.

Mas como assim começo de faculdade? Vocês concordam que no começo de faculdade vocês bebiam mais?

-Ah, era tudo novidade, né? Você vai conhecendo as pessoas, as festas são mó animadas.

-Ah, acho que agora tem mais coisa pra fazer, né? Eu lembro que no começo da faculdade...

-Ah, eu não concordo com isso! Acho que as pessoas desanimam mesmo.

-Não sei, porque eu lembro que no começo de faculdade a gente ia pro bar várias vezes durante a semana, de manhã, de tarde, é difícil a gente fazer isso hoje em dia.

-Não, eu ainda bebo de terça e quinta, mas só no final do ano. É, só no final do ano. No último mês.

Mas você concorda que no começo de faculdade se bebe mais?

-Sim, mas pela euforia, pela novidade, não pela facilidade.

-Pra mim foi diferente, assim.

Como foi pra você?

-Eu fui pouquíssimas vezes em bar e barzinhos na faculdade. Eu curti essa fase quando eu tava no colegial. Eu fiz tudo antes, assim. Quando eu cheguei na faculdade eu fiquei meio anti-social.

-Mas isso faz sentido. Como eu disse, eu bebo bem pouquinho, mas eu no colegial eu não bebia nada, nada! Daí eu entrei na PUC, sei lá, você faz dezoito anos, uma série de questões mó legais, e isso de sair bastante, de ter várias festas e bar no meio da tarde, e acho que eu bebi mais sim, do que hoje em dia.

-Pra mim eu me vejo bem parecida com essa experiência. Cheguei aqui não bebia, no trote queriam jogar pinga e troço em mim, eu comprei um sorvete porque pensei que se tiver ocupada comendo alguma coisa, não vão me atormentar. Mas tipo, a gente vai criando. Porque tá numa festa, vai, bebe um pouquinho, acho que mesmo o sabor é uma coisa que habitua. Hoje eu gosto de bebida, eu gosto de experimentar cerveja nova com o meu namorado, a gente vai experimentar cervejas diferentes. Então é de outro jeito, mas tinha muito mais festa, muito mais churrasco, todo mundo solteiro, acho que o contexto vai contribuindo. Acho hoje, se tivesse festa e eu tivesse solteira, pode ser que eu tivesse bebendo, também.

-Mas vocês também não acham que a qualidade do beber é diferente?

-Sim, mas não sei se dá pra falar, tipo assim, ah, no primeiro ano, no quarto ano. Acho que é muito mais pelo contexto. Acho que se a gente continuasse solteiro, e continuasse com muita festa, sei lá, acho que tem meninas que a gente conhece que não sei se mudaram muito, né?

-Acho que até aumentou.

E qual era o sentido de beber?

-No começo da faculdade?

É.

-Socializador.

-Ah, isso de ser novidade. Também acho que tem a ver com isso, de ser uma coisa nova.

-Outra etapa da vida, né? Coisas novas, outro período.

Em relação à sociabilidade. Você que não bebe, você concorda com isso? Como é ser abstinência?

-Você não pode não beber, né?

-Você fica lá sentado no negócio, você é obrigado, né? Que ser bizarro é esse que não bebe, né? Eu me sinto muito mais sociável dentro da faculdade do que fora dela, sabe? Quando a galera vai pro bar raramente eu vivencio esses momentos, pra não ter que ficar agüentando encheção de saco, de ter que ficar respondendo pergunta que eu não gosto, sabe?

-Deixou de ser convidado ou você não ia?

-Não, eu não ia porque começou a encher o saco. Sempre me enchiam o saco. Na hora que eu trabalhava já enchiam o saco. Até o pessoal acostumar que eu bebia chá, tomava o chá junto com eles e conversava, entendeu? Fica um papo meio estranho, aí você vira o assunto da mesa, é, sei lá. Nossa, que cara estranho, sabe? Eu evito esse tipo de situação pra não ficar irritado, sabe? Uma coisa que tipo, eu já passei por isso, sabe? Não vou passar de novo por essa situação.

E por que vocês acham que o álcool é necessário entre amigos, eventos sociais?

-É que as pessoas são bem tímidas, né?

-É, tem as pessoas que você quer xavecar, quer se aproximar... Às vezes ta eu e mais três amigos. Eu não preciso ficar mais solto com eles. Às vezes é só pra rir, falar besteira.

-Depende com quem você ta. Acho que é um momento de ta junto. É um dos momentos em que você ta junto dos seus amigos. Você podia ta tomando um café. Mas você também podia ta tomando uma cerveja, sabe? Acho que é um momento junto.

-Pode ir muito no sentido que você tava falando de no começo do ano, sabe?

-A galera todo mundo empacotada dentro de si mesmo numa aula de interpessoal e depois mó se abraçando depois da aula no boteco, sabe?

E vocês concordam que é por uma razão de timidez, desinibição?

-Acho que são várias coisas, né? Acho que são vários fatores, como por exemplo o de timidez, mas acho que tem gente que gosta simplesmente pelo prazer, bebe sozinho também porque curte, sei lá. Acho que tem também a função sozialisadora, que chega numa balada e tem que pegar um copo de alguma coisa, e um cigarro pra começar a se sentir na festa. Mas acho que tem funções diferentes.

Por que você acha que ele só consegue se sentir na festa com um cigarro e uma bebida?

-Eu não sei te dizer, não acontece comigo. Mas eu observo isso, eu vejo. Às vezes nem é ambiente...

-Mas por que você acha?

-Então, eu não sei.

-Mas já parou pra pensar?

-Eu já parei pra pensar e não cheguei a nenhuma conclusão.

Alguém tem alguma opinião?

-Não sei, acho que é uma análise mais histórica, assim. Essa presença de álcool e festa, álcool na festa, não sei, é uma coisa que não sei quando começou, eu tenho impressão que isso é cultural, e que tem muito a ver. Eu não consigo imaginar quando começou, mas eu consigo imaginar que é uma coisa que veio de muito tempo. Então é uma coisa que combina, culturalmente falando. Não sei explicar muito bem.

E como é isso pra você, já que há muita bebida e você gosta de um uso mais moderado?

-Então, eu tava pensando nisso até que ele falou. Eu acho que por ser mulher é mais fácil beber bem pouco ou não beber em festas. É muito comum.

-Até pega bem, né?

-Bom, explicando melhor. Acho que hoje em dia é tranquilo de lidar com isso, de em festas beber bem pouco ou não beber porque eu sou deste jeito, então os meus amigos já me conhecem. Talvez se for o contrário é que você é o estranho. Quando é mais novo, assim, 17-18 anos,

quando a pessoa começa a beber, daí eu sentia uma pressão mais forte, mas eu acho que eu sempre banquei esse meu jeito de ser. Eu lembro muito bem de uma situação em que a gente saiu em um grupo de amigos, tinha um menino que era mais velho, e que ele sentou e pediu tantos chopps, contando todo mundo na mesa incluindo eu, sendo que eu não bebia nunca. E o chopp chegou e eu disse: eu não quero, e ele disse: bebe aí, bebe aí. Chegou e eu não bebi, assim. E eu deixei ele lá quente e não paguei. Meu filho, eu não pedi, sabe? Daí ele parou de ser desse jeito, e... Sei lá, acho que você vai pondo o seu espaço, e você consegue aproveitar sem essa necessidade. Então hoje em dia eu aproveito bem, as pessoas me respeitam, e é gostoso. Sem problemas.

-E tem uma coisa também de companhia, não falam? Pensando nessa questão porque no primeiro ano acabam usando mais. Eu percebo, tem gente que fala isso por exemplo com o cigarro. Tipo, você tá parado num lugar fumando, não é que você não tá fazendo nada, você tá lá assim, você não tá fazendo nada. Se você tá assim, você tá fumando. E é um pouco isso: não to sozinho, to com meu copo. To bebendo. Parece que te tira de uma posição passiva pra to fazendo alguma coisa. Vira uma companhia.

E como é estar sozinho?

-Estar sozinho entre muitas pessoas é desagradável. Eu usaria este recurso. É um recurso que às vezes eu acabo recorrendo. Tipo, sabe você tá lá na rodinha, todo mundo conversando, e meu, você sobrando de lado.

-E tem gente que se inclui melhor mesmo quando bebe.

Vocês disseram, que em sua maioria, o uso do álcool diminuiu ao longo da faculdade. Vocês acham que este beber para não estar sozinho pode estar de algum modo relacionado?

-Tipo relação inversamente proporcional? Me sinto menos sozinho bebo menos, me sinto mais sozinho bebo mais? É, pode ser.

-No primeiro ano você chega, e sei lá, falando por mim que é mais próximo, você não tem ainda um lugar, e tá procurando isso, né: Quem eu vou ser dentro deste grupo? E daí você encontra, sei

lá, pra mim tem muito a ver com isso, defini, sou mais ou menos assim, e daí você não precisa de uma coisa que todos fazem, sei lá.

-Lembro do show do Jorge Ben Jor, que a minha irmã ta no primeiro ano, e a gente comentou das amigas delas, completamente chapadas, a minha irmã não tava bebendo, e a gente percebeu isso, assim.

-É, eu acho que tem uma coisa que você vai se conhecendo melhor. Vai descobrindo o que você gosta mesmo, o que você não gosta. O começo de faculdade, a faculdade toda na verdade, mas no começo da faculdade você ta descobrindo muita coisa, inclusive o seu jeito, sabe? Acho que vai passando um tempo você vai, se você não quer beber não vai beber mesmo e dane-se, sabe? E as pessoas também te conhecem, então, acho que é uma coisa de ir se conhecendo melhor talvez.

Vocês concordam que o autoconhecimento está diretamente relacionado ao uso do álcool ou no tipo de uso de álcool que é feito?

-É bem provável.

-No meu caso sim.

-Porque você descobre outros recursos. Eu posso telefonar pra fulano. To sozinha, mas OK, isso não quer dizer que eu não tenha amigos, isso não quer dizer que eu seja sozinha, você começa a reconhecer que é o momento, e que não é a sua vida. E é uma coisa que eu acho que o pessoal mais novo não faz essa distinção. Se ele não ta incluído no grupinho àquela hora, ferrou, não tem amigos. Aí apela.

-Mas pessoas que bebem bem mais que eu: ela percebeu que ela adora beber. Eu gosto muito de dançar. Em balada eu gosto muito mais de dançar do que de ficar bebendo, sentada no balcão. E tem pessoas já que não, que gosta muito de ta no outro lado. E esse autoconhecimento ta nos dois lados.

-Acho que você passa a fazer o que você ta a fim de fazer, sabe? Sem muito pensar no que as pessoas tão achando. Desculpa, mas foda-se, sabe?

-Mas ao mesmo tempo é divertido assim, isso. Sabe, você ta na balada, você ta com vergonha, de repente você começa a beber e você não precisa lidar mais com essas travas. É divertido você não ter que lidar com isso.

-É, você não precisa pensar nas coisas que você faz.

-É! Não lembro, ai, não lembro não fiz.

-Tira a responsabilidade.

Mas foi dito que hoje em dia vocês se importam menos com a opinião dos outros, com o que os outros pensam. A influência dos outros fazia vocês beber mais ou menos?

-Eu to num local, ta todo mundo bebendo, é desagradável assim, não ficar no clima. É que eu sempre bebo. Mas teve ocasião em que eu não bebi porque estava bebendo remédio e é horrível. Você vai ficar no clima, mas fica em outro, você quer beber, mas não pode, eu me senti excluído, eu não aprendi a lidar com isso.

-Mas esse sentimento de ser horrível é porque você acha a diversão bebendo, entendeu? Eu acho a diversão em outro lugar.

-Mas uma coisa que eu penso é que se você precisa ta bêbado pra ta num lugar, é porque esse lugar deve ser um saco.

-E por que a gente não conversa na sala e não no bar?

-Eu acho que acontecem as duas coisas, sabe? É diferente.

-É, é diferente! Mas eu acho que isso que você perguntou da bebida, se se importa menos ou mais, com o que as pessoas acham, acho que a bebida faz parte de um contexto maior, faz parte de uma questão de amadurecimento, sabe? Não só com a bebida, mas com várias coisas, sabe? Desde você perceber o que você gosta na faculdade ou não, então é um todo assim. E com a bebida também, você acaba se conhecendo melhor também em relação à bebida. Então acho que no começo da faculdade, seja um momento em que você, claro, é novo, não se conheça tão bem tanto como no final.

-Eu via muito por esse lado, assim, de experimentação, então vamos um pouquinho mais pra ver como é que fica.

-Para ver até onde que vai, você vai se conhecendo, assim. Eu acho que o uso tem a ver com este “explorar”. Você explora e vai se conhecendo, você vai usando e vai vendo até onde dá, e acho que conseqüentemente vai diminuindo.

Mas então no início da faculdade acontecia um uso de álcool por parte de vocês que vocês não queriam mesmo beber?

-Não, acho que não.

-Eu sou uma pessoa que não bebo em casa, por exemplo, sozinha lá vou beber?

-Coisa de alcoólatra isso.

-Daí eu fico pensando que talvez a força do grupo estivesse aí. Eu só bebia com eles. Com amigos nessa idade, e não em outras ocasiões.

-Ah, acho que nessa fase eu bebia como recurso mesmo. Lembro de uma vez antes da faculdade, eu tinha uns quinze anos, eu não bebia de jeito nenhum, e sabiam disso. E tinha um grupinho de meninas numa festa que eu fui cochichando e rindo, que elas iam beber. E me deixaram de fora porque “ela não bebe”. Aí eu falei: “meu, quem disse que eu não bebo?” Aí fui lá e bebi, mas pra estar dentro. Eu já usei como recurso.

E por que você acha que o álcool está tão associado à diversão, a eventos sociais, como se fosse uma obrigação muitas vezes, havendo a necessidade de beber para estar incluída?

-Destrava, relaxa.

-É um modo de extravasar.

-Ele tira o superego.

-Ou tipo, acabou o TCC, hora de comemorar, sabe?

-E acho que tem a coisa histórica mesmo. Que comemoração, festa, sempre esteve ligado à isso. Por que não terminar o TCC e não tomar um suco, sempre uma cerveja?

Mas muitas vezes o álcool não vai ter esses efeitos de relaxamento, de finalização de processo, bem estar, e muitas vezes as pessoas são coibidas a beber, como vocês falaram.

-Sim.

Por que está tão associado a esta obrigação?

(silêncio)

-Não sei, lembro de quando você bebe muito num dia e fala “nunca mais vou beber”, porque ou aconteceu alguma coisa, ou você ta mal fisicamente, e as pessoas voltam a beber, e acho isso engraçado, sabe? E eu penso nisso, parece que é uma obrigação, né?

Você que é abstinência tem alguma opinião a respeito disso? Por que o álcool está tão associado, tão arraigado à diversão, festividades.

-Acho que é meio que somando o que eles foram falando. Para poder se liberar. E quando me questionam o por que eu não to bebendo, parece que estou traindo o grupo, que está ficando cada vez mais exposto, sabe? O jeito que falam comigo é como se eu fosse um traidor da situação, que todo mundo está se expondo e eu não estaria fazendo isso, sendo que eu sou muito mais aberto do que eles, em qualquer situação, independente da bebida, sabe? E quando me questionam, já trazem o copo, colocam na minha frente, e falam que hoje eu vou beber: “hoje você vai beber, quero ver muito você bêbado, você deve ser mó não sei que lá”. A sensação é que eu seria um traidor se eu não bebo, que se eles pudessem por um posto, bater e queimar, eu seria, sabe?

-É difícil achar assim um porque. Eu me ligo muito a uma questão que historicamente festa e bebida estão ligados, e apesar de eu beber pouquinho, não acho que não deva ser assim, ok, faz sentido, combina, eu não sei uma justificativa.

-Até um momento atrás também era histórico você bater nos pretos só porque eles eram pretos. Não sei se é uma justificativa.

-Mas é diferente. Mas a pessoa pode beber e ficar bem, não fazer nada com outra pessoa, no sentido negativo.

-Não me parece uma justificativa ser uma coisa histórica.

-Mas não sei uma justificativa sem ser essa. Sempre existiu, sei lá.

-Eu lembrei um pouco do que ele tava falando. De uma sensação de relaxamento, e tal. Ela tem um efeito, não é só uma coisa que ta presente ali, tem um efeito.

-Até onde eu entendi a sua pergunta é porque e uma festa as pessoas querem te obrigar a um uso da substância, não é?

Isso.

-Mas faz sentido, por causa do efeito.

-Mas depende da festa, num chá de bebê...

-Mas onde o álcool ta presente tem um papel, descontração.

-É, ta lá pra ajudar o pessoal a descontrair, né?

-Mas qual é a expectativa social que faz com que você beba? A idéia é descobrir porque as pessoas querem que você beba, sabe?

Você pode falar um pouco mais dessa expectativa social?

-Eu vou falar meio que por mim mesmo. Há uma grande expectativa de que você esteja lá envolvido com tudo que o pessoal ta fazendo, né? Se você não faz aquilo ali parece que você fica numa posição meio que privilegiada, vendo o pessoal meio que se expondo, como se você não ta bebendo você não ta perdendo o controle, sabe? É o que mais acontece comigo, sabe? Já me falaram isso. Não todo mundo, mas é o que mais me falam pelo menos. E dois: tem a expectativa social que você seja mais divertido, mais descolado, mais não sei o que. Quando você não bebe você ganha a cara de “o careta”, né? O crente, sabe? A associação do crente reto, inibido, que não conversa, que só conversa de determinados assuntos de igreja...

-Não faz sexo.

-Exato. Você é viado? Tipo, Cazuza bebia pra caralho, sabe?

E vocês acham que o uso do álcool traz essa desinibição, essa diversão, ou vocês acham que nem sempre?

- Eu acho que em vários momentos traz, mas nem sempre. Ah...

-Traz, traz sim.

-Acho que pode trazer sim. Alguma coisa prazerosa tem, entendeu?

-Mas traz. Pelo efeito da bebida mesmo. Uma vez eu fui no bar com os meus pais, pra comer assim, não é uma coisa “nossa, vamos se acabar de beber com a minha mãe”. Mas a gente começou a beber e a gente começou a ter crises de riso, e a gente tava achando gostoso, e porque “nossa, esse chopp ta bom”. E a gente divertiu. Então tem o efeito assim. Mesmo quando não ta

esperando isso assim, não ta bebendo buscando essa função, às vezes acontece. Você ta num jantar de família, e de repente todo mundo ficou bêbado.

-Sabe o que eu acho também, ainda nessa questão social? Tem também o status da bebida. Em jantares de família também, essas coisas, “esta bebida é de sei lá quando” e tem toda uma questão de valorização da bebida, e de como ela é produzida.

-Mas você falou de uma coisa que eu nem pensava. To pensando naquele uso de cigarro por adolescentes, uso do álcool por adolescentes, que já aconteceu em uma situação que você é menos adulto porque você não bebe, sabe? “Ah, você não bebe ainda? Ah, mas daqui a pouco você vai começar a beber”. Construindo um padrão de maturidade, sabe? “Agora eu bebo, eu sou mais maduro do que você”. Ah, cala a boca!

-Hoje em dia não. Quem bebe muito, mais imaturo. Se eu sou aquele moleque que todo final de semana caio no chão bêbado, sabe? Ta nessa fase adolescente.

E vocês acham que no começo de faculdade as pessoas bebem para parecer mais velhas?

-Não

-Ah, acho que sim, vai. Acho que entre outras coisas. Ta num momento de que você é adulto, sabe? Você ta estudando pra ser um profissional, eu acho que tem a ver sim.

-Eu não sei se pra parecer mais velho, mas assim, pra de repente conseguir se incluir entre os mais velhos. Mas não por querer ser igual a eles, mas pra ta entre eles.

-Acho que hoje as pessoas tem muita pressa de crescer, sabe? Você vê criancinha, elas querem ficar mais velhas, almejam as coisas que os mais velhos fazem. E tem a ver com finalmente você ta numa etapa que você pode fazer as coisas eu você quer, um pouco mais emancipado, sabe?

Mas por que a necessidade de beber para estar incluído em algo?

-Ah, acho que não é só bebida, né? Acho que pra você ta incluído num grupo você tem que ter alguma coisa em comum, e acho que não é só bebida. Depende do grupo.

-Ó, o que eu acho é o seguinte: a bebida é como se cabe pra qualquer grupo, assim. Entre a maioria dos grupos, é difícil pensar em um grupo que a bebida não é um fator que une todo o grupo. Por beber menos, eu sempre tive outras questões que me fizeram ser incluída no grupo. E

talvez seja isso: você entrou na faculdade, todo mundo novo, o que que todos fazem? Bebem. Mas é uma pergunta muito difícil. Me instiga.

Mas por que o álcool ta tão arraigado em todos os grupos, em geral?

-Acho que por esta descontração.

-Acho que a bebida tem o poder de fazer você esquecer de alguma coisa. De você focar o momento em outra coisa. “Putz, to puta, aconteceu tal coisa, não quero pensar nisso, vamos tomar cerveja, vai!”. Um momento de parar de pensar no que ta te incomodando e curtir uma outra situação. As pessoas usam isso como esquecer de alguns problemas, de alguma coisa que ta incomodando.

-Que é uma coisa legal. No mundo que a gente ta hoje, você tem um momento pra sentar, pra relaxar, ta ali com uma pessoa realmente presente, conversando, trocando alguma coisa, é uma coisa muito gostosa de ter. E você pode fazer “ai, vamos almoçar juntos num natural”, mas esse momento de parada que vem junto com a bebida é muito gostoso.

Vocês concordam que o álcool pode ser utilizado como uma fuga de possíveis problemas?

-Não sei se é fuga, mas um momento de presença.

-Não sei se é só o álcool. A maioria das pessoas considera esse jeito de fazer esse parênteses.

Mas o que seria esse parênteses?

-Você ta lá na correria do dia-a-dia, vamos parar, ok? Vamos parar e conversar, extra trabalho, extra faculdade, e fazer um momento mais relaxado mesmo, mais sussa. Mas que poderia ser feito de outro jeito, realmente. Eu prefiro ir numa doceria, porque eu adoro doce, e ficar conversando, vai ser bem relaxante. Mas não é todo mundo, acho que o álcool é uma coisa mais geral.

-É que tem o efeito também, ne? Não tem como negar.

-Eu tava pensando numa coisa mais fisiológica. Você pode não beber, mas alguma coisa que te dá prazer ou que te relaxa você faz. E até os animais, sabe? É uma coisa que acontece, sabe? A gente não é só social.

-Mas e a comida? Essa coisa assim de tradição das famílias italianas e almoço de domingo. Tipo, a comida é o momento de parar, de compartilhar, e a bebida vem junto com a comida. Acaba sendo um momento em que você também parou. Não que você pára por causa da bebida, mas ela tá ali quando você pára.

Foi falado que poderia ser algo como um café e como qualquer outra bebida, mas que geralmente é a bebida alcoólica. Por que? Por que o álcool e não outra bebida?

-Aí que entra o negócio do efeito.

-Sim, do efeito.

-Do efeito e da questão histórica.

-Por que vocês escolhem ir pra um bar e não pra uma cafeteria? O que faz a escolha não ser diferente?

-Eu acho que é uma questão cultural, gente. Existem bem mais opções, mas é algo que dá um resultado no momento do que o que você tá procurando.

-Acho que é o que ela disse, de ser da cultura mesmo. O Brasil é um país quente, cerveja você toma gelada, toma no calor. Acho que se a gente fosse de um inverno, sei lá, possivelmente tomaríamos café talvez.

-Ou vodca.

-Mas há outras opções. Você pode ir pra um café ou ir pra um bar.

-Às vezes você tá com vontade de comer um doce e às vezes você tá com vontade de comer um salgado, sabe? Às vezes você eu quero tomar alguma coisa e às vezes eu quero comer um brigadeiro.

Mas por que geralmente, entre eventos sociais de jovens, quase sempre a bebida está incluída? Muitas vezes a pessoa bebe uma quantidade controlada de álcool e nem chega a sentir os efeitos do álcool. Mas por que a bebida está ali?

-Eu acho que pelos efeitos, sei lá.

-Imagina uma festa sem álcool e uma festa com álcool. Uma festa com suquinho de caju, sei lá, o pessoal vai se divertir muito mais na festa com álcool. Na festa com suquinho de caju o pessoal vai ficar muito mais acanhado, o álcool deixa você se soltar mais.

-Depende também da intenção. Se é uma festa em que as pessoas vão indo com a intenção de se soltar, elas vão procurar meio pra isso.

-Mas por que escolher ir pro bar e não pra cafeteria? É o tipo de conversa que você quer ter?

-Acho que é tudo isso. Acho que se for separar só uma variável a gente vai bater cabeça.

-Eu também acho, é um monte de coisa.

Mas foi dito que é muito forte e presente a parte fisiológica, os efeitos que o álcool traz para o corpo.

-Não acho que seja só, mas é também.

Mas você que faz um uso controlado, há mais algum sentido em beber, além do efeito fisiológico?

-Ah, acho que sim, até porque como você disse, eu não sinto. Eu não sinto o efeito de beber um pouco mais. Eu acho que tem muito a ver com o lugar, a situação, eu tô me sentindo a vontade, tô achando um lugar bem gostoso e eu quero uma coisa que seja bonita e que tenha um gosto bom ao mesmo tempo. E porque o álcool...(silêncio). Ah, acho que sei uma justificativa: que é o que não tá no cotidiano, no dia-a-dia.

-Isso que eu ia falar, acho que rende outras coisas o álcool.

-Exatamente.

-É um outro momento. Você tá no extra dia-a-dia, e isso tem esse significado, de férias, de final de semana.

E vocês concordam que um dos sentidos do uso do álcool é não estar no dia-a-dia, no cotidiano?

-Eu acho.

-Mas como um momento de, sei lá, você tem um trabalho e tem um lazer, sabe?

-É um momento em que você faz o que você gosta, né? E só. É só um momento de prazer, e o cotidiano não proporciona tantos e só momentos de prazer.

E as pessoas que bebem pra estar incluídas em algo? Vocês acham que há a vontade de beber?

-Não, é um recurso, eu acho.

-Não sei, eu vejo por mim, assim. Tem momentos que você precisa ser aceito pelo grupo, e você pega, mesmo não gostando, vai acostumando. Acho que às vezes sim, não sempre. Tem pessoas que bebem pra ser aceitas, mas gostam da bebida. Acham prazeroso.

-Mas acho engraçado porque, normalmente, na primeira vez que as pessoas bebem, elas não gostam. Mesmo com cigarro. Você não gosta, o gosto é estranho, e de repente um dia você adora. E acho que tem a ver com isso, com essa repetição.

-Mas é muito comum isso, né? Você ta numa balada: “vai, bebe aí! Vodca com energético!” E você odeia vodca com energético, mas você vê a pessoa lá tapando o nariz e virando pra ficar bêbado. Já vi muita.

E por que você acha que ela quer ficar bêbada?

-Pelo efeito de desinibição. Mas é muito comum.

Só voltando um pouquinho. Por que o álcool é usado como recurso, e não o café?

-Porque o álcool não dá o relaxamento, os efeitos todos.

-Tem tudo a ver com aquilo de status. Se você andar com uma xicrinha de café, você não é bem aceito, meio que dá um outro significado pra você, sabe? Com a cerveja você é o cara comum, dos 90%. Com o café você é o 10% dos cantinhos, sabe?

Mas a bebida então é um modo de você se destacar?

-Se destacar não. É um modo de você se incluir, é aquilo que já tá meio que previsto, sabe? É o senso comum, sabe? Todo mundo bebe, todo mundo fuma, não sei o que lá mais.

E pra você como é ser diferente?

-Pra mim não usar qualquer tipo de bebida é bem tranquilo. Bem saudável pra mim.

-E as pessoas pegando no pé, que você falou?

-Há, dependendo da relação acaba ali, sabe? As pessoas não conseguem ver nada de mim além do fato de eu não beber, então não tem muito o que conversar com ela, sabe? Agora quando eu tô numa mesa conversando, eu continuo conversando com pessoas que não dão a mínima pra esse tipo de assunto, sabe? Mas aí limita algumas relações. Tem ambientes que eu não me sinto bem pra ir porque eu gostaria de estar com aquelas pessoas, mas não naquela situação.

Sempre foi assim?

-Sempre. Na verdade menos agora porque eu parei menos de importar. Quando eu comecei a sair, baladas, ia com meus amigos que não bebiam, então nunca fez muita diferença. Começou a fazer diferença no trabalho, que a galera saía do trabalho pra beber, e até eu instalar o meu chazinho sem ninguém falar mais nada foi um tempo, assim.

-Mas essa coisa do chá, por exemplo, tipo pensando no efeito. Eu tomo chá pra dormir, porque é uma coisa que me relaxa, que me dá sono. Acho que não é só o álcool, que a gente usa com um fim. Pó de guaraná pra ficar acordado.

-Café pra ficar aceso.

-A gente busca outros efeitos em outras coisas, mesmo em remédios.